



**RELATÓRIO DE ESTÁGIO
DE MESTRADO**

Ana Sofia Mendes Rocha

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E
ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

março | 2012

T/M/UMA
37
Roc Rel
Ex.2

73391
ROCHA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Ana Sofia Mendes Rocha

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E
ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

ORIENTAÇÃO
Maria da Conceição Figueira de Sousa

A toda a minha família que me apoiou e que esteve sempre ao meu lado, durante esta caminhada académica.

Sofia Rocha

Agradecimentos

Após esta longa caminhada, de quatro anos e meio que nos propusemos realizar, é nosso dever lembrar e agradecer a todas as pessoas que nos acompanharam seja de uma forma mais próxima ou mais distante.

Assim, começamos por agradecer à nossa Educadora Gorete Almeida, a, às professoras de 1ºCiclo, Alice Silva, Fátima Marques, e Mercês Sequeira, que foram as primeiras impulsionadoras para aquisição e gosto pelo conhecimento e curiosidade de querer saber mais.

Agradecemos à nossa Orientadora de Estágio, Mestre Conceição Sousa, que com a sua paciência, sabedoria, persistência e disponibilidade orientou todo o nosso percurso de aprendizagem, através do seu exemplo de vida, enquanto profissional. Relembramos também, a Mestre Guida Mendes, o Mestre Fernando Correia e o Doutor Paulo Brasão, director de curso, através da partilha de conhecimento, de informação e de auxílio.

As instituições que nos acolheram durante o tempo de Estágio, Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar da Nazaré e Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar da Ladeira.

Agradecemos ainda, às colegas de curso e às de casa que ao longo destes anos demonstram inter-ajuda, principalmente, nas situações boas ou menos boas.

À família, de modo particular aos meus pais, irmãos e ao namorado, pois foram eles que estiveram sempre ao nosso lado, transmitindo força e segurança para continuar esta longa caminhada académica.

Por último gostaríamos de estender os nossos agradecimentos a todos aqueles que de uma forma ou de outra, nos foram ajudando ao longo do curso e do nosso crescimento pessoal.

A todos os nossos sinceros agradecimentos.

Resumo

No contexto do curso do 2º ciclo de Educação Pré-Escolar e Ensino e do 1º ciclo do Ensino Básico da Universidade da Madeira, realizou-se o presente relatório final, resultante da Unidade Curricular de Estágio e Relatório. Este relatório constitui a sistematização e reflexão escrita de todas as atividades e projetos realizados durante a intervenção pedagógica referente à valência de Educação Pré-Escolar e à do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Para além disso, também apresenta uma avaliação geral dos grupos de intervenção, como de uma criança, na vertente de Educação Pré-Escolar, no que se refere ao interesse e à participação nas propostas de trabalho.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; 1ºCiclo do Ensino Básico; atividades; projetos; avaliação; grupos.

Abstract

Referring on the context of the 2nd Cycle of Pre-school and 1st Cycle of Basic Education Course at the University of Madeira, was carried out this final report, resulting from the Work Placement and Report of the same. This report consists on the written reflection and systematization of all activities and projects fulfilled during the educational intervention on the prevalence of Pre-school and 1st Cycle of Basic Education.

With no furthermore, this report presents a general evaluation of a group intervention in an infant in the aspects of Pre-school Education as regard as the interests and participation of the work that was proposed.

Keywords: Pre-School Education; 1st Cycle of Basic Education; activities; projects; evaluation; groups.

Abreviaturas

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico;

APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância;

CNEB-CE- Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais

DL – Decreto-Lei;

DREER – Direcção Regional do Ensino Especial e Reabilitação;

EA – Estudo Acompanhado;

EB – Ensino Básico;

EPE - Educação Pré-Escolar;

MAEPE – Metas da Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar;

ME – Ministério da Educação;

MEM – Movimento da Escola Moderna;

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCP – Organização Curricular de Programas;

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar;

OTL- Ocupação de Tempos Livres

PEE – Projecto Educativo de Escola;

RTP – Rádio Televisão Portuguesa;

Índice

Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Abstract.....	VI
Abreviaturas.....	VII
Índice.....	VIII
Índice de Figuras.....	XII
Índice de Tabelas.....	XIV
Índice de Gráficos.....	XV
Índice de Apêndices.....	XVI
Introdução.....	1
Parte I.....	4
Capítulo I - Enquadramento Teórico.....	4
Importância da Educação Pré-Escolar.....	4
Perfil do Educador.....	6
A Qualidade na Educação Pré-Escolar.....	10
Capítulo II - Contextualização Física e Humano.....	12
Caraterização do Meio.....	12
Caraterização da Instituição.....	13
Espaços interiores.....	13
Espaços exteriores.....	15
Recursos humanos.....	15

Caraterização da Sala.....	16
Caraterização das Crianças.....	21
Capítulo III - Intervenção Educativa.....	27
Fundamentos Metodológicos.....	27
Atividades Desenvolvidas.....	32
O corpo humano.....	33
A alimentação.....	42
O outono.....	52
O halloween.....	60
Outras atividades desenvolvidas com o grupo.....	64
Intervenção Educativa com a Família.....	66
Intervenção Educativa com a Comunidade.....	69
Participação nas Reuniões da Instituição Educativa.....	72
Avaliação.....	73
Avaliação do grupo.....	73
Avaliação da criança.....	78
Reflexão Final.....	84
Parte II.....	86
Capítulo I - Enquadramento Teórico.....	86
Importância do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	86
Perfil do Professor.....	90
A Profissão Docente.....	93

X Relatório de estágio: EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E 1º CEB

Capítulo II - Contextualização Física e Humana.....	96
Caraterização do Meio.....	96
Caracterização da Instituição.....	98
Espaços interiores.....	98
Espaços exteriores.....	99
Recursos humanos.....	99
Caracterização da Sala.....	99
Caracterização da Turma.....	102
Capítulo III - Intervenção Educativa.....	107
Fundamentos Metodológicos.....	107
Áreas Curriculares Abordadas.....	114
Área curricular de língua portuguesa.....	115
Área curricular de matemática.....	122
Área curricular de estudo do meio.....	131
Área curricular de expressão plástica.....	138
Observação das Atividades de Enriquecimento Curricular.....	141
Intervenção Educativa com a Família.....	143
Intervenção Educativa com a Comunidade.....	144
Participação em Reuniões da Instituição Educativa.....	146
Avaliação.....	147
Avaliação da turma.....	147
Reflexão Final.....	152

Conclusão.....	155
Referências.....	159
Apêndices.....	I

Índice de Figuras

Figura 1 - Planta da sala das estrelinhas.....	16
Figura 2 - Conclusão da decoração e legendagem do corpo humano.....	38
Figura 3 - Cartão de Identificação.....	39
Figura 4 - Quadro dos nomes.....	40
Figura 5 - Confeção do batido de banana.....	47
Figura 6 - “Roda dos Alimentos” e o cartaz dos alimentos a evitar.....	50
Figura 7 - Cesto das frutas do Outono.....	55
Figura 8 - Cartaz das ideias das crianças sobre o Outono.....	56
Figura 9 - Decoração da “Janela do Outono”.....	59
Figura 10 - Criança retira as sementes da abóbora.....	62
Figura 11 - Dramatização da história “Um jantar de arrepiar”.....	63
Figura 12 e 13 - Exemplos de castanhas decoradas pelos pais.....	68
Figura 14 - Planta da sala do 4ºB.....	100
Figura 15 - Explicação de como explorar o “Contador”.....	124
Figura 16 - Exploração do “Contador” pelos alunos.....	124
Figura 17 - Resolução de exercícios utilizando moedas de cartão.....	127
Figura 18 - Resolução do exercício com bolas de futebol em cartão.....	130
Figura 19 - Resolução do exercício com palhinhas.....	130
Figura 20 - Resolução do exercício relacionado com probabilidade.....	130
Figura 21 - Preenchimento da folha de registo.....	133
Figura 22 - Registo da informação sobre o projecto “Os Reis de Portugal pelo aluno do 4º A.....	136
Figura 23 - Realização de actividades lúdicas alusivas ao Natal.....	137
Figura 24 - União das muralhas do castelo.....	140

Figura 25 - Exposição dos castelos.....141

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Número total de crianças por género.....	22
Tabela 2 - Idades das crianças.....	22
Tabela 3 - Situação socioeconómica.....	23
Tabela 4 - Habilitações académicas dos pais.....	24
Tabela 5 - Número total de alunos por género.....	102
Tabela 6 - Idade dos alunos.....	103
Tabela 7 - Situação socioeconómica.....	103
Tabela 8 - Habilitações académicas dos pais.....	104

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Número total de crianças por género em percentagem.....	22
Gráfico 2 - Idades das crianças em percentagem.....	22
Gráfico 3 - Situação socioeconómica.....	23
Gráfico 4 - Habilitações académicas dos pais.....	24
Gráfico 5 - Número total de alunos por género em percentagem.....	102
Gráfico 6 - Idades dos alunos em percentagem.....	103
Gráfico 7 - Situação socioeconómica.....	104
Gráfico 8 - Habilitações académicas dos pais.....	105

Índice de Apêndices

Apêndice A - Grelha de planificação do Corpo Humano.....	II
Apêndice B - Grelha de planificação da Alimentação.....	IV
Apêndice C - Grelha de planificação da Alimentação e Outono.....	VII
Apêndice D - Grelha de planificação continuação o Outono.....	IX
Apêndice E - Grelha de planificação Halloween.....	XI
Apêndice F - Grelha de avaliação da criança 1ª semana.....	XIII
Apêndice G - Grelha de avaliação da criança 2ª semana.....	XV
Apêndice H - Grelha de avaliação da criança 3ª semana.....	XVII
Apêndice I - Grelha de avaliação da criança 4ª semana.....	XIX
Apêndice J - Grelha de avaliação da criança 5ª semana.....	XXI
Apêndice K - Grelha de planificação da 1ª semana de intervenção no 1ºCEB.....	XXIII
Apêndice L - Grelha de planificação da 2ª semana de intervenção no 1ºCEB.....	XXVIII
Apêndice M - Grelha de planificação da 3ª semana de intervenção no 1ºCEB.....	XXXIII
Apêndice N - Cronograma dos primeiros povos a habitar na Península Ibérica.....	XXXVI
Apêndice O - Grelha de registo da 2ª Dinastia.....	XXXVII
Apêndice P - Ficha sumativa da área curricular de Língua Portuguesa.....	XXXIX
Apêndice Q - Ficha sumativa da área curricular Matemática.....	XLIII
Apêndice R - Ficha sumativa da área curricular de Estudo do Meio.....	XLVII

Introdução

No contexto do curso do 2º ciclo de Educação Pré-Escolar e Ensino e do 1º ciclo do Ensino Básico da Universidade da Madeira, realizamos um relatório final de Estágio, decorrente da Unidade Curricular denominada de Estágio e Relatório. Este relatório constitui a sistematização e reflexão escrita de toda a nossa intervenção educativa referente às vertentes de Educação Pré-Escolar (EPE) e do 1º Ciclo do Ensino Básico (1ºCEB).

Tendo em conta o Despacho n.º 32081/2008 de 16 de dezembro de 2008, o referido Estágio é constituído por 200 horas de intervenção, sendo 100 horas destinadas à EPE e as outras 100 horas ao 1ºCEB.

Importa esclarecer que a intervenção educativa aconteceu durante 3 a 5 dias por semana, consecutivos, isto no caso da EPE e no 1ºCEB decorreu durante 3 dias por semana, também consecutivos, com uma carga horária, diária, de 5 horas respetivamente.

No que concerne à dinâmica do Estágio esta divergiu, em ambas as valências, isto porque na EPE foi efetuada individualmente, enquanto no 1ºCEB realizou-se a pares.

É importante mencionar que o Estágio teve a orientação da Mestre, Conceição Sousa, docente da Universidade da Madeira, e a cooperação da educadora Graça Silva membro docente da Escola Básica do 1º ciclo com Pré-Escolar da Nazaré e da professora Elisabete Salazar membro docente da Escola Básica do 1º ciclo com Pré-Escolar da Ladeira. As duas instituições educativas mencionadas localizam-se no concelho do Funchal e foram estas que nos acolheram com um enorme agrado.

Aquando do pedido do Estágio, foi estipulado que iríamos desenvolver atividades tendo por base as necessidades, os interesses, o bem-estar, o

2 Relatório de estágio: EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E 1º CEB

desenvolvimento e a aprendizagem dos grupos de crianças. Para além disso, também tivemos de seguir as OCEPE, no caso da EPE, que são os princípios gerais de apoio ao educador para desenvolver a sua ação educativa (Ministério da Educação (ME), 1997). Já no 1ºCEB existem vários programas, referentes a cada área disciplinar, que permitem os alunos realizarem experiências de aprendizagem, sejam elas ativas, diversificadas, integradas, sociáveis e significativas (ME, 1998).

Atendendo ao que foi referido, o presente relatório encontra-se dividido em duas partes, em que a Parte I diz respeito ao relato da intervenção pedagógica da EPE, e a Parte II refere-se à ação educativa no 1º CEB.

Cada uma das partes está dividida em três Capítulos denominados de Enquadramento Teórico, Contextualização Física e Humana e Intervenção Educativa.

Note-se que o Capítulo I Enquadramento Teórico está subdividido em três temas que são a Importância da Educação Pré-Escolar, o Perfil do educador e a Qualidade da EPE, isto na vertente na EPE. Quando à vertente do 1º CEB, é abordada a Importância do 1ºCiclo no Ensino Básico, o Perfil do Professor e a Profissão Docente.

Relativamente ao Capítulo II os temas referidos, em ambas as vertentes, são a caracterização do meio, da instituição, da sala, do grupo/turma e ainda das (os) crianças/alunos das instituições mencionadas.

Relativamente ao Capítulo III Intervenção Educativa é a parte, do relatório, onde descrevemos toda a nossa ação. Assim na EPE referimos os Fundamentos metodológicos e estratégias utilizadas para a realização das atividades referentes ao “O Corpo Humano”, à “A Alimentação”, ao “O Outono”, ao “Halloween” e ainda outras actividades com o grupo. Para além disso são mencionadas as intervenções com a família e com comunidade, a participação em reuniões e ainda a avaliação de uma criança, em particular e do grupo em geral.

Quanto à parte do 1ºCEB, consta também os Fundamentos metodológicos e as estratégias utilizadas para abordarmos os conteúdos e as actividades referentes às áreas curriculares da Língua Portuguesa, da Matemática, do Estudo do Meio e da Expressão Plástica. Ainda neste capítulo relatamos as observações realizadas às actividades de enriquecimento curricular que foram OTL (Ocupação de Tempos Livres), o Estudo Acompanhado (EA), a Expressão Musical e a Biblioteca; as intervenções com a família e com a comunidade e por fim a avaliação, geral, da turma.

Note-se que, no final, de cada parte, é apresentada uma pequena reflexão final em que são aludidas as dificuldades sentidas e as conquistas alcançadas, por nós, durante toda a intervenção pedagógica.

Para encerramos o relatório de Estágio elaboramos uma conclusão em que abrange as elações de ambas as partes, acerca dos pontos altos e baixos que aconteceram durante a prática pedagógica, como a importância da elaboração deste relatório.

Parte I

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Importância da Educação Pré-Escolar

A Educação Pré-Escolar e os Cuidados para a Primeira Infância em Portugal assume que EPE surgiu em Portugal desde do século XIX, mais principalmente quando a mulher começou a imergir no mundo do trabalho. Neste modo estatuto da mulher vem alterar a estrutura e o funcionamento do contexto familiar. Perante esta situação a referida vertente educativa relevou-se muito procurada e reconhecida com o intuito de orientar o desenvolvimento das crianças, uma vez que as mães não o podiam fazer da melhor forma por terem trabalho fora como dentro de casa (ME, 2000).

Assim sendo, a Lei nº 5/97, 10 de fevereiro, estabelece como princípio geral que:

“A Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.”

Como acabamos de verificar, a EPE para além de se um complemento é também uma continuidade da educação vinda do seio familiar da criança. Neste sentido, é necessário que o educador estabeleça diálogos permanentes com os pais e vice-versa com o intuito de existir partilha de informação, para que ambas as partes estejam a par de todas as situações que ocorrem com a criança. Para além disso, a participação das famílias no processo educativo é importante porque através de uma forma afetiva e cooperativa, com o educador podem definir projetos e atividades com o intuito das

crianças poderem alcançar níveis de desenvolvimento e de aprendizagem elevados (Lei nº 5/97).

É de salientar que para além da referida lei estabelecer o princípio fundamental para a EPE, anteriormente referido, também adianta vários objetivos específicos que devem ser alcançados nesta valência.

Assim, o primeiro objetivo é precisamente fomentar o desenvolvimento pessoal e social de todas as crianças; estimular o desenvolvimento global das crianças tendo em vista as suas características; promover a expressão e a comunicação utilizando diversas formas de linguagem; estimular a curiosidade e o pensamento crítico; inserir as crianças em vários grupos sociais de forma a respeitar a pluralidade das culturas; assegurar condições de bem-estar e de segurança, mais precisamente no âmbito da saúde individual e coletiva e por fim incentivar a colaboração das famílias e da comunidade no processo educativo, como já tinha sido mencionado.

Como podemos verificar os objetivos expressos na referida lei, são essenciais para que as crianças em idade pré-escolar possam atingir patamares de desenvolvimento, de competências, de habilidades e de aprendizagens muito elevados, para que quando ingressarem no 1º Ciclo possam estar, melhor, preparados a nível da comunicação, do desenvolvimento da motricidade fina e grossa, da maneira como expõem a criatividade e a imaginação e ainda da forma como se comportam com os outros.

Nesta linha de pensamento, a Educação Pré-Escolar e os Cuidados para a Primeira Infância em Portugal sintetiza a importância da EPE em quatro finalidades sendo elas, apoiar as famílias na educação dos seus filhos; criar situações em que as crianças possam desenvolver a socialização, a autonomia e o desenvolvimento

intelectual; integrar as crianças numa vida social e a prepará-las para uma escolaridade bem sucedida (ME, 2000).

Perfil do Educador

Nos termos do Decreto-Lei (DL) n.º241/2001 de 30 de agosto o educador de EPE deve desempenhar a sua função profissional seguindo um perfil específico. Assim sendo, para que um indivíduo seja considerado educador de infância deve-lhe ser aprovado um diploma próprio, com as qualificações profissionais de docente.

O mesmo DL refere que para além do educador de infância desempenhar funções de ensino e aprendizagem também tem a capacidade de desenvolver outras funções educativas como por exemplo a educação de crianças com idade inferior aos 3 anos de idade, constatando deste modo que o educador poderá ser responsável pela educação de crianças entre os 0 e os 5 anos de idade.

Para além do que já foi mencionado acerca do perfil do educador, este também tem a competência de elaborar um currículo onde são apresentadas as várias atividades e projetos que têm por base construir aprendizagens integradas (DL n.º241/2001).

Mas, para que um currículo seja bem desenvolvido é importante que o educador siga seis etapas interligadas, definidas pelas OCEPE, sendo elas a observação, a planificação, a ação, a avaliação, a comunicação e a articulação (ME, 1997). De seguida, será explicado em pormenor cada uma das etapas referidas.

Assim sendo, o educador numa fase inicial, ou seja, quando está pela primeira vez com um grupo de crianças pequenas, é importante que conheça as suas capacidades, os seus interesses e as suas dificuldades, de cada elemento, em particular, como de todo o grupo, em geral. Este conhecimento é alcançado através da realização de uma observação participativa e atenta do educador junto do grupo (ME, 1997).

Após ter realizado a observação, o educador passará para a etapa seguinte, ou seja, para a planificação das atividades, tendo sempre em conta os aspetos observados como também sobre o que sabe do grupo, de cada criança, do contexto familiar e social que está integrada (ME, 1997).

Contudo, o educador deve planificar a sua intervenção de uma forma flexível, não deixando de lado os dados observados bem como as propostas das crianças, as temáticas e situações educativas que eventualmente possam surgir. Por sua vez, as atividades planeadas pelo educador devem ser transversais de forma a abrangerem os vários domínios de aprendizagem da EPE (DL n.º 241/2001).

Mas, para que as atividades possam ser vividas de uma forma mais intensa é necessário que o educador organize espaços, ambientes, materiais estimulantes e diversificados, bem como condições em que as crianças possam estar em segurança (ME, 1997).

Depois de estar tudo planeado é o momento de passar à ação, à terceira etapa, em que as atividades planificadas são concretizadas, através da participação e da cooperação das próprias crianças, dos pais e da comunidade (ME, 1997).

Já a quarta etapa, diz respeito à avaliação da ação, que corresponde à tomada de consciência de eventuais necessidades, competências e habilidades das crianças que ainda são desconhecidas. Neste sentido, o educador ao avaliar a ação das crianças faz com que reflita e desenvolva novas estratégias e atividades de modo a que as crianças progridam na sua aprendizagem de forma positiva (ME, 1997).

Após ter avaliado as atividades é pertinente que o educador comunique com os assistentes operacionais ou com os próprios pais sobre como decorreram as atividades, para que exista uma troca de opiniões, com o intuito de aperfeiçoarem ou manterem as estratégias já definidas (ME, 1997).

A última etapa corresponde à articulação, que segundo o autor supramencionado, o educador deve promover a continuidade educativa, através da realização de diálogos com os pais, de cada criança, aquando da entrada da mesma na instituição educativa, com a finalidade de ficar a conhecê-las melhor. No entanto, quando as crianças estão prestes a transitar para o 1º ciclo o educador, juntamente, com os professores do 1º ciclo e com os próprios pais devem proporcionar condições para que cada criança possa desenvolver uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte, ou seja, no 1º ciclo.

É de salientar que durante a nossa intervenção pedagógica, de uma forma geral, passamos por todas as etapas anteriormente mencionadas, pois numa fase inicial tivemos a oportunidade de observar o grupo, em que verificámos algumas dificuldades, quer a nível da expressão plástica, quer na comunicação oral e escrita, quer no conhecimento do mundo.

Após termos constatado tais dificuldades, o próximo passo foi planificar as atividades de modo a que as crianças pudessem ultrapassar as mesmas. Por sua vez, passamos à ação, como também à realização de uma avaliação sobre as mesmas, em que pudemos refletir sobre os aspetos que correram bem e menos bem.

Quanto à comunicação propriamente dita, como é evidente foi realizada com a educadora cooperante, em que discutíamos diversos aspetos tais como, novas dificuldades e conquistas apresentadas pelas crianças, bem como sobre situações que devem ser melhoradas e outras que devem ser mantidas.

Por fim a articulação, foi efetuada minimamente uma vez que as informações acerca das crianças foram obtidas pela educadora cooperante, logo no início do ano pelos pais das crianças. Quanto à continuidade educativa concretizou-se, minimamente, pois com as atividades procurávamos proporcionar situações que preparassem as

crianças para ingressarem no 1º ciclo, como por exemplo a iniciar a expressão escrita, desenvolver a comunicação oral, inculcar maneiras de estar e de se comportar em grupo entre outros aspetos.

Ainda sobre o currículo, o educador deverá organizá-lo tendo em vista dois âmbitos, sendo o primeiro referente à expressão e comunicação e o segundo ao conhecimento do mundo (DL n.º241/2001).

Por sua vez, as OCEPE apresentam três áreas de conteúdo que ajudam o educador a planear melhor as suas atividades. Assim sendo, as três áreas caracterizam-se pela *Área de formação pessoal e social* que consiste ser uma área transversal, integradora de todas as outras áreas. Para além disso promove o desenvolvimento de atitudes, aquisição de valores e capacidade de resolução de problemas do quotidiano. A *Área de expressão e comunicação* é aquela que engloba as aprendizagens relacionadas com a atividade simbólica, psicomotora e progresso no domínio de diversas formas de linguagem, sendo elas a motora, a dramática, a plástica e a musical. E a terceira corresponde à *Área do conhecimento do mundo* que se caracteriza por ser a área em que as crianças articulam vários conhecimentos (ME, 1997).

Gostaríamos de referir que durante a intervenção educativa desenvolvida nesta vertente, as atividades planeadas foram interligadas com todas as áreas de conteúdo, uma vez que através desta ligação as crianças aprendem e desenvolvem-se da melhor forma.

A Qualidade na Educação Pré-Escolar

É de salientar que para além das etapas anteriormente mencionadas, o educador também é responsável por desenvolver um currículo organizado e com qualidade. Mas o que significa qualidade? Não existe uma única resposta a esta questão, pois Platão e Aristóteles (s.d) afirmam que o conceito de qualidade é subjetivo e pessoal. Por sua vez, Prigogine (1974) diz que a “qualidade não é nem espírito nem matéria, mas sim uma terceira entidade independente de ambas; apesar de não ser definida, sabemos o que é” (Bertram & Pascal, 2009)

Todavia, existem vários autores que relatam várias perspetivas sobre a qualidade em EPE como por exemplo Alan Pence, Gunilla Dahlberg, Lilian Katz, Miguel Zabalza, Peter Moss etc. Neste trabalho, iremos nos debruçar, unicamente, numa autora denominada de Lilian Katz, por ser aquela que no nosso entender evidência as melhores linhas orientadoras para desenvolver a aprendizagem e o conhecimento das crianças em idade pré-escolar.

Assim, no livro denominado de *Qualidade em Projecto* da autoria de Katz, Ruivo, Silva e Vasconcelos (1998) são relatadas as cinco perspetivas defendidas por uma das autoras, Katz como forma de promover a qualidade na EPE. Posteriormente serão descritas as perspetivas, em pormenor, com o intuito de compreendermos cada uma delas.

A primeira perspetiva diz respeito à *orientação de cima para baixo* que se caracteriza por aspetos referentes ao programa, nomeadamente, o número de adultos/crianças numa sala, a qualidade de equipamentos e de materiais disponíveis, a qualidade e quantidade de espaço por criança etc .

Já a segunda perspetiva refere-se à *orientação de baixo para cima* que permite o educador conhecer a opinião das crianças relativamente à maneira como estão a

vivenciar e a se sentir no meio dos colegas e adultos, se estão a gostar de estar na escola e das atividades que lhes são propostas, ou seja, tudo o que esteja relacionado com o bem-estar das crianças na escola.

No que concerne à perspetiva *exterior-interna ao programa*, esta caracteriza-se pela maneira como os pais participam nas atividades propostas pela sala ou instituição e com a forma como lidam com os educadores sobre a educação que é transmitida aos seus filhos.

A quarta perspetiva designa-se de *interior ao programa* que consiste na maneira como os educadores se sentem com o programa, mais precisamente as relações positivas e negativas que há entre colegas, pais e vários elementos da instituição.

Por último, a quinta perspetiva denominada de *exterior ao programa* que se refere à forma como o programa serve a comunidade e a sociedade em geral, pois o que é transmitido às crianças na escola, será o reflexo da sociedade num futuro próximo, porque as crianças de hoje serão aquelas que darão continuidade à sociedade.

Depois desta pequena exploração sobre a importância da EPE, o perfil do educador, bem como sobre a qualidade da EPE é importante referir que a grande maioria dos educadores de infância cumprem com as suas funções, seguem as etapas para desenvolver um currículo bem organizado e ainda adotam as cinco perspetivas defendidas por Katz quanto à qualidade.

No entanto, todas estas orientações seguidas pelo educador, algumas vezes não são aceites, da melhor forma, pelas crianças pelo facto de não se interessarem e participarem nas atividades planeadas, como pelos pais, encarregados de educação e a comunidade, pois algumas vezes apresentam críticas e dúvidas sobre a forma como o educador organiza e planifica a sua ação. Perante estas situações o educador deverá reformular a sua intervenção com o intuito de encontrar as melhores estratégias para que

tanto as crianças como os pais colaborem e fiquem satisfeitos com a sua forma de trabalhar.

Capítulo II - Contextualização Física e Humana

A importância de conhecer o meio geográfico, socioeconómico e cultural de onde provêm as crianças com quem iremos intervir, é um fator muito relevante, pois permite conhecer as suas motivações, interesses e necessidades.

Antes de iniciar a descrição à contextualização física e humana propriamente dita, gostaríamos de deixar bem patente que os dados referentes ao meio e à instituição foram retirados do Projeto Educativo da Escola (PEE) da Nazaré do ano letivo 2007/2011, uma vez que o PEE do ano letivo 2011/2015, encontrava-se em fase de construção.

Por sua vez, a informação referente às crianças foi facultada pela educadora cooperante, através das fichas individuais das mesmas.

No que concerne à caracterização da sala de atividades, esta foi feita a partir de uma observação atenta a todo o espaço que a envolve.

Caraterização do Meio

A instituição educativa em que foi realizado o Estágio referente à valência da EPE, foi na Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar da Nazaré, freguesia de São Martinho que se localiza no Bairro Social da Nazaré, mais precisamente na Avenida do Colégio Militar, concelho do Funchal. Para além do referido edifício, também faz parte um outro designado de Pré-Escolar da Azinhaga, que se localiza na Rua Dr. Pita no mesmo concelho.

O nome Nazaré provem da designação de uma capela dedicada à Nossa Senhora da Nazaré que se localiza nessa zona.

Para além do complexo habitacional que está inserida, existem outros como o complexo habitacional das Virtudes, Barreiros, Pilar, etc. e ainda vivendas e quintas pertencentes a particulares.

Quanto a estabelecimentos comerciais existe muita diversidade, como por exemplo pastelarias, lojas de roupa, cafés entre outros.

Ainda nesta zona há várias infraestruturas referentes ao desporto (Estádio dos Barreiros); à cultura (Biblioteca Gulbenkian); à religião (Igreja da Nossa Senhora da Nazaré); a instituições sedeadas (Regimento de Guarnição N°3) e ainda estabelecimentos de ensino, tais como creches e jardins de infância (O Carrossel, O Girassol, Primaveras etc.) e Escolas Básicas e Secundárias (Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco).

Quanto à atividade agrícola esta é realizada por pessoas com idade com pouco avançada, e normalmente dedicam-se à produção de produtos hortícolas, fruta e vinho.

Caraterização da Instituição

Seguidamente, será apresentada a caracterização da instituição educativa, em três pontos principais, sendo eles, os espaços interiores, os exteriores e os recursos humanos.

Espaços interiores.

No que concerne aos espaços interiores da instituição este é dividido em dois pisos, sendo o primeiro destinado a assuntos administrativos, a aulas de informática, de

música, de EPE, e a área da Cozinha e do refeitório. Por sua vez o segundo piso destina-se às salas do 1º CEB e à sala da Biblioteca.

Assim sendo, no espaço interior da escola existem três gabinetes, em que um é destinado à direção da escola, outro à secretária e o último destinasse à sala de professores.

Quanto ao número de salas de aula destinadas às áreas curriculares para o 1º Ciclo são oito, enquanto para a EPE são apenas duas. Para além das salas mencionadas existem duas salas para a Informática, uma sala para o Inglês, uma sala para a Expressão Musical e Dramática e ainda uma sala para a Expressão Plástica.

Quanto às salas de apoio pedagógico (ensino especial) existem duas. Há, ainda, duas salas destinadas ao estudo e uma biblioteca.

Para além das salas de aulas e de atividades, existe ainda uma reprografia onde consta uma fotocopiadora, uma tela e um projetor.

Relativamente ao espaço das refeições, o refeitório, é amplo e bem equipado, pelo facto de existir uma grande área de circulação, bem como cadeiras e mesas para todas as crianças. Ainda, junto ao espaço do refeitório existe uma cozinha de grandes dimensões onde há uma grande variedade de equipamentos e utensílios de cozinha.

Também possuiu um pequeno bar que está aberto a toda a comunidade educativa onde dispõe de sandes, café, sumos e chá.

Ainda sobre os espaços interiores existe um salão polivalente que é utilizado para os momentos de convívio em datas festivas e também para o recreio e Educação Física-Motora em dias de chuva.

Relativamente aos sanitários, existem dois destinados aos alunos do 1ºCEB, um para a EPE e quatro para o pessoal docente e não docente.

Espaços exteriores.

No que concerne aos espaços exteriores, a instituição possui um amplo campo polidesportivo muito bem equipado, dois pátios semicobertos, um parque infantil e um grande jardim em toda a volta da escola.

Recursos humanos.

Relativamente aos recursos humanos é uma escola que possuiu um grande número de funcionários, em que a sua média ronda as oitenta e nove pessoas, pelo facto de ser uma escola que possui um grande número de alunos cerca de 476. Estas pessoas estão distribuídas pelo pessoal docente (54), pelo não docente (30), pelo pessoal administrativo (3) e por técnicas superiores de biblioteca (2).

Para além do pessoal anteriormente referido, também quatro docentes provenientes da Direção Regional do Ensino Especial e Reabilitação (DREER) vêm prestar apoio de Educação Especial aos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Também da DREER colabora uma psicóloga integrada no projeto de despiste e no apoio de casos problemáticos.

Quando surgem situações de manutenção e de reparação na escola, esta conta com diversos serviços prestados pela Câmara Municipal do Funchal, tais como a carpintaria, a eletricidade, etc.

Por sua vez a Delegação do Funchal disponibiliza um jardineiro a fim de manter o jardim limpo e cuidado.

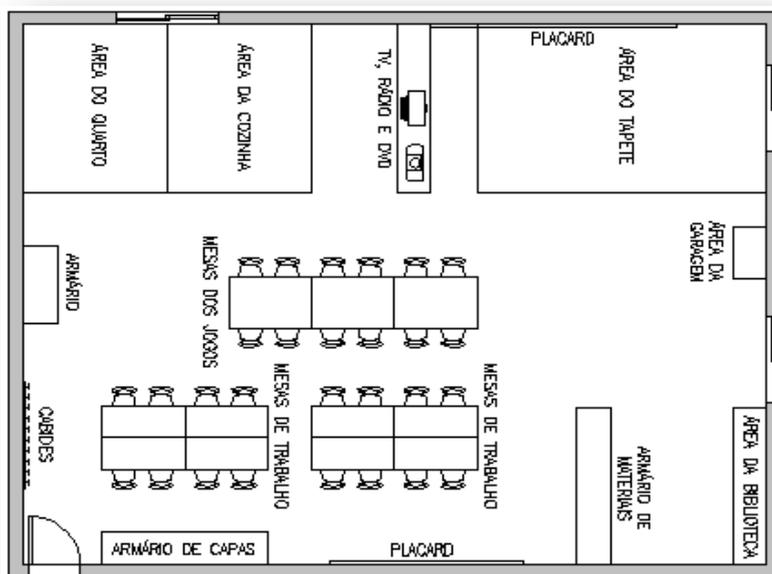
Caraterização da Sala

O espaço na EPE é um elemento muito importante a ter em conta, uma vez ser o lugar onde as crianças passam grande parte do seu tempo. Neste sentido a autora, Júlia Oliveira-Formosinho (2007, 2008) citado por Oliveira-Formosinho (2011) defende que o espaço de uma sala de pré-escolar é designado como um “(...) território bem organizado para a aprendizagem; um lugar de bem-estar, alegria e prazer. (...) aberto às vivências e interesses das crianças e comunidade, (...) seja ele estético, ético, amigável, seguro, lúdico e cultural.”

Como podemos verificar através das palavras da autora supramencionada, o espaço tem de estar bem organizado, quer a nível dos materiais, do mobiliário, das áreas e também a nível estético.

Seguidamente, será realizada a caracterização da sala das estrelinhas, tendo em conta diversos aspetos, tais como a dimensão da sala, a disposição e apresentação do mobiliário, a organização da sala (as áreas), os materiais, a rotina, o número de adultos existentes na sala e aspetos que no nosso ponto de vista estão menos bem. Para além da descrição pormenorizada da sala também apresentamos seguidamente a planta da sala (Figura 1), com o intuito de ser visível, com mais precisão a localização dos espaços que serão referidos

Figura 1 - Planta da sala das estrelinhas



Assim sendo, a sala das estrelinhas, no nosso entender, possui as dimensões adequadas ao número de crianças que a frequenta. Para além das dimensões, também possui uma ótima luminosidade e arejamento, pelo facto de existir três janelas de grandes dimensões que estão constantemente abertas. É importante mencionar que junto às janelas constam cortinados decorados com desenhos realizados pelas crianças que normalmente são utilizados para manter a sala mais escura, nos momentos em que é utilizado o power point ou ainda para proteger as crianças dos raios solares.

Quanto à estética da sala revela ter sido pintada recentemente, pois as paredes e tetos apresentam-se limpos e brilhantes. Já a pavimentação, também, está em ótimo estado, uma vez que foi remodelada no início do ano letivo, aspeto referenciado pela educadora da sala.

Relativamente ao mobiliário este apresenta-se um pouco antigo, sendo visíveis alguns armários em estado de degradação e com a necessidade de pequenas reparações. Quanto às mesas e cadeiras também são um pouco antigas, contudo apresentam-se em bom estado, não sendo necessários quaisquer reparos.

No que concerne à organização da sala, esta encontra-se dividida em áreas, nomeadamente, a área do tapete da qual consta a área dos jogos e da música, a área da biblioteca, a área da casa, a área da garagem e a área das atividades plásticas. É pertinente referir que para cada área está atribuído um número máximo de crianças, ou seja, na garagem só pode estar 2 crianças, nos jogos 5, na casa 4, na biblioteca 3 e na área das atividades artísticas 4. Neste sentido, a criança quando pretende se dirigir para uma área terá de verificar o número de crianças que já lá existe. De facto, Formosinho e Andrade (2011) defendem que uma sala de educação de infância deve ser organizada em áreas diversificadas, pois permite desenvolver, no grupo, diferentes aprendizagens,

tais como vivências da realidade, construções de experiências, relações interpessoais, papéis sociais e interações.

Quanto à caracterização da área dos jogos existe uma grande diversidade de brinquedos, como por exemplo puzzles, dominós, jogos de associação etc. No entanto muitos deles apresentam-se degradados como também incompletos.

Importa salientar que os jogos encontram-se localizados em locais de fácil acesso, permitindo desta forma que as crianças possam manuseá-los quando desejam. Esta área é definida como um local onde as crianças brincam e manipulam jogos simples e os usam de diversas formas, seja com outros colegas ou mesmo sozinhas (Hohmann & Weikart, 2009).

Ainda, junto à área dos jogos, existe um armário onde está uma televisão, um DVD e um rádio CD. Normalmente o rádio é utilizado nos momentos de expressão musical ou de relaxamento, enquanto a televisão e o DVD são usados quando as condições climatéricas são pouco propícias para as crianças permanecerem nos espaços exteriores. Como pudemos constatar nesta sala a área dos jogos e a da música encontram unidas, pelo facto da sala já se encontrar um pouco completa.

Quanto à área da biblioteca, os autores supramencionados afirmam que esta área permite que as crianças manuseiem, observem, leiam livros, como criem histórias a partir de imagens ou ainda ouvem histórias contadas, em voz alta, pelos adultos. Esta área na referida sala possui muito poucos livros e os que existem não se encontram em muito bom estado. Nesta linha de pensamento, era importante que existisse uma atualização de novas história, principalmente, livros mais recentes.

Todavia, a área está bem organizada, pois possuiu muito espaço para as crianças se movimentarem.

Já a área da garagem, também possuiu alguns brinquedos, como carros, aviões e casas que simbolizam oficinas. Contudo, o espaço é um pouco limitado, pois as crianças têm pouco espaço para se movimentar, pelo facto de estar posicionado mesmo ao lado da área dos jogos ou do tapete.

Relativamente à área da casa, esta é constituída por uma grande diversidade e quantidade de brinquedos e de objetos que caracterizam a casa, tais como, uma pequena cozinha com talheres; simulação de comidas e frutas; um fogão; uma mesa e cadeiras; um quarto de dormir onde tem uma cama; um armário; diversas roupas; acessórios e bijutarias.

Para além disso tem uma pequena dispensa, onde possuiu um aspirador, um carrinho de bebé e uma tábua de engomar. Como afirmam Hohmann & Weikart (2009), a área da casa é um espaço propício para que as crianças possam representar várias situações e papéis sociais, através do faz-de-conta, permitindo deste modo vivenciar e representar situações do mundo que as rodeia. Para além disso também é uma área que permite às crianças trabalharem, cooperativamente, e expressarem sentimentos e comunicarem através da linguagem oral.

No nosso ponto de vista a área da casinha é aquela que apresenta as melhores condições, pelo facto de possuir uma grande diversidade de materiais e um espaço amplo, permitido às crianças circularem na perfeição.

Por último, temos a área das atividades artísticas, em que as crianças geralmente realizam desenhos livres utilizando cores de feltro, de pau ou de cera. Para além dos desenhos, nesta área também manuseiam plasticina e ainda realizam atividades onde são utilizados diversos materiais plásticos. De facto, Hohmann & Weikart (2009) adiantam que esta área é um espaço em que as crianças, individualmente ou em grupo, exploram e transformam diversos materiais.

Para além dos aspetos já mencionados, a sala também possuiu amplos placards coloridos que são utilizados, normalmente, para expor os trabalhos elaborados pelas crianças.

No que diz respeito aos materiais, como cartolinas, colas, tesouras, pincéis etc, de uma forma geral existem em quantidades razoáveis pelo facto dos encarregados de educação se apresentarem muito solidários. Contudo a nível de cores de feltro e de pau estão um pouco limitados, pois algumas delas já se encontram estragadas, gastas e outras já não existem.

A sala também possui um ecoponto muito bem equipado, uma vez que existe um contentor destinado ao papel, às embalagens, ao vidro e às pilhas. Além destes existe outro referente aos materiais diversificados.

É possível, ainda, observar a existência de dois animais, uma tartaruga e um peixe. Relativamente a estes animais é importante mencionar que todos os dias o grupo os alimenta deitando-lhes as quantidades corretas de alimento, constatando deste modo que já têm noção de como cuidar minimamente destes tipos de animais.

No que concerne à rotina implementada na sala, esta segue a seguinte sequência, acolhimento; bons dias; eleição do chefe da sala; marcação do dia da semana, do ano, do mês e do dia; alimentação do peixe e da tartaruga; planificação das atividades, higiene; lanche da manhã; recreio; realização das atividades planeadas; higiene; almoço; descanso, actividades; higiene e recreio. De facto, Hohmann & Weikart (2009) definem o conceito de rotina diária como uma sequência, flexível que regula os acontecimentos, os espaços e a interação entre crianças e adultos.

Quanto ao número de adultos presentes, diariamente, na sala, são três, sendo duas educadoras, que adotam o sistema educativo misto, e apenas uma assistente operacional que permanece quase o dia toda na sala. No nosso ponto de vista, a sala

devia possuir mais uma assistente operacional, porque existem instantes, como por exemplo, depois do almoço a assistente vai almoçar e enquanto isso a educadora fica sozinha, na sala, com as crianças.

Passando agora ao relato de um dos aspetos que no nosso entender está menos bem, na sala das estrelinhas, é precisamente os cabides das crianças, pois estes encontram-se mesmo na entrada da sala e possuem muito pouco espaço para as crianças pendurarem as suas mochilas e roupas. Achámos que deviam de existir armários individuais para não existir troca nem perdas de bens.

Formosinho (2011) defende que não existe um único modelo de organizar uma sala de educação pré-escolar, tal como não existe uma única organização fixa durante o ano inteiro. Por sua vez, o Ministério da Educação (1997), confirma que a funcionalidade e adequação do espaço vá sendo alterada tendo em conta as necessidades e evolução dos elementos do grupo, pois é uma forma de evitar espaços estereotipados e padronizados, uma vez que as crianças deixam de ter interesse em as explorar.

Em remate final, sobre a caracterização da sala, achámos que a sala possui as condições essenciais para manter um grupo de crianças, pelo facto de ter um amplo espaço para circular, possuir uma diversidade de materiais estimulantes para que o desenvolvimento das mesmas possa acontecer da melhor forma.

Caraterização das Crianças

Quanto à caracterização das crianças, serão apresentadas tabelas e gráficos que descrevem o número de crianças por género feminino e masculino, bem como a percentagem de cada um.

Por sua vez será apresentado, do mesmo modo, a situação socioeconómica e cultural e as habilitações dos pais, com o intuito de conhecermos melhor a situação

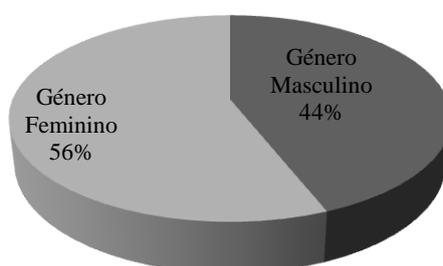
familiar se é estável ou preocupante no que se refere à obtenção de trabalho ou não e ainda verificar o nível de ensino predominante.

Tabela 1- Número total de crianças por género

Género Feminino	Género Masculino	Total de Crianças
14	11	25

Gráfico 1- Número total de crianças por género em percentagem

Idades das crianças

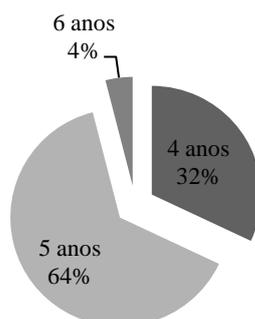


Como é possível verificar na tabela (1) intitulada, número total de crianças por géneros e no gráfico (1) com o mesmo nome, o grupo é constituído por catorze crianças (56%) pertencentes ao do sexo feminino e onze crianças (44%) referem-se ao sexo masculino perfazendo um total de vinte e cinco crianças.

Tabela 2 - Idades das crianças

Idades	4	5	6
Nº de crianças	8	16	1

Gráfico 2 - Idades das crianças em percentagem

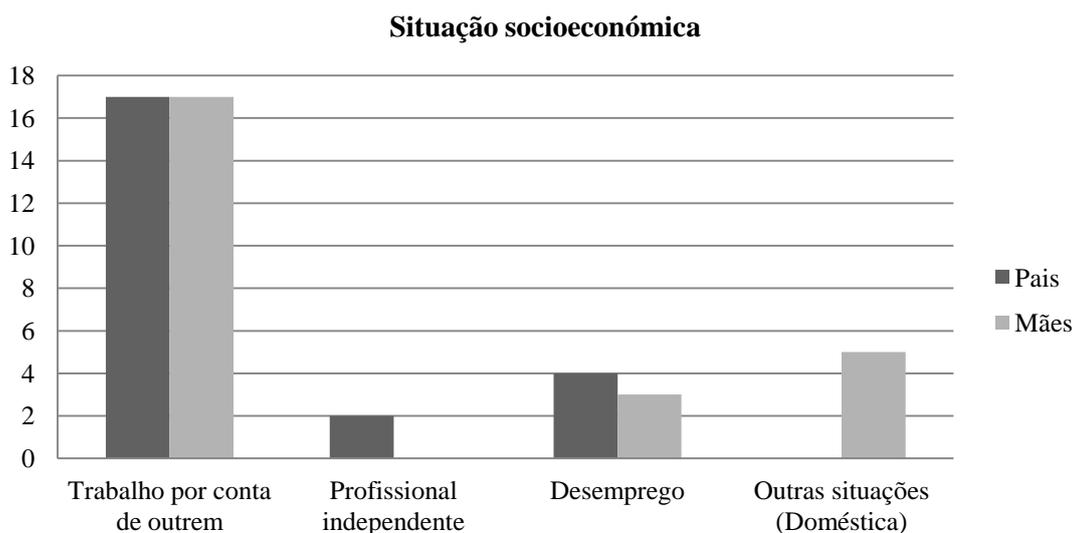


Quanto às idades das crianças verificamos na tabela (2) e no gráfico (2), que dezasseis crianças (64%) têm 5 anos, enquanto oito delas (32%) têm 4 anos. É importante referir que o grupo possui apenas uma criança (4%) com 6 anos pelo facto de apresentar muitas dificuldades de aprendizagem.

Tabela 3 - Situação socioeconómica

Situação Profissional	Mães	Pais
Trabalho por conta de outrem	17	17
Profissional independente	0	2
Desemprego	3	4
Outras situações (Domésticas)	5	0

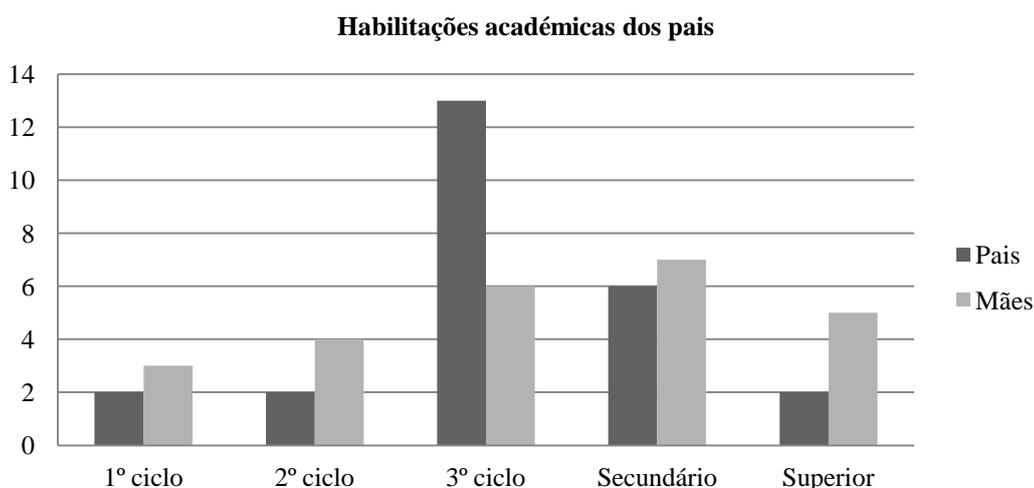
Gráfico 3 - Situação socioeconómica



Relativamente à situação socioeconómica das famílias, constatamos através da análise feita à tabela (3) e ao gráfico (3) que a grande maioria, cerca de trinta e quatro dos pais possui emprego por conta de outrem, enquanto dois (pais) têm trabalho independente. Já na categoria do desemprego é possível verificar um total de sete, sendo que três são mães e quatro são pais. Por fim, temos cinco mães que se caracterizam profissionalmente como domésticas.

Tabela 4 - Habilitações académicas dos pais

Habilitações Académicas	Mães	Pais
Ensino Básico 1º ciclo	3	2
Ensino Básico 2º ciclo	4	2
Ensino Básico 3º ciclo	6	13
Ensino Secundário	7	6
Ensino Superior	5	2

Gráfico 4 - Habilitações académicas dos pais

No que concerne às habilitações académicas concluímos através de uma observação mais atenta à tabela (4) e ao gráfico (4) que a escolaridade predominante é o 3º Ciclo, pois treze pais possuem e seis mães também perfazendo um total de dezanove pais.

Quanto ao 1º Ciclo verificasse um total de cinco pais, sendo dois (pais) e três mães que o tem.

Já o Ensino Secundário é possível verificar que existem sete mães e seis pais que o têm. Por sua vez, o Ensino Superior, são as mães que o lideram pois cinco o contêm contra dois (pais).

Depois da análise feita às tabelas e aos gráficos podemos concluir que o grupo é constituído por mais raparigas do que rapazes e que é um grupo heterogéneo, sendo que as idades variam entre os 4 e os 6 anos.

No que concerne à situação familiar a nível socioeconómico encontra-se um pouco estável, isto numa maneira geral, pois existem muitos pais que possuem trabalho seja ele por conta de outrem ou por conta própria. Todavia, existem pais que estão numa situação de desemprego ou domésticos.

O ciclo de ensino predominante é o 3º, principalmente para os pais (pai). No entanto, o que menos se destaca é o 1º Ciclo. Podemos concluir que estas habilitações são um pouco baixa, relativamente à época atual.

Contudo, de uma forma geral as crianças vivem com as condições mínimas, sendo apenas apontada, pela educadora, uma situação mais complicada a nível financeiro, pelo facto dos pais estarem desempregados e não receberem subsídio de inserção.

Para além das caracterizações já referidas sobre as crianças é importante salientar o nível de desenvolvimento cognitivo que o grupo se encontra. Como verificamos através da tabela e do gráfico “Idade das Crianças” o grupo é constituído por crianças com idades entre 4 e os 6 anos.

Segundo o, psicólogo, Jean Piaget a criança passa por quatro estádios de desenvolvimento cognitivo, em que o primeiro é denominado de estádio sensório-motor que vai dos 0 aos 2 anos, o segundo é o estádio pré-operatório que vai desde dos 2 anos até aos 7 anos, o terceiro estádio é o das operações concretas dos 7 aos 11 anos e por fim o quarto estádio é das operações formais que vai dos 11 aos 15 anos (Evans, 1980).

Assim sendo, o grupo em questão encontrava-se no segundo estádio o pré-operatório, pois segundo o autor supramencionado este estádio é caracterizado pelo

aparecimento da função semiótica, isto é, a função representacional ou simbólica que faz com que a criança represente um objeto, mesmo estando ausente, pelo facto de o já ter interiorizado.

Todavia, Sprinthall e Sprinthall (1993) acrescenta, ainda, que neste estágio é possível observar a aquisição da linguagem, a prática do jogo de imitação (por observação dos outros) e têm, ainda, capacidade de classificar e ordenar objetos em categorias.

Tendo em conta os pressupostos defendidos por Piaget, nesta fase a criança já inicia a linguagem, já consegue representar objetos e situações anteriores, comparativamente ao estágio anterior que só reconhecia o espaço ao seu redor, bem com o tempo presente. No entanto, estes estádios de desenvolvimento, segundo Piaget não são fixos, pois dependem das características individuais de cada criança, sendo que algumas atinjam mais rápido um estágio do que outras (Evans, 1980).

Tal como acontece na sala das estrelinhas, existem crianças que já se encontram no estágio pré-operatório de forma integrada. No entanto, existem outras que não, por apresentarem algumas dificuldades em recordar factos e objetos do passado. Perante esta situação, é importante salientar que ao longo do estágio tivemos em atenção as crianças que necessitavam de ser mais estimuladas, para que pudessem atingir o mesmo nível cognitivo que as restantes.

Capítulo III - Intervenção Educativa

Fundamentos Metodológicos

Como é de conhecimento geral, na EPE há várias metodologias educativas que normalmente se adequam aos grupos de crianças, ao desenvolvimento e aprendizagem, das mesmas, bem como a cada jardim de infância (Serra, 2004).

No entanto, existem vários autores com teorias diferentes sobre o que é um modelo curricular. A título de exemplo, Bairrão e Vasconcelos (1997) citado por Serra (2004) considera que um modelo curricular para a educação de infância é um conjunto de teorias e de conceitos que permitem desenvolver práticas diversificadas de forma a promover o ensino-aprendizagem de crianças pequenas.

Existe uma diversidade de modelos curriculares destinados à EPE, sendo os mais usuais em Portugal a Pedagogia de Projeto, o Movimento da Escola Moderna (MEM), o Método João de Deus, o High-Scope e a Educação Experiencial. Para além destes, há também o Head Start, o Reggio Emilia, o Montessori, o Waldorf etc.

O mesmo autor adianta que o educador deverá definir um ou mais métodos com o intuito de os adequar ao meio e ao grupo. Nesta linha de ideias, para que o grupo de crianças pudesse se desenvolver e conhecer novas coisas foi importante definir um ou vários métodos para que esta situação fosse possível.

Assim sendo, os métodos que mais se evidenciaram durante as nossas intervenções foram o High/Scope e a Abordagem de Projeto. É importante salientar que estas metodologias não foram abordadas na sua íntegra, pelo facto do tempo de intervenção ser limitado e por as crianças estarem, ainda, em fase de adaptação.

Além das metodologias mencionadas, também foram utilizadas várias técnicas, tais como o trabalho em cooperação, a diferenciação pedagógica e ainda a diversidade de materiais

Em seguida, serão apresentados em pormenor cada um dos modelos e técnicas utilizadas, com o intuito de os compreendermos melhor.

Segundo Serra (2004), a metodologia High/Scope caracteriza-se por ser um método ativo em que as crianças realizavam trabalhos diversificados, promovendo novas aprendizagens e o desenvolver o sistema cognitivo.

Por sua vez a organização High/Scope Educational Research Foudantion (s.d.) defende que este modelo baseia-se essencialmente nas ideias de Jean Piaget, pois estabelece vários princípios, como por exemplo promover a participação ativa da criança, com o intuito de construir a sua própria aprendizagem, através da organização dos espaços, dos materiais, da rotina diária, do trabalho em equipa e, ainda da criação de um clima positivo.

A fundação referida defende que este método é, direcionado a crianças com idades entre os zero e os seis anos de idade, ou seja, desde a creche até ao ingresso no 1º CEB.

Para além do que já foi mencionado o Modelo High Scope aponta para o papel do educador como sendo, o elemento que auxilia a criança e oferece o seu apoio durante a realização das atividades (High/Scope Educational Research Foudantion, s.d.; Hohmann & Post, 2003).

Como podemos verificar o High/Scope é uma metodologia que permite às crianças se desenvolverem e aprenderem a partir da ação, utilizando materiais, ambientes, espaços e atividades diversas. No entanto o papel do educador é muito

importante pelo facto de ser o orientador de todas as suas ações, não esquecendo também o papel dos pais durante este processo.

Passando à Abordagem de Projeto, defendida por Katz e Chard (1997) esta é caracterizada por duas razões. A primeira prende-se pelo facto dos projetos poderem ser abordados de diferentes formas, como por exemplo incorporados no currículo, tendo sempre em conta as preferências, os compromissos e os condicionantes tanto dos professores como da escola e só durante duas tardes por semana. A segunda razão diz respeito à forma de ensino e de aprendizagem, bem como sobre o conteúdo que é ensinado e aprendido, ou seja, durante este processo educador é responsável por incentivar o grupo a se integrar com pessoas, objetos e ambientes de forma ativa.

Perante esta pequena síntese sobre Abordagem de Projeto compreendemos que este trabalho é realizado a partir de um problema que por sua vez será esclarecido através da realização de atividades ou de situações que possam dar resposta.

As autoras supramencionadas apresentam três fases de como deverá ser desenvolvido um projeto em que a primeira fase denomina-se de Planeamento e Arranque; a segunda corresponde ao Desenvolvimento do projeto e a terceira diz respeito às Reflexões e Conclusões.

No que concerne à primeira fase, Planeamento e Arranque, esta começa quando existe uma ou mais crianças de um grupo que apresenta interesse por algo que lhe chama a atenção ou então quando o educador sugere um tópico e ainda quando o educador chega acordo com o grupo sobre um tópico a ser trabalhado.

As autoras acrescentam, ainda, que nesta fase existe uma base comum entre os elementos do grupo em que estes partilham, informações, ideias e experiências, através do diálogo referentes ao tema. Após o debate, o professor sugere às crianças que tragam

de casa objetos relacionados com o tema com o intuito de obterem materiais para posteriormente realizarem as atividades.

Quando à segunda fase, Desenvolvimento do Projeto, determina a apresentação de informações novas que normalmente são feitas através de visitas de estudo, de convites de pessoas relacionadas com o assunto ou mesmo a partir da apresentação de objetos verdadeiros, livros, fotografias entre outros que façam com as crianças possam contactar com o real.

Nesta fase o educador possui um papel importante, principalmente no modo como incentiva as crianças a observar, a comunicar, a desenhar e a pintar os materiais ou objetos que vêm, sobre o tema, como também apresenta sugestões e conselhos acerca da forma como devem utilizar os materiais com intuito de representarem adequadamente as novas descobertas.

Por último temos a fase das Reflexões e Conclusões, que tem com objetivo ajudar a concluir o projeto com trabalhos individuais ou de grupo. Depois procede-se à apresentação dos resultados das atividades e à formulação de uma síntese sobre o que foi aprendido.

É possível verificar que estas fases de abordagem de projeto possuem pontos muito importantes a reter que são precisamente o tópico selecionado, as informações que as crianças já possuem sobre ele, o contacto direto ou indireto com o real e ainda a consolidação do tema através de atividades e de apresentações que explicam todo o processo do projeto, bem como o que aprenderam sobre ele.

Passando agora para as técnicas utilizadas mais precisamente o trabalho em cooperação que segundo as OCEPE é um tipo de trabalho que possibilita a interação, entre os vários elementos do grupo o que facilita o desenvolvimento e a aprendizagem

dos mesmos, através do confronto dos vários pontos de vista, no auxílio à resolução de problemas ou na execução da tarefa que possam surgir (ME, 1997).

Assim, o educador segundo a referência anterior deve “(...) alargar as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das outras (p.36).

É importante salientar que no decorrer da nossa prática, a maioria das atividades propostas foram realizadas em grupo, pelo facto das crianças da sala das estrelinhas estarem a passar pela fase de adaptação. Neste sentido, esta forma de trabalhar possibilita uma maior aproximação, conhecimento e entreaajuda com todos os elementos que fazem parte da sala, ou seja, colegas e adultos.

Relativamente, à diferenciação esta acontece através de uma observação contínua em que se confere o que as crianças já sabem, o que são capazes de fazer, para que posteriormente serem planeadas atividades que alarguem os interesses e desenvolvam de forma mais intensa as suas potencialidades. Além de aumentar os seus interesses as suas potencialidades a diferenciação permite que a criança progrida a partir do nível em que se encontra, com o intuito de não permanecer durante três anos a realizar atividades com o mesmo grau de exigência (ME, 1997).

A nossa intervenção educativa baseou-se essencialmente, no que foi mencionado anteriormente, sendo necessário observar cada criança com o objetivo de verificar o nível de exigência em que se encontra, de forma a refletir sobre as atividades que devem ser mais adequadas para que estas possam alcançar um nível de desenvolvimento e de aprendizagem mais elevado.

Quanto à diversidade de materiais disponibilizados para realização das atividades foi um dos elementos que mais apostamos porque segundo as Orientações

Curriculares, a diversidade, a acessibilidade dos materiais sejam eles de diferentes texturas, de vários tipos de papel, pano, lã, etc, levam a que as crianças alarguem as suas experiências, desenvolvam a sua imaginação e a sua expressividade (ME, 1997).

Atendendo à citação referida anteriormente, a diversidade de materiais nas atividades com crianças destas idades é fundamental, pois permite que estas desenvolvam a sua criatividade a sua imaginação.

É importante referir que as metodologias, técnicas e estratégias utilizadas durante a nossa prática foram imprescindíveis, pois foram visíveis, várias aprendizagens, conhecimentos e desenvolvimentos na grande maioria dos elementos do grupo, como por exemplo na forma de se expressar, de interagir com os colegas durante a execução de tarefas, na resolução de estratégias e de problemas etc.

Atividades Desenvolvidas

Seguidamente serão apresentadas as atividades realizadas durante a nossa intervenção, na referida vertente. As intervenções desenvolvidas com grupo de crianças pertencentes à sala das estrelinhas da Escola EB1/PE da Nazaré ocorreram entre o dia 3 de outubro de 2011 ao dia 4 de novembro de 2011, como já foi expresso no início deste trabalho. Ao longo deste mês foram trabalhadas quatro temáticas, sendo elas, o Corpo Humano, a Alimentação, o Outono e o Halloween.

É importante referir que estes temas surgiram tendo em conta as necessidades e os interesses das crianças como também das épocas festivas que decorriam durante esta altura do ano.

Será apresentado, seguidamente, o relato pormenorizado das atividades, os aspetos positivos e negativos, as estratégias, as dificuldades e os pontos de vista, referentes a cada temática desenvolvida.

Importa mencionar que os nomes que surgirão, nos textos seguintes são fictícios de forma a preservar a privacidade das crianças.

O corpo humano.

A primeira temática trabalhada foi precisamente o “Corpo Humano” pelo facto de na semana de observação, termos verificado alguns desenhos realizados pelas crianças, relativos ao esquema corporal onde apresentavam algumas dificuldades em representá-lo.

Neste sentido, as atividades propostas para este tema basearam-se em dois objetivos. O primeiro objetivo consiste nas crianças conhecerem, explorarem e reconhecerem as várias partes do seu corpo, enquanto o segundo diz respeito às crianças compreenderem e identificarem as diferenças entre o género masculino e o género feminino.

Assim sendo, a primeira atividade realizada com as crianças foi precisamente uma sessão de relaxamento como podemos verificar na planificação referente a esta primeira semana (Apêndice A). Esta atividade aconteceu porque esta primeira intervenção ocorreu no turno da tarde e para tal as crianças depois do almoço realizam um pequeno momento de descanso que é caracterizado por um período em que as crianças dormem ou concretizam atividades lúdicas, calmas e solitárias (Hohmann & Weikart, (2009).

A atividade de relaxamento, consistia nas crianças ouvirem uma música de relaxamento e ao mesmo tempo movimentar o lenço que possuíam, seguindo o som da música. Para além disso, também permitiu que as crianças explorassem o seu corpo através do toque e do seu movimento.

No nosso entender, o grupo aderiu muito bem à sessão de relaxamento, pois as crianças apresentaram-se muito entusiasmadas e inteiradas em realizar a atividade que no final pediram para a repetir.

Para dar continuidade à temática introduzimos uma canção intitulada “Cabeça, ombro, joelhos e pés”, como forma de motivar as crianças a conhecer e a identificar as várias partes do corpo humano. Importa referir que o grupo interiorizou rapidamente a letra da canção. Contudo, manifestaram algumas dificuldades na produção de gestos ao mesmo tempo que a cantavam a canção, pois ficavam um pouco atrapalhadas na identificação de algumas partes do corpo, como por exemplo indicavam o ombro no joelho. Por conseguinte, estas dificuldades foram ultrapassadas ao longo da semana através de sucessivas repetições. Segundo Gardner (1983) citado por Hohmann e Weikart (2009) as crianças através de uma forma natural conseguem relacionar a música com o seu próprio corpo, pois diz que é impossível uma criança estar a cantar e não realizar movimentos corporais.

No que concerne ao diálogo realizado sobre o tema abordado na canção, algumas crianças responderam corretamente, dizendo que era o corpo humano e era constituído por várias partes. É de salientar que nesta conversa foram lançadas outras questões como por exemplo onde se localiza as pestanas, as sobrancelhas, o queixo, o tornozelo etc. Neste momento apercebermo-nos que muitas crianças desconheciam o termo tornozelo e que não sabiam onde se localizava. Quanto às outras partes alguns apresentavam dificuldades em identificar o local, correto, das sobrancelhas e das pestanas. Porém, essas dificuldades, foram colmatadas ao longo da construção do puzzle e da decoração do menino e da menina que será referido seguidamente.

Para começar a trabalhar em pormenor as partes do corpo optamos por apresentar dois puzzles (menino/menina) em forma de silhueta para que as crianças

pudessem assimilar aos poucos algumas partes que constituem o corpo. Além de conhecerem minimamente as partes do corpo através do puzzle também teriam que reconhecer as diferenças entre ambos.

Relativamente, às partes que constituem o corpo humano, algumas crianças conseguiram denominar e localizar a cabeça, os braços, as mãos, as pernas e os pés.

Quanto às diferenças apontaram à menina que esta tinha o cabelo mais comprido do que o do menino; que quando for mais crescida teria as maminhas maiores do que as do menino e que os órgãos sexuais eram diferentes. É de mencionar que quando as crianças falaram sobre as diferenças sexuais, foi-lhes informado o termo correto dos órgãos, como pénis para o menino e vagina para a menina, uma vez que algumas crianças expressaram por exemplo o termo “pilha” para caracterizar o órgão sexual do menino. De facto, as crianças a partir dos quatro anos já têm consciência das diferenças entre o rapaz e a rapariga pois nesta altura começam a sentir a necessidade de explorar e de conhecer os seus órgãos sexuais (Brazelton & Sparrow, 2010).

Após a exploração oral dos puzzles, passamos à fase da construção dos mesmos em que uma das estratégias utilizadas foi dividir o grupo em vários grupos para que entre os elementos existisse trocas de opiniões e de sugestões sobre o local correto de colocar as peças. Esta estratégia foi implementada pelo facto de serem previsíveis dificuldades na construção dos puzzles.

Assim sendo, aquando da construção, propriamente dita a grande maioria dos grupos apresentaram-se motivados e interessados em construir, no entanto sentiram algumas dificuldades em unir as peças, mas que ao longo do tempo foram ultrapassadas a partir de dicas expressas pelos elementos do grupo.

É importante referir que a construção dos puzzles foi realizada em duas fases. A primeira fase foi um pouco mais fácil, pois as crianças teriam, apenas, de colocar as

peças no local correto com o intuito de obterem os puzzles. Relativamente à segunda fase teriam de construir os puzzles, individualmente, mas desta vez sem a base, dificultando um pouco a atividade de forma a verificarmos a capacidade, de cada criança, no que se refere à sua concentração e ao seu raciocínio. Nesta linha de pensamento, as OCEPE defendem que os jogos de puzzles permitem à criança adquirir aprendizagens matemáticas tais como comparação e nomeação de tamanhos e formas (ME, 1997).

Passando agora à discussão sobre a decoração dos puzzles foi pedido às crianças que expusessem as suas ideias e sugestões no que concerne aos materiais que gostariam de utilizar. Neste momento as crianças apresentam as suas sugestões e nós registamos os materiais a serem utilizados. Adianta, Hohmann e Weikart (2009) que o tempo em que as crianças planeiam as atividades é uma oportunidade de estas desenvolverem competências a nível da expressão linguística.

Durante a discussão de como seria feita a decoração dos puzzles, uma das crianças, sugeriu como deveriam ser representados os lábios. A sua ideia era colocar baton num dos meninos, para o caso do menino e uma das meninas no caso da menina, para posteriormente cada um deles carimbar os seus lábios no local correto da face do puzzle.

Ao depararmo-nos com esta sugestão, muito criativa, não hesitamos e levamos um baton, no dia seguinte, com o intuito das crianças vivenciarem novas experiências. É importante referir que as crianças adoraram a sensação de terem os lábios pintados nomeadamente os meninos, por ser a primeira vez que o faziam. Essa sensação de alegria foi visível através dos seus rostos, em que expressam grandes sorrisos e gargalhadas. De facto, Portugal e Laevers (2010) define o bem-estar emocional das crianças como sendo “(...) um estado particular de sentimentos que pode ser

reconhecido pela satisfação e prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está acessível e aberta ao que a rodeia.” (pág.20).

É importante referir que aquando do momento da decoração, propriamente dita, o grupo apresentou-se muito participativo, começando de imediato a recortar os materiais definidos. Todavia, foram visíveis dificuldades em recortar o papel de feltro uma vez ser um material um pouco grosso. Além da constituição do material, também a forma de manusear a tesoura dificultou o trabalho, pelo facto de algumas crianças estarem a utilizá-la pela primeira vez. Neste sentido, sentimos necessidade de chamar a atenção de como deveriam colocar a tesoura, de forma correta, para procederem ao recorte. O apoio constante e atento do educador é um fator de florescimento nas crianças de várias potencialidades, como por exemplo crescer, aprender e construir um conhecimento prático quer do mundo físico e social (Hohmann & Weikart, 2009).

O manuseamento dos pincéis foi outro aspeto observado, com mais atenção, pelo facto de ser umas das primeiras vezes que as crianças os utilizavam. A partir dessa observação constatamos que as crianças apresentaram algumas dificuldades em utilizar o pincel, quer no seu manuseamento quer na quantidade excessiva de cola que transportavam no mesmo. Nesta situação também tivemos de intervir, exemplificando como teriam de proceder.

Os autores supramencionados referem que o manuseamento de instrumentos e ferramentas que os adultos normalmente usam, tais como tesouras, furadores, agrafadores, pincéis, escovas etc. as crianças também apreciam e para tal é necessário que estas as explorem. Para que esta situação possa ser possível o educador deverá planear pequenos momentos em que as crianças possam treinar o uso desses instrumentos. Nesta linha de ideias, é importante deixar bem patente a necessidade de

continuar a promover mais atividades plásticas, uma vez que o grupo apresenta dificuldades em manusear alguns materiais plásticos.

Nesta fase da atividade, observámos que algumas crianças, principalmente as mais pequenas, ainda não estavam preparadas para trabalhar com a tesoura, pois demonstravam algumas dificuldades em manuseá-la, implementando a estratégia de diferenciação pedagógica.

Após a conclusão da decoração dos dois puzzles (Figura 2) demos início à legendagem das principais partes do corpo humano, nomeadamente, cabeça, ombro, joelho, pé, olho, ouvido, boca, nariz e mão. Aquando da leitura dos cartões com os devidos nomes de cada parte do corpo, um grande número de crianças conseguiu identificar em que parte seria colocado, concluindo deste modo que já interiorizaram, minimamente, a localização correta de algumas partes do corpo.

Figura 2 - Conclusão da decoração e da legendagem do corpo humano



Esta atividade, podemos dizer que decorreu tendo em conta alguns pressupostos defendidos pela Abordagem de Projeto de Lilian Katz e Sylvia Chard (1997) pelo facto de numa primeira etapa existir um problema, ou seja, uma necessidade das crianças conhecerem o seu corpo. Numa segunda etapa foram apresentadas imagens e realizados

pequenos debates acerca da constituição do corpo humano. Posteriormente, passamos à planificação da atividade, mais precisamente na definição dos materiais e os locais do puzzle em que estes seriam colocados. A última etapa também sucedeu, através das legendas feitas aos puzzles em que o grupo refletiu e concluiu, de forma oral, o que tinham aprendido com a realização deste projeto.

Ainda no âmbito desta temática, foi proposto, ao grupo, a realização de um quadro denominado de “Quadro dos nomes”. Os principais objetivos da construção deste quadro foram, verificar se, efetivamente, as crianças compreenderam e interiorizaram o esquema corporal do ser humano, como também iniciarem a escrita do seu nome, através da cópia das letras. Este último objetivo advém do facto de termos constatado, durante a semana de observação, como também ao longo da primeira semana de intervenção educativa que existia um grande número de crianças que não sabia escrever o seu nome.

Assim, para que a atividade fosse possível, foi entregue a cada criança um pequeno cartão, tal como apresenta a (Figura3), em que teriam de representar o seu esquema corporal, no espaço em branco e copiar o seu nome para a linha que se encontra por baixo do mesmo.

Figura 3 - Cartão de identificação



Relativamente aos desenhos das crianças, pudemos apurar que algumas delas, principalmente as mais novas (4anos) ainda possuem dificuldades em representar o seu esquema corporal, pois desenham os membros superiores junto à cabeça. Para além disso também colocavam a cabeça maior que o corpo e não utilizavam a cor correta para representar o corpo. Todavia, surgiram desenhos com muitos pormenores, como por exemplo a colocação de pestanas e de sobrancelhas nos locais devidos e pintaram o cabelo e os olhos com a cor que correspondia à sua própria realidade.

Quanto à tentativa de copiar o seu nome, pudemos constatar que algumas crianças apresentavam dificuldades em desenhar as letras que compõem o seu nome. Perante esta situação auxiliámos as crianças que apresentavam mais dificuldades através da exemplificação de algumas letras. Estas por sua vez, reescreviam, de forma a tentar fazer as letras o máximo parecido possível. De facto, Hall (1987) citado por Matta (2001), diz que as crianças no processo de apropriação da linguagem escrita devem ser seres ativos e não meros recetores de informação, pois devem construí-la e reconstruí-la, dando-lhe um carácter pessoal à organização e controlo da informação. Por sua vez Hohmann e Weikart (2009) reconhecem que as crianças em idade pré-escolar quando começam a escrever iniciam com rabiscos e desenhos que gradualmente vai emergindo para uma escrita mais reconhecível.

Seguidamente, será apresentado o produto final do “Quadro dos nomes” (Figura 4) onde consta todos os cartões ilustrados e com os nomes redigidos.

Figura 4 - Quadro dos nomes



Quanto à ilustração da atividade preferida relativamente às atividades que foram realizadas sobre esta temática, foi feita de uma forma diferente, pelo facto do pincel ter sido substituído por um cotonete. É de salientar que desde o primeiro momento foi visível um enorme interesse, por parte das crianças em querer explorar o cotonete bem como as diversas cores de guache que se encontravam em cima da mesa, na área das atividades plásticas.

Porém, o desenho que a grande maioria do grupo realizou, não correspondia ao que tinha sido pedido, pelo facto de estarem interessadas em explorar o cotonete e as tintas do que propriamente realizar a atividade.

Nesta linha de pensamento, constatamos que quando apresentamos algo novo às crianças, neste caso o cotonete, não devemos impor uma atividade muito “rigorosa”, pelo facto das crianças terem a possibilidade de conhecer melhor o material, para posteriormente empregá-lo com mais precisão. Além disso, nós como orientadores da atividade deveríamos de ter reforçado a ideia, às crianças, que o cotonete simbolizava o mesmo que um pincel.

Ainda sobre a abordagem a esta temática, queríamos refletir alguns assuntos referentes à comunicação do grupo; à maneira como respeita as regras no tapete e à interação com os colegas.

Assim sendo, a nível da comunicação existia um grupo de crianças que possuía dificuldades em se expressar oralmente, principalmente na verbalização de vocábulos, na articulação, pronúncia e construção frásica. Todavia, é importante que o educador crie condições favoráveis ao grupo para que este possa partilhar sentimentos, sonhos e emoções através da oralidade (ME, 1997).

No que concerne ao respeito pela regra de falar à vez, muitas delas não colocam o dedo no ar ou se colocam já estão a falar. Neste sentido foi lembrado várias vezes as

regras da sala, uma vez que já tinham sido trabalhadas pela educadora cooperante logo no início da adaptação das crianças nesta instituição.

Já a relação entre criança/criança, tanto nos momentos das atividades como nos restantes, era razoável sendo que algumas vezes surgiam conflitos, como por exemplo uma criança passar à frente da outra quando estão no comboio. Note-se que durante a realização das atividades, observamos alguma ajuda entre as crianças, no entanto sempre existiam pequenas brigas quanto à utilização dos materiais, porque todos queriam usá-los ao mesmo tempo. A partir destas relações sociais é que as crianças compreendem o mundo social, ou seja, se estas interações forem positivas as crianças vê o mundo como um lugar de apoio e de possibilidades, caso não vejam interações negativas ficarão com a sensação que o mundo é um lugar de perigo e de confrontação (Hohmann & Weikart, 2009).

Relativamente às dificuldades sentidas durante a realização deste tema foi manter o grupo atento e concentrado às explicações das atividades. No entanto, todo o grupo participou de uma forma positiva nas mesmas, não sendo averiguado quaisquer recusas.

A alimentação.

A segunda temática trabalhada com o referido grupo foi a “ A Alimentação” como podemos verificar nas planificações (Apêndice B e C). Esta temática vem na sequência do tema anterior, o Corpo Humano, pelo facto das crianças compreenderem que o ser humano necessita de se alimentar bem, para que o seu corpo possa estar saudável. Para além disso, este tema também foi trabalhado devido a um grupo de crianças se recusar a ingerir os alimentos nos momentos das refeições, pois diziam

expressões como: “Não gosto disto” ;“Já estou muito cheio, não quero mais” ou “Não quero comer”.

Perante estes motivos, decidimos iniciar este tema com a leitura de uma história intitulada “A aventura dos alimentos”, com o intuito de motivar o grupo a quer conhecer mais sobre o assunto em questão. É importante referir que a história relata o egoísmo do leite com a fruta, pois o leite dizia que era o alimento preferido do Luís, personagem principal da história. Contudo, no final da história o leite entendeu que ele não podia ser o único alimento para que o Luís pudesse sobreviver da melhor forma, pois era necessária a colaboração de outros alimentos, neste caso da fruta. Segundo as OCEPE, as histórias lidas ou contadas pelo educador são formas de abordar o texto narrativo, como também de suscitar o desejo das crianças aprenderem a ler (ME, 1997).

A partir da leitura desta pequena história surgiram questões tais como: “Qual é a fruta que mais gostam?”, “Que bebida podemos fazer com a fruta e com o leite”, “Que sobremesa podemos fazer só com a fruta?” e “Que importância tem a fruta para a nossa saúde?”

Aquando das respostas dadas pelas crianças verificámos que algumas não se pronunciaram no que se refere à fruta preferida, pelo facto de não gostarem muito de fruta. Todavia, existiram crianças que apresentaram a sua preferência com muita convicção, como por exemplo: “Gosto muito de maçã”; “ A minha fruta preferida é o ananás”.

Quanto à bebida, constatámos que algumas crianças conheciam o batido, dizendo que já tinham bebido nas suas casas ou em estabelecimentos comerciais.

Relativamente à sobremesa, responderam que era possível fazer uma salada de fruta, a partir de vários tipos de frutas e era muito boa.

No que concerne à importância da fruta o grupo revelou algumas dúvidas, pois não sabiam explicar muito bem.

Para além do debate sobre as questões referidas, também foram abordados assuntos referentes à forma e à cor das frutas que surgiam na história como também das frutas preferidas. Tendo em conta as OEPE é da responsabilidade do educador escutar cada criança, valorizar as suas contribuições para o grupo, facilitando deste modo a expressividade oral das crianças e estimular o desejo em comunicar. Para além disso o educador deverá ser, nestes momentos, um modelo em que através da sua forma de falar de se expressar faça com que as crianças aprendam novas palavras e novas formas de expressar (ME, 1997).

Nesta linha de ideias, foram desenvolvidas várias atividades para que as crianças pudessem conhecer melhor os alimentos que surgiam na história, como também outros que pudessem surgir aquando do debate, e ainda entenderem a importância destes para a saúde do ser humano.

Assim sendo, foi apresentado, ao grupo, vários moldes de frutas, em que cada criança teria de seleccionar apenas um a fim de proceder ao contorno do mesmo, para posteriormente ilustrar a fruta com a cor que lhe corresponde.

No decorrer desta atividade verificámos que muitas crianças apresentaram dificuldades em contornar a fruta, pois não conseguiam segurar no molde ao mesmo tempo que o contornavam. Ao depararmo-nos com tal situação entrevimos imediatamente com o intuito de explicar que teriam de segurar o molde, com força sem o mover, e de seguida passar o lápis à sua volta com muito cuidado, de forma a obterem o contorno correto da fruta. De facto, Schiller e Rossano (1990) dizem que a criança ao realizar atividades em que manipula objetos com os dedos e com as mãos faz com que

desenvolva pequenos músculos nas mãos que posteriormente facilitaram no processo de escrita.

Relativamente à ilustração das frutas verificámos que um grande número de crianças pintou a fruta com a cor correta. Contudo manifestaram algumas dificuldades em pintar de forma adequada, pelo facto de se limitam a cobrir, minimamente, os espaços em branco não dando atenção à linha de fronteira, pintando deste modo para fora dela.

No momento da apresentação dos trabalhos realizados, foi discutido e refletido em grupo, algumas lacunas apresentadas pelas crianças na concretização da atividade, como por exemplo como deveriam contornar o molde, de forma a ficar reconhecível; na maneira como pintam, ou seja, ter em atenção as linhas de fronteira que se encontram à volta da imagem e ainda refletir sobre a forma como as crianças trabalham em grupo, pelo facto de terem ocorrido situações conflituosas, no que concerne à partilha de materiais. Hohmann e Weikart (2009) salientam que quando as crianças refletem sobre a sua ação começam por perceber que podem fazer as coisas acontecer, que por sua vez aprendem coisas novas e ainda encontram formas de resolver os seus próprios problemas.

A próxima atividade realizou-se devido à questão lançada ao grupo, sobre a bebida que obteríamos se misturássemos fruta com leite. Como já foi referido, algumas crianças responderam que era um batido. Contudo, nem todas sabiam o que era um batido ou então não estavam a se lembrar nesse momento.

Neste sentido, foi lançado um desafio, ao grupo, de confeccionar um batido de banana e uma salada de fruta. Por conseguinte, foi solicitado a todos os pais das crianças da sala as estrelinhas, através de um aviso prévio, que colaborassem com uma peça de fruta, a fim de podermos realizar esta atividade.

Importa salientar que a participação dos pais relevou-se muito positiva, pois mostraram-se desde o primeiro momento interessados em colaborar que até questionam se podiam trazer mais do que uma peça de fruta. Tendo em conta a Lei nº 5/97, 10 refere num dos objetivos definidos para a EPE que esta deverá incentivar a colaboração das famílias no processo educativo, sendo este objetivo concretizado na realização desta atividade.

Após a exploração das frutas, trazidas pelas famílias, decidimos dar início à confeção do batido de banana e da salada de fruta. É de extrema importância referir que esta atividade tinha como principais objetivos colocar o grupo em contacto com diversos tipos de frutas; verificar que através da união de vários alimentos, neste caso de frutas, de leite e de açúcar obter uma ótima sobremesa ou uma bebida.

Chegado o momento da confeção da bebida e da sobremesa, as crianças apresentavam-se eufóricas pois todas queriam participar ao mesmo tempo. Perante esta situação ficou acordado que as primeiras crianças a participar seriam aquelas que estivessem atentas e sossegadas no seu lugar. Segundo as OCEPE defendem que uma das regras de convivência perante um grupo é precisamente compreender e seguir orientações e ordens proferidas pelo educador (ME, 1997).

Antes de mais, gostaríamos de deixar bem patente que antes de iniciarmos a picagens das frutas para a salada de fruta, uma vez que foi a primeira a ser confeccionada, foi lembrado, ao grupo, alguns cuidados a ter quando ingerimos qualquer peça de fruta, sendo um deles passar sempre por água. Assim sendo, foram selecionadas algumas crianças para se dirigirem, juntamente, com um adulto até um lavatório a fim de lavarem as frutas.

Todavia, uma criança lançou a seguinte questão: “As bananas também são para lavar?” Perante esta questão perguntámos o que achava, mas a sua resposta foi que não

sabia. Entretanto, expusemos a situação ao restante grupo e verificámos que algumas crianças, também não sabiam que as bananas não necessitavam de ser lavadas. Perante esta situação explicámos que este tipo de fruta possuía uma casca protetora e para tal não era necessária ser lavada.

Quanto à picagem das frutas foram visíveis dificuldades em cortar algumas peças de fruta, tais como o ananás e a laranja, por apresentarem características um pouco difíceis. Tal como já aconteceu nem outras situações em que as crianças necessitavam de apoio nós estávamos sempre lá para as auxiliar e esta situação não foi exceção. No entanto, a banana, a maçã e a pera, conseguiam cortá-las na perfeição, não sendo necessária a ajuda do educador, pelo facto de não possuírem uma casca tão dura.

Para a confeção do batido de banana foi proferida a leitura da receita, ao grupo, a fim de constatar os quantidades necessárias de cada ingrediente, neste caso, das bananas, do leite e do açúcar. Seguidamente, procedemos à contagem, dos ingredientes com o intuito de serem deitados e triturados na liquidificadora (Figura 5).

Figura 5 - Confeção do batido de banana



Como é possível verificar, nesta atividade as crianças sem se aperceberem estiveram em contacto com a área da Matemática através da contagem dos ingredientes.

Vergnaud (1986), citado por Matta (2001), diz que o ensino da Matemática para ser bem conseguido deve partir de situações que deem significado às crianças em que para esta autora a aquisição de um conhecimento é dar-lhe significado, sendo este aspeto observado nesta situação.

Depois de termos terminado a confeção do batido e da salada de fruta, chegou o momento das crianças os saborearem. De uma forma geral, as crianças beberam o batido e disseram que estava com muito bom gosto. No que concerne à salada de fruta foi-nos informado que a maioria do grupo comeu a salada toda. É de salientar que no momento das crianças comerem a salada não estivemos presentes, por a ingestão da mesma foi feita no turno da tarde, mais precisamente na hora do lanche, uma vez que o grupo já possuía sobremesa para a hora do almoço.

Entretanto, como sobrou muita fruta decidimos, em grande grupo, partilhá-la com a sala das borboletas, outra sala de EPE da instituição educativa. Para além desta partilha as duas crianças definidas pelo grupo, tiveram de explicar, ao referido grupo, o que tinham estado a fazer com as frutas e também lhes apresentar sugestões do que poderiam fazer com as mesmas. Segundo o Projeto Educativo da Escola Básica da Nazaré (2007/2011) a temática educativa para estes anos letivos intitulava-se “Educar para os Valores”. Neste sentido, decidimos inculcar nas crianças o valor de saber partilhar os seus bens com outras pessoas, neste caso com os seus colegas.

Após termos falado das frutas e de alguns alimentos, passamos a dialogar sobre outros alimentos, como por exemplo as couves, alface, tomate, pão, iogurtes, carne, peixe etc. Perante este pequeno debate apresentamos, ao grupo, uma roda, chamada a roda dos alimentos em que apenas uma das crianças a identificou expressando o seu nome corretamente.

Entretanto, existiu um pequeno diálogo em que foram debatidos assuntos como, os alimentos que constam na roda; em quantas partes é dividida e as denominações de cada grupo e ainda sobre o reconhecimento dos alimentos que devem ser consumidos em mais quantidades e em menos quantidades.

Também como forma de motivação, foi-lhes apresentado um pequeno vídeo intitulado de “Roda dos Alimentos”, em que explicava com mais precisão a importância de cada grupo da roda, bem como os alimentos que fazem parte dos mesmos. A partir desta visualização as crianças compreenderam muito melhor o que realmente consistia a roda dos alimentos.

Depois das motivações referidas foi sugerido às crianças a elaboração de uma roda dos alimentos, para a sala, com o intuito de estas recordarem e observarem todos os dias os alimentos que têm de ser comidos em mais quantidades, relativamente aos que têm de ser consumidos em menos quantidades.

Passando à construção da roda, propriamente dita, as imagens utilizadas para a elaboração da roda foram recortadas pelas crianças, através de revistas existentes na sala, como também por nós que trouxemos de casa algumas, com o intuito de auxiliar as crianças.

Aquando do início da colagem das imagens o grupo revelou muitas dificuldades em colocar os alimentos nos grupos corretos, pelo facto de serem imensos fazendo com que as crianças ficassem um pouco confusas. Porém, com um pouco da nossa ajuda e orientação as crianças conseguiram colar as imagens dos alimentos nos grupos corretos.

É de salientar que esta atividade, novamente, foi realizada com pequenos grupos de crianças, sendo que cada elemento possuía uma função, como por exemplo, uns recortavam as imagens dos alimentos, outros colocavam a cola e ainda outros colavam.

Para além disso esta forma de trabalhar em grupo facilita a partilha de ideias e de sugestões por todos os elementos do grupo, aspeto já referido anteriormente.

Como é de conhecimento geral, na roda dos alimentos não constam alimentos como doces, hambúrgueres, bolos etc, ou seja, alimentos que devem ser evitados. Nesta linha de pensamento, achamos por bem referir estes tipos de alimentos uma vez que nestas idades são alvo de grande adesão o que muitas vezes provocam doenças graves, tais como, colesterol, tensão arterial alta, obesidade etc.

Assim sendo, a informação transmitida foi que não deviam comer estes tipos de alimentos com muita frequência, pois fazem muito mal à nossa saúde uma vez que possuem grandes quantidades de açúcares, de gorduras e de sal o que prejudica e muito a nossa saúde. Neste momento surge uma criança que confirma a nossa explicação através da seguinte expressão: “Sim, só pudemos comer estes tipos de alimentos uma vez por semana, principalmente ao fim de semana.” (Eva, 5 anos).

Entretanto elaborámos um pequeno cartaz onde constava vários alimentos que por foram recortados pelas crianças através de revistas. É de referir que este cartaz foi exposto junto à roda dos alimentos (Figura 6) com o intuito das crianças observarem os alimentos que devem ser evitados e os que devem ser consumíveis mais vezes.

Figura 6 - A roda dos alimentos e o cartaz dos alimentos a evitar



Ainda no âmbito desta temática foi proposto ao grupo a realização de uma atividade intitulada “O meu pequeno-almoço”. Esta atividade surgiu pelo facto de termos observado ao longo das semanas de intervenção que algumas crianças chegavam à escola em jejum. Perante esta situação, decidimos realizar esta atividade com o objetivo de transmitir às crianças a importância de tomarem o pequeno-almoço antes de saírem de casa.

Nesta linha de pensamento foi apresentado, ao grupo, diversas imagens de alimentos que poderiam ser consumidos ao pequeno-almoço, como por exemplo pão, leite, cereais, enquanto outros não, como refrigerantes, carnes, peixe etc. Estes últimos foram colocados com o intuito de verificar se as crianças estavam, efetivamente, atentas à escolha dos alimentos para formarem o seu pequeno-almoço saudável.

Além das imagens cedidas, também foi entregue uma folha onde constava um prato em que as crianças teriam de selecionar apenas os alimentos que costumavam comer ao pequeno-almoço.

Entretanto, no momento da apresentação dos pequenos-almoços, foram visíveis em alguns os alimentos intrusos provocando, neste sentido um pequeno debate sobre se realmente consumiam tais alimentos logo pela manhã. Depois de discutirmos este assunto, chegamos à conclusão que os meninos que tinham colocado os alimentos intrusos no seu pequeno-almoço nunca os comiam pela manhã, pois tinham sido postos por distração.

Ainda na apresentação dos seus pequenos-almoços as crianças teriam de explicar, principalmente às crianças que não costumam comer ao pequeno-almoço, a grande importância de o fazerem, pelo facto de ser a primeira refeição do dia e por ser a mais importante. De facto Brazelton e Sparrow (2010), referem que a maioria das aprendizagens acontecem durante a manhã e para tal é necessário que as crianças se

alimentem muito, ingerindo alimentos ricos em proteínas e hidratos de carbono, pois facilitam a atenção e a concentração.

Gostaríamos de deixar bem patente que no decorrer desta temática existiram momentos de grande conhecimento e de aprendizagem por parte das crianças, principalmente no conhecimento da roda dos alimentos sendo ela muito importante para manter uma dieta saudável e equilibrada. Para além disso, a construção desta roda possibilitou que as crianças compreendessem a existência de alimentos que devem ser consumidos em mais quantidades do que outros.

Em suma, o grupo novamente demonstrou-se participativo, inteirado e muito empolgado nas atividades sugeridas, não existindo nenhum caso de rejeição. Achámos que as atividades que o grupo gostou mais de fazer, nesta temática foram o batido de banana e a salada de fruta, por ser visível nos seus rostos a alegria e a felicidade de estarem a confeccionar estes tipos de comida. Neste sentido, podemos salientar que o grau de bem-estar das crianças evidência muitas vezes o contexto educativo, nomeadamente, a organização e a dinâmica do mesmo, o que vem facilitar o comportamento das crianças e a forma destas se sentirem como se estivessem em sua casa (Portugal & Laevers, 2010).

O outono.

O terceiro tema trabalhado na “sala das estrelinhas”, foi precisamente o outono, como podemos verificar através das planificações (Apêndice C e D). Este tema surgiu na sequência da temática a “Alimentação” bem como pelo facto de uma criança ter trazido de casa uma castanha e uma noz e também por, esta estação do ano estar a decorrer.

A partir da junção destas temáticas pegamos nos frutos trazido pela criança, que por sua vez dialogámos um pouco sobre: o nome, a forma, a cor, a textura e a dureza. É de salientar que de uma forma geral o grupo identificou todos aspetos referidos, de forma correta, constatando deste modo que já conheciam os frutos.

Para além destes frutos referidos, levámos para a sala outros frutos da época como o pêro, a manga, a romã, o figo e o dióspiro e os galhos da árvore do pereiro, da figueira, do castanheiro com o ouriço, e o da noqueira. Os frutos e os galhos apresentados tiveram como objetivo colocar as crianças em contacto com a natureza e conhecerem as árvores e os frutos da época. Segundo Easton (1997), as crianças ao estarem contacto com elementos da natureza leva a que estas experienciem sensações de bem-estar e de harmonia.

Por conseguinte, foram observados vários aspetos nos frutos e nas folhas das árvores, como a forma e as cores das folhas, onde germina as castanhas e as nozes e as dimensões das árvores. Importa referir que as árvores da manga, do dióspiro e da romã foram apresentadas através de fotos, pelo facto de não termos encontrado nenhuma árvore deste tipo na região.

Após vários debates sobre estas frutas e galhos foi lançada a seguinte questão: “Sabem qual é a época do ano que estamos?” A maioria das respostas foram que era o outono, pelo facto dos frutos apresentados serem típicos desta estação do ano.

Assim sendo, foi sugerido, ao grupo, a elaboração de um cesto das frutas do outono. As crianças ficaram logo interessadas e disponíveis em quer participar na atividade, que até já expressaram várias ideias sobre os materiais que gostariam de utilizar, como por exemplo cores de pau, de feltro ou guache e papel de lustro.

Neste sentido, foram-lhes apresentadas várias frutas do outono a fim de cada criança seleccionar apenas uma, com o intuito de a decorar utilizando os materiais que

entendesse, mas sem nunca se esquecer da sua cor real. As crianças começaram logo a escolher a fruta e os materiais que a desejam decorar, para que ficasse muito bonita no cesto.

Entretanto, também foi decidido em grupo os materiais a utilizar para a decoração do cesto pois todos tinham de expressar a sua opinião para que o cesto ficasse decorado da melhor forma. Tendo em conta as OCEPE a autonomia das crianças permite que estas aprendam a fazer escolhas, a preferir, a tomar decisões como também encontrar critérios para melhorar as suas decisões (ME, 1997).

Assim sendo, o grupo definiu utilizar rafia para colocar em volta do cesto, o laço com cor de pau cor-de-rosa, para o interior pintar com cor de pau castanha e ainda a cor de pau amarela para a asa do cesto. É de salientar que estes materiais encontravam-se já na sala e o que fizemos foi apresentá-los a fim das crianças selecionarem os que mais preferiam.

Perante estas duas tarefas, delineou-se, em grupo que algumas crianças, cerca de quatro, iniciariam a decoração do cesto, enquanto as outras ilustravam o fruto selecionado. Tendo em conta as Metas da Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar (MAEPE) a criança ao findar este nível de ensino terá de ser responsável por realizar e executar as suas tarefas de forma autónoma (ME, 2010).

Após todas as crianças terem pintado a sua fruta, e o cesto estar devidamente decorado foi solicitado a cada criança que colasse a sua fruta no cesto, bem como as letras que compõem “Frutos do outono”.

Gostaríamos de referir que durante o decorrer desta atividade a grande maioria das crianças conseguiu pintar as frutas com a devida cor e com melhor qualidade, comparativamente, à decoração da fruta preferida na temática anterior. Para além disso

já conseguiram ter uma perceção da quantidade necessária de cola a utilizar e ainda na forma como empregar o pincel.

Seguidamente, (Figura 7) é apresentado o produto final deste trabalho em que todos os elementos do grupo participaram com grande empenho e dedicação.

É de salientar que no final da atividade existiu uma pequena reflexão e conclusão sobre o que aprenderam com a construção do cesto do outono.

Figura 7 - Cesto das frutas do Outono



Como podemos verificar a atividade referida seguiu algumas linhas orientadoras da Abordagem em Projeto, já referida, no que concerne à escolha dos materiais, à partilha de tarefas, à concretização e à reflexão da atividade. Para além disso foi implementada a estratégia de trabalho em cooperação.

Depois de termos realizado o cesto dos frutos do outono, procedemos à discussão de mais aspetos que definem o outono através da seguinte questão: “O que acontece de diferente no outono para além das frutas? Neste momento foi visível uma grande participação por parte das crianças em quer expressar a sua opinião, sendo que já sabiam alguns aspetos acerca desta estação do ano. Segundo MAEPE a criança ao

finalizar a EPE deve reconhecer unidades de tempo, como por exemplo dia e noite, manhã e tarde e ainda as estações do ano (ME, 2010).

É importante referir que no momento em que as crianças apresentaram as suas ideias acerca do outono, decidimos registar algumas frases expressas por elas com o intuito de posteriormente elaborar um pequeno cartaz, com as mesmas e com ilustrações que as representassem, como é possível verificar na (Figura 8).

Figura 8 - Cartaz das ideias das crianças sobre o Outono.



Este tipo de exercício por simples que possa parecer, é muito importante porque as crianças mesmo não sabendo ler conseguem associar a imagem à frase. Todavia, o contacto com as letras é muito importante para as crianças destas idades, pelo facto de começarem a se familiarizar pois muitas delas irão transitar para o 1º CEB no próximo ano letivo. O mesmo autor mencionado diz que as crianças em EPE compreendem que tanto a escrita como os desenhos transmitem informação. Como podemos verificar, este cartaz caracteriza precisamente o que diz o autor.

Para além da apresentação dos frutos e dos galhos, também surgiram outras formas de motivar o grupo, como por exemplo a aprendizagem de uma canção, intitulada “Quando chega o outono” e ainda a leitura de um poema “ O outono chegou”.

No que concerne à aprendizagem da canção as crianças, interiorizam-na muito bem e rápido, sendo que logo no primeiro dia aprenderam as quadras que a constitui bem como os gestos. Atendendo às OCEPE, a expressão musical está relacionada com a educação musical que se fundamenta em cinco eixos sendo eles o escutar, cantar, dançar, tocar e criar (EM, 1997). De entre destes cinco, apenas os três primeiros foram os que utilizámos para que as crianças aprendessem a canção.

Quanto ao poema também o compreenderam muito bem, porque através da realização de questões orais as crianças conseguiram responder com alguma lógica e sequência o assunto do poema.

Planeamos, ainda, uma saída ao exterior, mais propriamente ao pátio da escola, a fim das crianças puderem recolher folhas caídas das árvores. Contudo, a situação climatérica estava pouco favorável nesta altura, pois tinha chovido e as folhas estavam muito molhadas.

No entanto, algumas crianças ao longo destas semanas já tinham trazido, para a sala, várias folhas que encontraram no caminho de casa ou mesmo no pátio da escola. Por conseguinte, também levamos outras folhas, com o intuito das crianças puderem observar vários tipos. A partir destas folhas realizamos um pequeno diálogo acerca da forma, da cor e do tamanho. Com este debate as crianças retiraram diversas conclusões, como por exemplo que existem folhas de várias cores, tamanhos, formas e ainda texturas diferentes.

A partir destas folhas, uma das crianças lançou uma sugestão que foi: “Não podemos colocar estas folhas na sala?” (Cláudio, 5 anos). Perante esta sugestão, a nossa resposta foi que era uma ótima ideia.

Então, nós como orientadoras, sugerimos que elaborássemos uma janela dedicada ao outono, uma vez que ao olharmos pela janela, por exemplo da sala, poderíamos ver as folhas caídas das árvores no chão enquanto outras ainda se encontravam pesas nela, podemos sentir o vento e a ver a chuva.

E assim foi, repetidamente, voltamos a decidir, em grupo, a cor e o tecido que iria ser feita a cortina, como forma de representar uma janela, a cor do tronco da árvore e a ainda da chuva e do vento. Neste sentido, apresentamos vários tecidos que através da votação por parte das crianças acabaram por escolher dois tipos de verde, um mais escuro e outro mais claro. Decidiram, ainda pintar de cor de pau castanha o tronco, a chuva de cor de pau branco e o vento de cor de pau cinzento. Note-se que as OCEPE salientam que as crianças ao possuírem várias cores têm a possibilidade de selecionar e de combinar diversas formas (ME, 1997).

Para iniciarmos a atividade propusemos dividir o grupo em vários grupos, com o objetivo de cada um possuir várias funções tais como recortar aos bocadinhos os dois tecidos; outros espalhavam cola no papel de cenário, onde já se encontrava a forma da cortina, a fim irem colando já os bocadinhos de tecido; outros já pintavam o tronco da árvore o vento e a chuva e por fim procederiam à colagem das folhas.

Como é possível verificar através da (Figura 9) existe um grupo de crianças que está a trabalhar em prol da construção da janela, sendo que estão na fase da colagem das folhas à volta da árvore. Também podemos observar, a forma como a criança de t-shirt roxa, segura no pincel e na maneira como retira a quantidade de cola em excesso, constatando deste modo que já tem noção de como deve utilizar este tipo de material.

Ainda assim, vemos uma outra criança a segurar numa folha com muito cuidado, pelo facto de saber que as folhas nesta altura do ano estão secas, sendo necessário ter muito cuidado para não partir.

Figura 9: Decoração da “Janela do Outono”



Depois de a janela estar concluída, foi exposta num placard da sala para que as crianças pudessem verificar e se lembrar todos os dias que estávamos na estação do ano, denominada de outono.

De uma forma geral as crianças apresentaram-se muito inteiradas nas atividades propostas, sempre com vontade de fazer e de participar. Por conseguinte, pequenas discussões surgiram pelo facto de todos quererem participar ao mesmo tempo, sendo necessário lembrar-lhes as regras de como estar em grupo.

É importante salientar que as atividades desenvolvidas no âmbito desta temática decorreram muito lentamente, pois o grupo apresentava-se um pouco irrequieto, mas depois de tanto esforço, participação e iniciativa correu muito bem.

Importa referir que tendo em conta as nossas observações feitas ao longo das atividades foi possível constatar que o grupo apresentou-se muito entusiasmado em

conhecer os ouriços, a proteção onde é gerada a noz pelo facto de ser a primeira vez que contactam com estes elementos da natureza.

O halloween.

A temática Halloween, como o próprio nome indica, foi trabalhada durante a última semana do mês de outubro (Apêndice E) por ser nesta altura que é festejada. Este tema também surgiu pelo facto das crianças ficarem a conhecer outras maneiras de festejar o pão por deus que não as habituais no nosso país.

No entanto, cada vez mais está a ser introduzido no nosso país, o Halloween devido à grande afluência de turistas e de pessoas de outros países que vêm residir no nosso país e que por sua vez implementam as suas tradições. Segundo as MAEPE defendem que as crianças devem reconhecer que existem diversas características e hábitos de outras pessoas e grupos que devem ser respeitados tendo em conta a sua cultura, religião etc. (ME, 2010).

Por outro lado, também foi trabalhado este tema porque as educadoras da sala já tinham definido que seriam elas a trabalhar a temática do pão por deus e também porque o trabalho realizado com a comunidade vai ao encontro deste tema.

Para iniciarmos o tema foi apresentada uma abóbora ao grupo, com o intuito de discutir o porquê de termos levado aquele alimento para a sala. Importa referir que a primeira reação expressa pelas crianças foi se íamos fazer uma sopa de abóbora. Por conseguinte, respondemos que não, mas sim algo muito engraçado. Após esta pequena deixa uma das crianças exclamou: “ É para fazer uns olhos, uma boca e um nariz, porque está a chegar o dia das bruxas” (Luís, 5 anos).

A partir desta expressão confirmamos que efetivamente iríamos fazer o que referiu por estar a chegar o dia do “Halloween” ou o “Dia das Bruxas”. Neste sentido

foi explicado um pouco da história, a origem e as tradições desta temática. As crianças ao ouvirem tais explicações ficaram muito fascinadas, principalmente, com as tradições deste dia, por ser um pouco diferentes das portuguesas.

Após um diálogo muito participativo e produtivo por parte das crianças, em querer saber mais sobre o referido assunto, foi-lhes lida uma história intitulada “Um jantar de arrepiar” da autora Luísa Ducla Soares. O grupo permaneceu minimamente atento à leitura da história, dispersando-se um bocadinho no final, pelo facto de não estarem habituados a ouvir histórias. Contudo, algumas crianças no momento do reconto compreenderam a sequência da história que até exclamaram que a história era mesmo assustadora. De facto, as MAEPE estabelecem que as crianças depois de escutarem uma história devem ser capazes de descrever os acontecimentos narrados na história através de uma sequência lógica e incluindo, sempre, as personagens principais (ME, 2010).

Depois da discussão, em grupo, sobre o conteúdo da história surgiu a ideia de realizar uma pequena dramatização sobre a mesma. Perante esta sugestão, foi discutido, em grupo, os acessórios tanto para as personagens como para o cenário. Nesta linha de ideias, algumas crianças disponibilizaram-se em trazer, das suas casas, disfarces de bruxas, de fadas, de fantasmas, uns óculos para representar a avó entre outros acessórios. Tendo em conta o autor supramencionado, diz que é importante a participação e a colaboração das crianças no planeamento e desenvolvimento de projetos de teatro e como vemos este aspeto é visível nesta atividade.

Chegado o dia da dramatização verificamos que muitas das crianças que tinham ficado responsáveis por trazer alguns dos acessórios, não os trouxeram porque tinham se esquecido, constatando deste modo que possuem pouco sentido de responsabilidade. Assim sendo, a dramatização foi cancelada para o dia seguinte e lembrado, novamente, os acessórios que tinham de trazer.

Como não foi possível realizar a dramatização no respetivo dia planeado e como já tínhamos falado e apresentado uma abóbora como símbolo desta época festiva foi entregue a cada criança uma abóbora, em cartolina, em que teriam de ilustrar utilizando a técnica da esponja. Esta técnica consiste nas crianças embeberem a esponja na pinta de guache, amarela ou verde, e depois carimbarem na abóbora de forma a ficar toda preenchida. Depois de todas as crianças ilustrarem as abóboras e de estarem todas secas, foram expostas na sala como forma decorativa. As OCEPE referem que a decoração é um fator importante na sala de EPE, pois possibilita manter um ambiente agradável para que a criança se sinta bem e que goste de estar naquele espaço (ME, 1997).

Na segunda vez em que foi realizada a dramatização verificámos mais responsabilidade por parte das crianças, pelo facto de terem trazido os acessórios combinados.

É de salientar que antes de realizar a dramatização da história preparámos a abóbora que tínhamos levado, por ser um dos acessórios da peça. Assim sendo, abrimos a abóbora e com a ajuda de todas as crianças retiramos as sementes de dentro da mesma para posteriormente fazer o nariz, os olhos e a boca. Importa mencionar que no momento em que as crianças ajudavam a retirar as sementes, demonstravam espanto mais ao mesmo tempo entusiasmo, pelo facto de estarem a tocar em algo de nunca tinham tocado como podemos verificar através da (Figura 10).

Figura 10 - Criança retira as sementes da abóbora



No nosso entender, este bocadinho em que as crianças puderam contactar com a realidade foi muito gratificante, pois constatámos o quão é importante colocar as crianças, destas idades, a manusear algo que existe ao dispor no nosso dia a dia e que muitas vezes não nos apercebemos o quanto é importante para as crianças tocarem e conhecerem.

Chegado o momento da dramatização, propriamente dita, as crianças foram divididas em vários grupos uma vez que a peça não possuía o mesmo número de personagens que o grupo.

Relativamente às dramatizações (Figura 11) dos vários grupos constatámos que alguns deles sentiram dificuldades em seguir a sequência da história e em expressar as falas das personagens. No entanto, com as nossas orientações as crianças lembravam-se do que teriam de fazer e até que conseguiram representar os pontos mais importantes da história. Como é possível verificar, o educador nesta atividade apresenta-se como um orientador ou auxiliar da ação da criança (Hohmann & Weikart, 2010).

Figura 11 - Dramatização da história “Um jantar de arrepiar”



Note-se que esta foi a primeira vez que o grupo dramatizou, e por isso as crianças estavam um pouco tensas e nervosa que até uma delas se recusou em participar.

Perante esta situação tentamos convencê-la, mas foi em vão porque insistiu dizendo que não queria representar. No nosso entender, esta criança não quis participar na peça, pelo facto de ser uma das crianças perturbadoras e como reparou que teria de representar um personagem revelou-se inibida de se expor à frente dos seus colegas de uma maneira mais formal.

Importa referir que nas restantes dramatizações o grupo já se mostrava mais espontâneo facilitando deste modo a dramatização.

Depois da dramatização foi pedido ao grupo que ilustrasse a parte da história que lhes tinha chamado mais à atenção, utilizando cores de pau de feltro ou de cera. Nesta atividade foi possível apurar que o grupo conseguiu representar pelo menos as personagens principais da história, ou seja, os dois irmãos, a avó Maria e ainda alguns acessórios com por exemplo a abóbora.

No nosso entender, o grupo demonstrou-se interessado e muito participativo nos momentos das atividades, pelo facto de ser um tema pouco abordado nas escolas, uma vez que a nossa cultura celebra com mais ardor o dia do pão por deus do que propriamente o dia das bruxas. Neste sentido, as crianças demonstram mais curiosidade em adquirir novos conhecimentos.

Outras atividades desenvolvidas com o grupo.

Neste ponto serão mencionadas outras atividades realizadas com as crianças da sala das estrelinhas, para além das que já foram referidas, nos pontos anteriores.

As atividades efetuadas foram precisamente a introdução de uma canção de acolhimento, intitulada “É dia de novo outra vez” e ainda a realização de jogos lúdicos.

Assim sendo, a canção foi-lhes ensinada porque sentimos necessidade das crianças se saudarem pela manhã de uma forma mais alegre, não ficando, unicamente,

pelo diálogo habitual sobre os assuntos que decorreram no quotidiano das crianças. De facto Hohmann e Weikart (2009), as crianças em idade pré-escolar gostam de cantar vários tipos de música, sejam elas de embalar, tradicionais ou populares ou ainda associadas a festividades no tempo em que estão em grupo. Para além disso, é importante que o educador introduza gestos, pois facilita a memorização da canção.

É importante referir que aquando do momento da aprendizagem da canção as crianças apresentaram-se motivadas e interessadas em aprendê-la, pois permaneceram-se em silêncio e atentas que até memorizaram, com facilidade, a letra, a melodia e os gestos da canção. Importa referir que esta canção era cantada todas as manhãs pelas crianças, principalmente, quando a nossa intervenção era realizada no turno da manhã.

Passando à justificação da realização dos jogos lúdicos, estes foram executados devido à observação de algumas crianças que nos momentos de recreio permaneciam sentadas durante algum minutos sem brincar. Perante esta situação, decidimos organizar vários jogos lúdicos a fim de manter as crianças ativas e integradas com os restantes elementos do grupo.

Os jogos realizados foram, precisamente o do testemunho, do lenço, da salada de fruta e de movimentos. Segundo as OCEPE, os jogos com regras mas complexas são ocasiões que possibilita a que as crianças tenham controlo motor, de socialização, de compreensão e de aceitação de regras (ME, 1997). Por sua vez, os jogos permitem que a criança reproduza movimento, mas também desenvolva competências a nível da coordenação motora, da forma física e ainda ganham confiança nas suas capacidades (Hohmann & Weikart, 2009).

É importante referir que os jogos não foram realizados todos no mesmo dia, mas sim distribuídos pelos dias em que a intervenção pedagógica foi efetuada no turno da tarde, por ser o momento em que as crianças passam mais tempo no recreio.

Gostaria de referir que os jogos, de uma forma geral correram muito bem, pois o grupo ficou desde o primeiro momento empolgado em realizá-los. Por conseguinte, na parte inicial, ou seja, aquando do momento da explicação das regras dos jogos as crianças não permaneceram atentas, pelo facto de quererem começar a jogar, sendo necessário intervir uma forma mais autoritária para que as crianças compreendessem que tinham de estar atentas.

No nosso entender estas atividades realizadas fora das temáticas trabalhadas, foram enriquecedoras para as crianças, porque ficaram a conhecer uma nova canção e a compreender a importância de saudar as pessoas que encontramos pela primeira vez durante o dia. Para além disso, possibilitou que as crianças ficassem a conhecer novas dinâmicas de jogos que, posteriormente, puderam realizá-las tanto na escola como em casa com os seus familiares.

Intervenção Educativa com a Família

A família é considerada um elemento ativo na intervenção educativa pelo facto de desempenhar várias funções e responsabilidades distintas das que competem às instituições educativas. Assim sendo, a família tem como funções socializar a criança, satisfazer as primeiras necessidades, proporcionar diversas experiências e transmitir-lhe conhecimentos socioculturais (Matta, 2001).

No entanto, ao longo do tempo os pais deixam de ser os únicos responsáveis pela educação das crianças, pelo facto das crianças serem integradas na EPE e para tal o educador passa a fazer parte da educação destas. Neste sentido, a escola tem como função aprofundar e alargar os valores da criança, previamente desenvolvidos no contexto da família (Hohmann & Weikart, 2009).

Como acabamos de verificar tanto os pais como os educadores são elementos muito importantes para a educação da criança, e para que isso possa ser possível têm de estar em consonância. Assim durante a nossa ação educativa com a respetiva sala de infância, solicitámos a participação dos pais em três atividades.

A primeira diz respeito à colaboração de uma peça de fruta, para a confeção da salada de fruta e do batido de banana. Importa referir que desde o momento que foi entregue o aviso a cada encarregado de educação, em que estes demonstraram logo interesse em trazer a peça de fruta pedida que até questionavam se não necessitávamos de mais algum ingrediente, pois estavam dispostos a ajudar no que fosse necessário.

Foi possível verificar que no final da recolha das frutas todos os encarregados de educação participaram na entrega de mais do que uma peça de fruta.

A segunda participação foi a nível monetário. O dinheiro solicitado convertia para o pagamento do transporte a fim das crianças puderem realizar uma visita de estudo ao Comando da Polícia de Segurança Pública do Funchal. A cada pai foi entregue um pequeno aviso onde informava as condições da visita de estudo.

Importa salientar que mais uma vez os encarregados de educação participaram sem qualquer contestação que até disseram ser uma ótima iniciativa, pois as crianças ficariam a conhecer melhor as funções da polícia.

A última colaboração dos pais, diz respeito à decoração de uma castanha alusiva à estação do ano o outono bem como ao dia do pão por deus. A decoração da castanha, tinha como principal objetivo os pais juntamente com as crianças a decorarem utilizando diversos materiais sejam eles recicláveis ou não. É pertinente dizer que nem todos os pais colaboraram nesta atividade, talvez pelo facto de não terem tido muita disponibilidade.

Todavia, as castanhas que chegaram à sala foram muito originais e criativas, pois os pais utilizaram uma diversidade de materiais como por exemplo folhas de árvores, cascas de castanhas, cor de pau, lã, avelãs entre outros materiais (Figura 12 e 13).

Figura 12 e 13 - Exemplos de castanhas decoradas pelos pais



Após a recolha de todas as castanhas, foi realizada uma pequena exposição na sala com todas, para que os pais e as crianças pudessem verificar os trabalhos finais dos elementos do grupo. Convém salientar que um grande número de pais dirigiu-se junto à exposição onde dialogaram com o seu filho sobre a sua castanha como sobre as restantes.

Em suma, gostaríamos de mencionar que os familiares das crianças foram muito participativos nas atividades solicitadas, pois segundo as OCEPE, a família e a instituição de EPE são considerados dois contextos sociais muito importantes para educação da criança existindo deste modo uma relação de proximidade entre si (ME, 1997).

Intervenção Educativa com a Comunidade

Como vimos no ponto anterior a família juntamente com a instituição educativa são considerados elementos essenciais na educação das crianças. No entanto, não são os únicos, pois a comunidade também o é. Tendo em conta as OCEPE a colaboração da comunidade permite que as crianças alarguem e enriqueçam as suas aprendizagens, através de trocas de saberes e de informações (ME, 1997).

Nesta linha de ideias, não quisemos deixar de lado a comunidade e para tal, foram realizadas duas atividades. A primeira foi uma visita de estudo ao Comando da Polícia de Segurança Pública, realizada no dia 27 de outubro de 2011. Já a segunda refere-se à visualização de uma peça de teatro, de fantoches, denominada de *Pão por Deus – O Avô e o neto vão passear* que foi efectuada no dia 28 de outubro de 2011.

Assim sendo, a primeira atividade com a comunidade surgiu através de um convite feito pela sala das borboletas da referida instituição educativa. Esta visita de estudo realizou-se pelo facto da sala, mencionada estar a trabalhar o tema “A Segurança” e neste sentido decidiram, em grupo, realizar esta visita. Os grandes objetivos desta visita de estudo foram que as crianças conhecessem as instalações da Polícia, e compreenderem as suas funções perante a sociedade.

Nesta linha de ideias, como forma de motivar as crianças, da sala das estrelinhas, para a visita de estudo foi realizado um pequeno diálogo, com grupo, a fim de conhecer as ideias que cada criança acerca da polícia.

Como era de prever as ideias das crianças, de uma forma geral, foram um pouco negativas, pois apenas mencionaram que os polícias matavam e prendiam pessoas e que também passavam multas. Contudo, durante a visita de estudo os senhores polícias transmitiram às crianças que essas não eram as únicas funções, pois explicaram que às

vezes tinham de matar as pessoas para se defender e que normalmente prendiam e passam multas quando estas se portavam mal, caso contrário não faziam nada.

Acrescentaram ainda que uma das suas principais funções é ajudar todas as pessoas quando estas mais precisam, como por exemplo em caso de acidente.

Também foram debatidos aspetos como a farda, os instrumentos que utilizam e ainda os meios de transporte. Importa referir que algumas crianças manifestaram algumas dúvidas acerca da farda, principalmente na cor. Sobre os instrumentos, identificaram logo à primeira vista a pistola por ser aquela que mata as pessoas e por fim os meios de transporte indicaram unicamente o carro.

Após este pequeno diálogo sobre os polícias foi solicitado ao grupo que realizasse um pequeno desenho sobre o polícia utilizando o tipo de cores que preferisse. É de salientar que consoante as crianças iam finalizando o desenho pedíamos a cada uma que expressasse uma frase, sobre o que pensavam dos polícias, e nós redigíamos junto ao desenho.

Convém referir que os desenhos realizados foram entregues ao agente da polícia no dia da visita de estudo, como forma de agradecer a disponibilidade e atenção prestada.

Chegado o dia da visita as crianças estavam muito entusiasmadas, por ser a primeira vez que realizavam uma visita de estudo. Assim sendo, ao longo da visita as crianças puderam conhecer as instalações do comando, como por exemplo, a sala de conferências, o gabinete dos telefones que são destinados a receberem chamadas de emergência, a sala de tiro, as celas e ainda estiveram junto dos carros, das motas e das bicicletas.

Também puderam tocar em alguns instrumentos usados diariamente pelos polícias como as algemas, o rádio, o boné e o bastão. É de salientar que quando os

polícias disponibilizaram o bastão e as algemas para que as crianças manuseassem, algumas recusaram-se, porque estavam com muito medo que os polícias lhes fizessem mal.

Achámos que de uma forma geral, a visita foi muito enriquecedora, para o grupo pois este ficou a conhecer e a perceber melhor quais são as funções da polícia que não são, unicamente, matar, prender e passar multas às pessoas, mas sim preservar pela segurança e bem-estar de todos os cidadãos. Para além disso também ficaram esclarecidos, de como os cidadãos devem viver em sociedade, como por exemplo respeitar as regras do cinto de segurança nos carros, como caminhar nos passeios, como andar de bicicleta. Estes assuntos foram explicados através da visualização de um vídeo apresentado pela polícia.

Quanto à segunda atividade desenvolvida com a comunidade, ou seja, a peça de teatro com fantoches alusiva ao pão por deus, também foi muito enriquecedora, pois permitiu reunir todas as crianças, educadores e assistentes operacionais, tanto do pré-escolar da Nazaré como do Pré-escolar da Azinhaga, como o intuito de promover um pequeno convívio e partilhar aprendizagens.

É importante deixar bem patente que esta atividade foi organizada pelas educadoras estagiárias, tanto da instituição educativa da Nazaré como da Azinhaga, de forma a unir todos os elementos do pré-escolar destas duas instituições.

No nosso entender, todas as crianças adoraram a peça de teatro, porque os fantoches, principalmente as frutas, a pera, a romã, a anona e o pero pareciam frutas reais.

É importante mencionar que a história espelha o que realmente acontece nesta época festiva, na nossa sociedade, mas precisamente os frutos da época, a construção do

saco para guardar os frutos oferecidos pelos vizinhos e familiares e ainda a própria canção que é cantada durante a peça pelas frutas, referente a esta festividade.

Importa referir que no final da história as crianças pediram para manusearem um pouco os fantoches, pelo facto de demonstrarem um grande interesse e curiosidade em tocar. De facto as OCEPE citam que a utilização de fantoches facilita a expressão e a comunicação, como também serve de suporte para a criação de histórias e de pequenos diálogos (ME, 1997).

É de salientar que para além de nós, educadoras estagiárias, termos preparado a peça de teatro para todas as crianças, cada sala, tanto do pré da Nazaré como da Azinhaga apresentaram uma canção com coreografia referente à época festiva ou sobre a estação do ano, o outono. É de salientar que todos os grupos estavam muito bem ensaiados, pois de uma forma geral conseguiram realizar os gestos ao mesmo tempo que cantavam a canção.

Em suma, estas duas atividades planeadas com a comunidade foram muito gratificantes para as crianças, pois puderam contactar e conhecer diversas coisas acerca da polícia como do pão por deus.

Como acabamos de verificar, a escola cada vez mais se envolve com o meio circundante e faz dele um elemento fundamental no processo educativo, traçando relações entre as pessoas (Martín, 1998).

Participação nas Reuniões da Instituição Educativa

É importante salientar que durante o período em que estivemos a intervir na sala das estrelinhas, participamos em três tipos de reuniões, sendo elas de pais, de conselho escolar e de educadoras.

Em cada reunião foram discutidos vários assuntos de grande interesse para a educação e bem-estar das crianças, como projetos a serem realizados e ainda a discussão de grelhas de avaliação a ser aplicadas às crianças do pré-escolar.

No nosso ponto de vista estas reuniões são muito importantes pois permitem que haja uma troca de ideias, informações e opiniões entre os vários elementos presentes na reunião, constatando deste modo um ótimo momento de chegar a conclusões ou tirar dúvidas sobre determinados assuntos que não estão bem definidos. De facto, Moita et al. (s.d), na Carta de princípios da Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI) num dos compromissos com a equipa de trabalho e entidade empregadora refere a importância de em equipa se tomar decisões relativamente a situações delicadas.

Gostaríamos de salientar que todas as reuniões são essenciais, no entanto a que achámos mais importante foi a reunião de pais, pelo facto de serem debatidos e informados vários assuntos importantes, nomeadamente o funcionamento da sala e da instituição educativa; necessidades existentes na sala e ainda a eleição do representante de pais para a sala. Martín (1998) refere que “ A colaboração e a comunicação entre pais e professores visa encontrar com sinceridade solução e resposta para as questões mais importantes na formação de uma comunidade educativa mais justa (p.55).”

Avaliação

Avaliação do grupo.

Como é possível verificar este ponto denomina-se de avaliação do grupo e que por sua vez será feita tendo em conta as áreas de conteúdo, sendo elas a Área de formação pessoal e social; Área de expressão e comunicação e a Área do conhecimento do mundo.

Assim sendo, no que concerne à Área de formação pessoal e social, o grupo de uma forma geral já consegue reconhecer o nome de todos os elementos da sala sejam eles adultos ou crianças.

Relativamente à forma como se socializam é muito positiva, pois gostam de comunicar com todos os elementos da sala, em que expressam as suas emoções, ideias, sentimentos e necessidades.

No que se refere às regras de convivência, apresentam algumas lacunas, como por exemplo não respeitam a vez dos outros meninos falar; não levantam o dedo e se o levantam já estão a falar. Por conseguinte, existem sempre exceções, ou seja, há crianças que possuem um bom comportamento e que respeitam as regras estipuladas por nós.

Quanto à gestão de conflitos foram visíveis dificuldades, principalmente em reconhecer que erram e que têm de melhorar os seus comportamentos quer nos momentos de trabalho quer no tempo do recreio e do tapete.

Passando à sua autonomia, normalmente, realizam tarefas do dia a dia sem qualquer ajuda, nomeadamente, vestir-se, despir-se, ir à casa de banho etc. Já nas suas decisões demonstram-se um pouco indecisas, principalmente nos momentos de tempo livre, pois não sabem o que querem brincar sendo às vezes é necessário lhes apresentar sugestões, como modelagem, um desenho livre entre outros.

No relacionamento com os adultos e com os seus pares conseguem fazê-lo de forma regular. No entanto, foram observáveis, algumas vezes, discussões entre os elementos do grupo, pelo facto de não existir um consenso nas ideias e nas sugestões apresentadas.

Relativamente à concentração, o grupo revela alguns problemas, pois dispersa-se com muita facilidade sendo necessário apresentar estratégias para que volte a estar atento.

Já à memória e o raciocínio possuem pois grandes capacidades pois adquirem os conhecimentos com facilidade. Todavia, existem crianças que manifestam muitas dificuldades em compreender o que lhes está a ser transmitido, sendo necessário explicar de outra forma para que possam entender.

No que concerne à Área de expressão e comunicação, esta será feita tendo em conta os diferentes domínios que a constituem.

Assim, no domínio da expressão motora, o grupo apresenta-se muito ativo, verificado através da forma de saltar, de pular, de subir e de descer escadas. Contudo, constatámos que algumas crianças demonstram impedimento em realizar movimentos que impliquem mais rigor e precisão, nomeadamente, atar os sapatos, o abotoar a bata ou outro tipo de roupa etc.

Quanto à lateralidade, na generalidade já possuem algumas noções, no entanto demonstram dificuldades em nomeá-las.

Já no domínio da expressão plástica, uma grande parte do grupo já consegue desenhar o seu esquema corporal com alguns pormenores, por conseguinte a outra metade demonstra dificuldade em fazê-lo.

No recorte e na colagem certos elementos do grupo manifestam complicações em manusear a tesoura e a aplicar a dosagem de cola correta, pois algumas vezes colocam em excesso ou em demasia.

Nos momentos de modelagem, normalmente interessam-se mais pelo manuseamento dos materiais, por exemplo pela plasticina, do que propriamente com os resultados finais que esses possam trazer.

É importante salientar que nos momentos de experimentar novas técnicas plásticas, ficam muito entusiasmadas e eufóricas pelo facto de adorarem conhecer novas formas de utilizar materiais plásticos. Para além disso gostam muito de pintar com qualquer tipo de cor, seja de pau, feltro, cera ou de guache. No entanto apresentam algumas lacunas na forma de pintar, pelo facto de não respeitarem, por exemplo a linha de fronteira, pois pintam para fora dela e ainda deixam espaços em branco.

No que se refere ao contorno possuem dificuldades, pois não conseguem segurar no molde ao mesmo tempo que o contornam, apresentando deste modo resultados um pouco imperfeitos.

Passando agora ao domínio da expressão musical, o grupo gosta muito de cantar e de realizar gestos em consonância com a música, que por vezes conseguem fazê-lo na perfeição pelo facto de não se atrapalharem na sequência dos mesmos.

Quanto à memorização das letras das canções, é um grupo que revela uma enorme capacidade de interiorização da própria letra bem como da melodia, pois no mesmo dia conseguem aprender a canção na íntegra. Já na reprodução de batimentos rítmicos, apresentam algumas dificuldades em reproduzi-los.

No domínio da expressão dramática, o grupo gosta de brincar ao faz-de-conta sobretudo na área da casinha, pois imitam situações e personagens da vida real. Ainda nesta área, foi realizada uma pequena dramatização e constatámos muito nervosismo, insegurança e pouca facilidade em exprimir as falas das personagens, concluindo deste modo a necessidade de continuar a promover situações desta índole.

Quanto à área da matemática, a grande maioria conseguia contar pelo menos até ao número 20 consecutivamente e não regressivamente. Também conseguiam realizar pequenas contagens de objetos e de quantidades.

Na construção dos puzzles, como já foi mencionado, as crianças, numa fase inicial apresentaram algumas dificuldades na união das peças, sendo necessária a orientação do educador.

Por fim na linguagem oral a maioria do grupo apresenta um vocabulário pobre, pouco variado e com muitas dificuldades em articular e pronunciar palavras.

Gostam de ouvir histórias, mas no momento do reconto não o conseguem fazer devidamente. Ainda sobre este assunto, é importante salientar que o grupo tem preferência em ouvir histórias curtas do que longas, pelo facto de ficarem muito cansado.

Quanto aos momentos de diálogo gostam muito de expressar as suas vivências, opiniões e ideias.

É de salientar que algumas crianças começaram a manifestar um grande interesse pela escrita que no final do Estágio já conseguem produzir o seu primeiro nome.

Por último a Área do conhecimento do mundo, foi possível constatar que o grupo releva muito pouca curiosidade e interesse em quer saber mais sobre um determinado tema ou sobre outro assunto que surja, sendo necessário apresentar-lhes sugestões.

Importa referir que nesta fase de adaptação em que as crianças se encontravam, ainda não sabiam identificar o dia da semana, o dia do mês nem o próprio mês. No entanto já possuem algumas ideias sobre as estações do ano, pelo facto da maioria ter identificado o outono.

Quanto às festividades, conhecem algumas tradições como por exemplo o saquinho para o pão por deus, a abóbora para o dia das bruxas e ainda a época natalícia, mais precisamente o pai natal.

Em remate final, o grupo, ainda, apresenta muitas lacunas nas diferentes áreas, devido à fase de adaptação que estavam a atravessar. No entanto, prevê-se que com o tempo e com a prática as dificuldades vão sendo ultrapassadas.

Avaliação da criança.

Para além de realizarmos uma avaliação de grupo, também foi proposto que avaliássemos uma criança em particular. Neste sentido selecionamos uma menina à qual atribuímos o nome fictício de “Luísa” (5 anos).

Esta avaliação foi realizada através de uma observação atenta e minuciosa à criança em questão durante as cinco semanas de prática que por sua vez registámos a informação em grelhas que pudemos verificar nos (Apêndices F, G, H, I, J).

Importa dizer que a avaliação foi realizada tendo as áreas de conteúdo à Área de formação pessoal e social, à Área de expressão e comunicação e à Área do conhecimento do mundo, que seguidamente será apresentada um síntese de cada uma delas.

Antes de iniciar a avaliação, propriamente dita, gostaríamos de esclarecer que a avaliação da Área de expressão e comunicação a criança será feita tendo em conta os domínios da linguagem oral e abordagem à escrita, da expressão plástica, da expressão motora, da expressão musical, da expressão dramática e da matemática.

Assim sendo, na Área da formação pessoal e social a “Luísa” parecemo-nos ser uma criança sociável, meiga, responsável e autónoma, pois conseguia dirigir-se sozinha até à casa de banho, abotoava a sua bata, selecionava os jogos que pretendia brincar e realizava desenhos livres.

Nos momentos de trabalho, normalmente é uma criança que partilhava os materiais com os seus colegas sem manifestar conflitos. Para além dos materiais

também demonstrou-se recetível à partilha das frutas com os colegas da sala como também com as crianças da “sala das borboletas.”

Ainda sobre a Área de formação pessoal e social a “Luísa” de uma forma geral reconhecia a sua identidade sexual bem como algumas partes do seu corpo tais como a cabeça, as mãos, os dedos e os pés.

Quando às rotinas da sala, já tinha noção da sequência das atividades realizadas. É de salientar que quando era a chefe da sala, desempenhava o papel muito bem, pois cumpria as regras estipuladas e alertava os seus colegas para os comportamentos menos bons de forma a torná-los positivos.

Relativamente ao relacionamento com os colegas e adultos é satisfatório, pelo facto de nunca terem sido visíveis conflitos, concluindo deste modo que é uma criança calma e serena.

No que concerne ao comportamento, apresentava algumas dificuldades em assumir e cumprir as regras estipuladas, sendo muitas vezes influenciada por atitudes menos corretas dos amigos, levando-a a distrair-se durante as atividades.

Gostaríamos de referir que a criança nesta área de conteúdo apresentava-se relativamente bem, no entanto o único aspeto que tinha a melhor era a concentração, principalmente nos momentos de debate em grande grupo, pois releva alguma distração.

Passando à Área da expressão e comunicação, mais propriamente ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, a criança releva muitas dificuldades em articular e pronunciar corretamente as palavras, como também em diversificá-las.

Todavia, é importante referir que ao longo destas semanas de intervenção pudemos concluir que é muito complicado obter resultados a nível da linguagem oral, principalmente com crianças que apresentam enormes dificuldades na articulação de palavras. Acreditamos que esta situação poderá ser passageira, pois a criança ao longo

do tempo poderá melhorar significativamente, não sendo necessária uma intervenção especializada.

Já a sua participação oral nos debates, em grande grupo, é muito pouco participativa sendo solicitada muitas vezes para expor as suas ideias e sugestões pelo facto de ser um pouco tímida. Neste sentido, deverá ser mais estimulada a este nível para que possa desinibir-se e também colmatar alguns défices linguísticos.

Quanto à escrita a “Luísa” no decorrer estas semanas de Estágio melhorou imenso, sendo que no início não sabia escrever nenhuma letra do seu nome e passado cinco semanas já conseguiu escrever o seu nome sem copiar. Este assunto foi aquele que mais nos marcou pelo facto de em tão pouco tempo ser visível uma evolução tão grande nesta criança, a este nível.

Nos momentos de ouvir histórias e poemas a criança manifesta interesse numa fase inicial, mas no decorrer da leitura revela-se cansada e distraída deixando de acompanhar a leitura. Ainda sobre este assunto, gostaríamos de mencionar que após a leitura das histórias ou dos poemas a criança não consegue realizar o relato de forma sequencial, concluindo deste modo que possuiu alguns problemas de concentração ou de compreensão.

No domínio da expressão plástica releva uma grande participação em realizar as atividades plásticas, pois demonstrava interesse desde o primeiro momento.

Numa fase inicial apresentava algumas lacunas no manuseamento da tesoura, pois não colocava a mão na posição devida, dificultando neste sentido o seu trabalho. No entanto, foi melhorando ao longo das semanas pelo facto de terem sido desenvolvidas várias atividades que permitiam que a criança manuseasse a tesoura.

Quanto à colagem, já possuía algumas noções da dosagem correta a utilizar de cola bem como em manipular o pincel.

Já na pintura a “Luísa” apresenta algumas lacunas, principalmente, em pintar na mesma direção e dentro da linha de contorno. No entanto, consegue associar a cor que pinta com a realidade, como por exemplo utiliza a cor rosa para representar a pele, a cor preta para pintar os olhos e o cabelo usa a cor castanha ou preta etc.

Na técnica do contorno, também releva algumas dificuldades em segurar e movimentar o lápis ao mesmo tempo, o que releva pouca motricidade fina.

No que diz respeito ao domínio da expressão motora a criança gosta de correr, saltar, pular, nos momentos de recreio bem como na realização de jogos lúdicos. É uma criança que consegue correr, andar com objetos na mão sem deixá-los cair ao chão, aprontando deste modo que possuiu uma grande segurança e equilíbrio. Um das dificuldades encontradas foram identificar a direita e a esquerda, ou seja, possuía certos problemas de lateralidade.

Quanto ao domínio da expressão musical a “Luísa” consegue memorizar e cantar a canção apreendida. No entanto, na fase inicial revelava dificuldades em cantar e realizar gestos ao mesmo tempo que canta, pelo facto de a baralhar. É de referir que quando escutava alguma música demonstra interesse em baloiçar.

Importa salientar que aquando da apresentação de batimentos rítmicos para posteriormente serem reproduzidos, a criança manifestava pouca concentração e atenção, pois não consegue reproduzir os mesmos batimentos com os mesmos ritmos.

Passando agora ao domínio da expressão dramática, é importante referir que a área da sala que gosta mais de brincar é precisamente a casinha, pois realizava pequenas dramatizações em que representava situações e personagens da vida quotidiana.

Ainda sobre este domínio é de salientar que a criança manifestava dificuldades em dramatizar uma personagem da história, pois esquecia-se com muita facilidade as falas e tão pouco conseguia improvisar.

Por fim e não menos importante o domínio da matemática em que foram desenvolvidas algumas atividades destinadas a esta área, como por exemplo a construção de um puzzle que permitiu à criança desenvolver o raciocínio bem como a concentração.

É importante salientar, que no momento da construção do referido puzzle a criança revelou algumas dificuldades em unir as peças, sendo necessário apresentar pequenas orientações.

Quanto à contagem já consegue contar até ao algarismo 20 sem se enganar, bem como contar os ingredientes necessários para a confeção do batido de banana e para a salada de fruta. Todavia, manifestava incerteza no número exato de partes que constituía a roda dos alimentos, talvez pelo facto de esta se apresentar em forma de círculo e para tal fazia-lhe um pouco de confusão.

A “Luísa” é uma criança que compreendia o significado das palavras, em cima, em baixo, dentro e fora, sendo estes aspetos observáveis nos momentos dos jogos lúdicos ou através da realização de tarefas como por exemplo quando colocava os desenhos realizados em “cima” dos restantes.

Por último temos a Área do conhecimento do mundo, a criança revelava pouco interesse em querer saber mais sobre o tema que estava a ser abordado ou mesmo sobre outros temas. Para além de não demonstrar interesse em conhecer mais do que lhe é apresentado, possuiu algumas dificuldades em memorizar conceitos transmitidos, talvez pelo facto de ser um pouco distraída.

Relativamente às temáticas trabalhadas, por exemplo o corpo humano, a criança reconhecia que o corpo humano é constituído por várias partes, mas algumas delas, não sabia dizer o seu nome, sendo este aspeto visível numa primeira fase, porque posteriormente já conseguia expressar, por exemplo sobancelha. Já na temática da

alimentação conseguia reconhecer algumas frutas, principalmente as mais vulgares, como a maçã, a pera etc, e também identificava a sua cor. Para além de reconhecer as frutas sabia que existiam alimentos mais importantes do que outros para a sobrevivência do homem, que até nomeou alguns deles como, a alface, o leite, a batata, a água e muitas verduras.

Passando à temática sobre o outono a criança releva poucos conhecimentos, pois não expressou nenhum aspeto de livre vontade ou mesmo quando foi solicitada. Ainda, sobre este tema é importante referir que a criança quando observou as várias folhas das árvores conseguiu reconhecer diferenças como a cor, a forma e o tamanho.

Na temática do Halloween, também apresentava pouco conhecimento, pois a única coisa que disse foi que nesse dia as pessoas decoravam abóboras, constatando deste modo que a criança possuía poucas vivências e conhecimentos acerca desta época festiva.

Já sobre a polícia é uma criança que possuía algumas noções sobre as funções que os agentes têm na sociedade, como por exemplo que prenderiam e matavam pessoas e também passavam multas, ou seja, só aspetos negativos. Para além das funções, também sabia a cor da farda e um dos meios de transporte utilizados, o carro.

Em suma, é pertinente referir que a “Luísa” é uma criança muito risonha e bem-disposta pois estava sempre a rir mesmo quando fazia asneiras. Para além disso é muito tímida, principalmente, nos momentos de grande grupo por não expor as suas sugestões de forma autónoma.

No nosso entender, um dos aspetos que tem de ser tomado em atenção é precisamente a dificuldade da criança não conseguir articular e pronunciar as palavras, porque nas restantes áreas até que se apresenta razoavelmente bem.

Reflexão Final

Neste ponto serão abordados aspetos sobre alguns pontos essenciais de toda a ação interventiva nesta vertente educativa, nomeadamente as dificuldades ou as conquistas atingidas.

Os pontos que sentimos mais dificuldades e que gostaríamos de refletir são essencialmente o tempo limitado de Estágio; entraves no desenrolar das atividades; a linguagem adequada; o domínio e a relação com o grupo.

Tendo em conta o tempo disponível para esta prática foi muito pouco, pois poderíamos ter desenvolvido mais atividades referentes às temáticas trabalhadas, como por exemplo, convidar uma pessoa especializada para falar sobre nutrição e sobre a constituição, em pormenor, do corpo humano; realizar uma sessão de esclarecimento com os pais acerca de uma alimentação saudável; proporcionar uma saída a um parque a fim de observar e recolher vários tipos de folhas; realizar um magusto entre outras.

A partir dos exemplos e de outras atividades realizadas permitia às crianças vivenciarem novas experiências e conhecerem novos conceitos acerca dos temas trabalhados que por sua vez poderiam surgir outras dúvidas.

Os entraves que limitaram um pouco as atividades foram principalmente, as condições climatéricas sendo elas pouco propícias para a realização de uma saída ao exterior, a fim de recolher folhas caídas das árvores. Para além deste objetivo a saída ao exterior permitia que as crianças pudessem estar em contacto com a natureza, sentindo, o vento, a brisa do sol ou mesmo conviver com pequenos animais.

Outro aspeto que limitou um pouco a nossa prática foi o facto de as crianças passarem muito tempo no recreio, mais precisamente no turno da tarde, ficando pouco tempo para realizar atividades quando a semana decorria neste mesmo turno. Perante

esta situação algumas atividades não eram finalizadas atempadamente, não permitindo cumprir com a planificação.

Quanto à forma de comunicar em grupo, também foi uma das dificuldades encontrada isto porque algumas vezes utilizávamos algumas expressões que as crianças às vezes não compreendiam muito bem o seu significado. Ao depararmo-nos com tais situações tínhamos de encontrar palavras que expressassem o mesmo significado de forma que elas compreendessem o que queríamos transmitir. Nesta linha de ideias aprendemos que temos de apresentar um vocabulário diversificado e rico, mas com crianças destas idades é pertinente ter um pouco mais de cuidado com as palavras que utilizámos, pois ainda estão numa fase de aquisição de vocabulário.

No que diz respeito ao domínio do grupo este foi um ponto em que sentimos muitas dificuldades sobretudo na fase inicial de Estágio, pois o grupo não estava acostumados com pessoas novas a lhes realizar questões, a ler histórias, a estar a orientar a rotina da sala entre outros assuntos que fazia com que as crianças não manifestassem respeito por nós. Diante esta situação foi necessário desenvolver estratégias de forma a colmatar este momentos um pouco difíceis, como por exemplo introduzir uma canção; reproduzir batimentos ritmos com o corpo e falar num tom mais baixo com o intuito de captar a atenção do grupo.

A relação com o grupo desde o início revelou-se pouco à vontade pois apresentava-se um pouco inibido. Posteriormente já foi possível verificar uma relação mais aberta, pelo facto de comunicarem de forma livre e espontânea, que em vários momentos era um pouco complicado controlar todas as crianças ao mesmo tempo a falar, sendo pertinente implementar ou relembrar algumas regras de convivência de grupo.

Importa mencionar um dos momentos que mais nos marcou que foi precisamente as palavras seguintes expressas por uma das crianças “ Eu gosto muito que tu estejas aqui comigo, não te vais embora” (Carlos, 4 anos). Ao ouvir estas palavras sentimos que deixamos um pouco de nós, nomeadamente, um afeto, um carinho e uma amizade especial em algumas crianças.

Quanto às conquistas importa dizer a que mais nos assinalou foi precisamente a forma como algumas crianças apreenderam a desenhar e a interiorizar as letras do seu nome. Esta situação aconteceu devido à realização da atividade “O quadro dos nomes”, pois através da utilização dos cartões, as crianças foram praticando o desenho das letras, que compõem o seu nome, em que no final da intervenção verificámos que algumas delas já conseguiam escrever no seu nome sem utilizar o cartão.

Importa dizer que de uma forma geral a ação pedagógica com este grupo correu bem pois conseguimos desenvolver todas as atividades, atingimos deste modo os objetivos. Para além disso, conseguimos ultrapassar vários obstáculos o que nos fez sentir mais fortes para agarrarmos outras situações deste género.

Parte II

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Importância do 1º Ciclo do Ensino Básico

Como é de conhecimento geral, o Ensino Básico (EB) é caracterizado como sendo universal, obrigatório, gratuito e com a duração de nove anos consecutivos. O ingresso das crianças neste nível de ensino ocorre logo depois de estas atingirem os seis anos de idade e finalizando aos dezoito anos (Lei n.º 85/2009 de 27 de agosto).

Para além disso, segundo a Organização Curricular de Programas (OCP) refere que o EB é considerado um quadro de formação que abrange todos os indivíduos e que para além disso constituiu uma etapa da escolaridade, em que se concretiza o princípio democrático preparando estes para uma intervenção útil e responsável na comunidade (ME, 2004).

Tal como foi expresso na primeira parte do relatório na Lei Bases do Sistema Educativo n.º 49/2005 de 30 de agosto, apresenta vários objetivos referentes à valência da EPE. Por sua vez, também declara objetivos para o EB tal como para os restantes níveis de ensino, o Secundário e o Superior.

No entanto, os objetivos que nos demonstraram mais interesse, para esta parte do relatório são os referentes ao EB pelo facto da nossa formação estar direcionada para este nível de ensino. Neste sentido, passaremos a aludir, seguidamente, tais objetivos.

Assim, a referida lei menciona que o EB pretende garantir a descoberta e o desenvolvimento de interesses e aptidões, como também o raciocínio, a memória, a criatividade e o espírito crítico; promover uma formação equilibrada entre o saber, o saber fazer, a prática e teórica; proporcionar o desenvolvimento físico, motor e artístico de forma a estimular competências nesses domínios; desenvolver métodos e instrumentos de trabalho individual e coletivo; proporcionar, nos alunos, situações que fortaleçam a sua maturidade cívica, sócio-afetiva através de hábitos e atitudes positivas de relação e de cooperação; desenvolver o conhecimento dos valores da identidade, da língua, da história e da cultura portuguesa; solicitar a colaboração das famílias no processo educativo; fomentar o gosto pelo interesse de conhecimentos e garantir condições de promoção do sucesso escolar e educativo de todos os alunos.

Nesta linha de ideias, a OCP apresenta os objetivos, anteriormente, mencionados em três grandes objetivos gerais. Assim sendo, o primeiro diz respeito à criação de

condições para o desenvolvimento global e harmonioso de cada criança, através da descoberta de interesses, de competências e de capacidades que proporcionam uma formação pessoal, sendo ela individual e social. O segundo objetivo refere-se à aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores que visam o aluno escolher a via ensino ou profissional. O último corresponde ao desenvolvimento de valores e práticas que facilitam a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática (ME, 2004).

Todavia, para cada um destes objetivos gerais, existem objetivos específicos para que os professores compreendam melhor em que consiste cada um deles para posteriormente planificar, organizar e orientar a sua prática da melhor forma (ME, 2004).

É pertinente referir que os objetivos anteriormente referidos são denominados de objetivos de desenvolvimento, isto porque segundo a OCP, são metas a seguir ao longo da escolaridade básica. Gostaríamos de deixar bem patente que os objetivos anunciados abrangem os três ciclos do EB (1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo) com a finalidade de não existir compartimentação e ruturas na sequência do processo formativo. Contudo, a consecução destes objetivos deverá ser obtida através da junção de competências essenciais, gerais e específicas expressas no Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (CNEB-CE) para que a formação dos alunos atinja níveis de sucesso escolar positivos (ME, 2004).

Além dos objetivos que definem o EB, de um modo geral, o ME (2004) apresenta na OCP, princípios orientadores para a ação pedagógica do 1ºCEB. Assim sendo, são definidas várias experiências e aprendizagens, nomeadamente, aprendizagens ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras, de forma a garantir o

direito e o sucesso escolar de cada aluno. Em seguida é apresentado, em pormenor, em que consiste cada uma delas.

As aprendizagens ativas definem-se por serem situações em que os alunos têm oportunidades de viver situações de trabalho escolar, como por exemplo atividades e nível da educação física, através da manipulação de objetos e meios didáticos, de forma a descobrirem novos saberes.

Quanto às aprendizagens significativas estas relacionam-se com vivências realizadas pelos alunos sejam elas fora ou dentro da escola, e ainda que decorreram da sua história pessoal. Neste sentido, pudemos constatar que as vivências de cada criança são importantes para que no decorrer dos conteúdos programáticos possam gerar novas situações de aprendizagem e de conhecimento.

Relativamente às aprendizagens diversificadas, estas consistem na forma como o docente aborda um determinado conteúdo, ou seja, os materiais, as técnicas bem como os processos de desenvolvimento são fundamentais para que as crianças se interessem e se motivem em aprender novos conteúdos.

As aprendizagens integradas correspondem às realidades, experiências e saberes anteriormente vividos pelos alunos, permitindo deste modo que recriem e integrem novas descobertas.

Por último, as aprendizagens socializadoras garantem a formação moral e crítica na aquisição de saberes e no desenvolvimento dos conceitos científicos. Para além disso, a escola promove situações de trabalho que contribuem para a troca de culturas, de informação e de criação de hábitos de interajuda nas atividades educativas.

Como é possível verificar estas aprendizagens são formas dos alunos se interessarem e aprenderem com mais facilidade os conteúdos programáticos, como também novos conceitos que possam surgir através das culturas e vivências de cada um.

Para além disso, estas aprendizagens permitem que os alunos compreendam como devem proceder na realização de trabalhos de grupo pelo facto de cada um dos membros possuir conhecimentos e saberes diferentes, como também possibilitam a existência de interajuda e cooperação.

Perante o que já foi mencionado, o EB é uma valência importante pois permite que as crianças compreendam com mais precisão os novos conhecimentos ou aperfeiçoem outros já adquiridos na EPE e ainda tornem-se indivíduos autónomos e sociáveis.

Perfil do Professor

Tal como já foi expresso, na Parte I do presente relatório o educador do Pré-escolar tem obrigatoriamente de possuir um diploma próprio que lhe comprove as suas funções como docente. Para o Professor do 1º CEB define-se da mesma forma, pois ambos necessitam desse diploma para poder exercer as suas funções como profissional de educação (DL n.º241 de 30 de agosto de 2001).

Para além dos aspetos anteriores, o mesmo DL anuncia que o professor deverá de desenvolver um “(...) currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos”. Neste sentido, o currículo elaborado pelo professor do 1º ciclo deverá ser baseado nos conhecimentos científicos determinados para cada área, bem como pelas competências definidas para a aprendizagem das crianças.

Assim, o docente desta vertente terá de integrar no seu currículo as áreas curriculares de Língua Portuguesa, de Matemática, das Ciências Sociais e da Natureza, da Educação Física e da Educação Artística. É de salientar que para cada área estão

definidos vários objetivos gerais que o professor deverá ter em conta aquando do momento da elaboração do seu currículo.

Nesta linha de pensamento, passaremos a referir os objetivos definidos para cada uma das áreas começando pela Língua Portuguesa. Assim nesta área, o professor deverá desenvolver competências a nível da compreensão e expressão oral e escrita; incentivar a produção de textos escritos através da realização de atividades de aprendizagem; estimular os alunos a ler vários tipos de textos e fomentar hábitos de reflexão sobre conhecimentos explícitos de aspetos básicos da estrutura e do uso da língua materna.

Já na Matemática, o docente deve implementar nos alunos o gosto por esta área de forma a articulá-la com situações da vida real; fomentar nos alunos aprendizagens e técnicas sobre conteúdos programáticos, como por exemplo compreender e representar números e operações aritméticas; na compreensão do processo de medição; conhecimento de formas geométricas simples etc. e promover oportunidades de trabalhos de investigação nesta área utilizando materiais e as novas tecnologias.

No âmbito das Ciências Sociais e da Natureza, deve estimular a curiosidade e o gosto por conhecer e de articular o mundo social e natural com as aprendizagens escolares; promover capacidade de questionar sobre os limites e a evolução da ciência e promover atividades de natureza experimental e de sistematização de conhecimentos da realidade natural.

Quanto à Educação Física, deverão ser realizadas atividades que visam desenvolver hábitos de vida ativa e saudável e organizar situações de aprendizagem e de envolvimento lúdico com o intuito de vencer dificuldades.

Por fim a Educação Artística, deverá envolver esta área com outras experiências de aprendizagem curricular; criar aprendizagens de competências artísticas utilizando

materiais, instrumentos e técnicas. Para além disso deverá fomentar a apreciação e a valorização, das crianças, pelo património artístico.

Perante as áreas definidas pelo ME, anteriormente, referidas é de salientar que no decorrer da nossa ação as áreas que mais se destacaram nas planificações, foram a Língua Portuguesa, a Matemática e as Ciências Sociais e da Natureza, pelo facto de serem as áreas que um professor titular de uma turma do 1º CEB leciona.

No entanto, a área da Educação Artística também foi implementada durante a nossa intervenção, mas com menos destaque por terem sido realizadas apenas duas atividades desta índole, sendo elas a elaboração dos “Castelos” e uma ilustração de uma parte da peça de teatro “O Natal dos Animais”.

Para que este currículo seja organizado da melhor forma é necessário que o professor tenha em atenção alguns aspetos importantes, como por exemplo cooperar na construção e na avaliação do projeto curricular da escola bem como gerir o projeto curricular de turma; desenvolver aprendizagens que promovam saberes científicos relativos às áreas e aos conteúdos curriculares; deve de ter em conta os conhecimentos preconcebidos dos alunos; desenvolver métodos de estudo e de trabalho individual através da utilização das tecnologias da informação e comunicação; promover a participação ativa dos alunos na construção e prática de regras de convivência e etc. (DL n.º241/2001 de 30 de agosto).

Como acabamos de verificar o professor deve ter em conta diversos aspetos para que as suas aulas aconteçam de forma consistente e dinâmica, para que os alunos não apreendam os conceitos de forma forçada mas sim com gosto e interesse.

A Profissão Docente

Neste ponto será tido em conta a identidade como profissional docente, a formação inicial e contínua e as funções que são da competência do professor, pelo facto de serem aspetos que no nosso entender definem uma educação e uma aprendizagem com qualidade.

Podemos nos questionar o que significa identidade? Carlos Fino e Jesus Maria de Sousa (2003) respondem que existem dois tipos de identidade, a pessoal e a social. Neste sentido, a primeira caracteriza-se por ser uma questão de carácter pessoal que só acontece quando há um confronto entre o sujeito e si próprio e entre si e o “outro”, e ainda no seio de uma estrutura social em que os poderes se encontram distribuídos de forma desigual. Perante esta resposta pudemos referir que a identidade construi-se a partir da relação consigo próprio e com o outro, como também no reconhecimento desse outro e da diferença entre ambos. Já a segunda diz respeito aos diferentes papéis que cada sujeito, vivência ao longo da sua vida.

No entanto, o conceito de identidade profissional docente já foi algumas vezes debatido sobre os aspetos que o devem caracterizar. Como vimos anteriormente a identidade ocorre a partir da interação do pessoal e do social. Contudo, subentendendo que todas as profissões se afirmam com uma identidade profissional, a profissão docente também a possui, através da maneira de ser do professor, ou seja, a nível profissional, um que a sua formação surge como sendo importante neste aspeto (Gomes, 2008).

Por sua vez Nóvoa (1997) defende que o processo de formação deve basear-se numa perspetiva crítico-reflexiva que oferece ao professor os meios essenciais para que possua um pensamento autónomo. Acrescenta, ainda que a formação do professor envolve um investimento pessoal, muito trabalho a nível de projetos próprios e

inovadores com o objetivo de construir a sua própria identidade profissional como docente.

Assim, numa primeira fase os docentes devem proceder uma formação inicial que segundo o DL n.º344/89 de 11 de outubro apresenta vários objetivos para a aquisição desta formação, sendo eles uma formação a nível pessoal e social; adquirir atitudes de reflexão, de cooperação e de autonomia; formação científica a nível pedagógico que englobe as áreas das tecnologias e artísticas e a aquisição de competências para a ação educativa.

Como é de conhecimento geral, o mundo, atualmente, evolui muito rápido, e os professores como os restantes indivíduos das outras profissões devem começar a admitir que sua formação inicial não servirá para o resto da sua vida. Neste sentido, será necessário se atualizar e aperfeiçoar, os seus conhecimentos e técnicas para que desenvolvam qualidades de ordem ética, intelectual e afetiva, para posteriormente cultivar nos alunos o mesmo leque de qualidades adquirido, com o intuito de formar cidadãos com qualidade profissional e social (Delors e tal. 1998).

O DL n.º344/89 de 11 de outubro acrescenta que a formação contínua tem como objetivos, melhorar a qualidade do ensino a partir de uma aprendizagem que permite o alargamento de conhecimentos teóricos e práticos como promover a autoformação e inovação pedagógica (ME, 1989).

Após a formação inicial e contínua realizada pelo professor é importante salientar quais são as suas principais funções como professor. Tendo em conta os pressupostos defendidos por Maria do Céu Roldão (1999) esta refere quatro elementos essenciais que caracterizaram a ação educativa do professor, sendo eles a função, o saber, o poder e a reflexividade.

No que se refere à função, o professor é caracterizado como um ser que ensina alguém e que esse, ou seja, o aluno, aprende. Pudemos constatar que a função do professor é precisamente, ensinar, através da criação de vários métodos que promovam a aprendizagem dos alunos, mesmo que algumas vezes estes não atinjam a aprendizagem.

Por sua vez, a autora refere que qualquer profissão requer um saber específico e a do docente não é exceção, sendo-lhe exigido um leque diversificado de conhecimentos gerais, em que neste caso o saber é considerado educativo pelo facto de pertencer ao campo das ciências da educação.

Quanto ao poder, caracteriza-se por ser um elemento que evidencia o domínio da autonomia e da capacidade de decisão que um professor possui durante a sua intervenção educativa.

Por último a reflexividade é considerada, por esta autora, um processo cognitivo que estimula um pensamento, ou uma lembrança, sobre algo e que é analisado e ponderado, no momento, com vista a melhorar o seu desempenho no futuro. Para além disso, a reflexividade permite que o professor analise as suas práticas e saberes, de forma a verificar se os resultados obtidos foram os esperados, caso esse aspeto não se verifique terá de reorganizar a sua ação educativa.

Como podemos verificar estes quatro elementos são fundamentais para que o professor desenvolva um ótimo desempenho, permitindo desta forma que este obtenha resultados positivos relativamente ao aproveitamento dos alunos. Destes quatro, a reflexividade é um dos elementos importantes, pois Isabel Alarcão (2010) alerta para o facto de o professor reflexivo se basear na capacidade de pensar e de refletir, caracterizando-se deste modo como um ser humano criativo e não um mero reprodutor de ideias e de práticas.

Assim sendo, o professor deverá ter em conta vários aspetos para desenvolver a sua profissão da melhor forma, como por exemplo terá de definir uma identidade docente; dar continuidade à sua formação inicial e ainda ter em conta determinadas funções com o intuito de apresentar um ensino com qualidade. Para além disso deve refletir sobre a sua prática para posteriormente melhorá-la com o objetivo de possuir resultados ainda mais positivos.

Capítulo II - Contextualização Física e Humana

Antes de iniciar a descrição à contextualização física e humana propriamente dita, gostaria de deixar bem patente que os dados referentes ao meio e à instituição foram retirados do PEE da Ladeira do ano letivo 2011/2015, bem como através de observações.

Por sua vez, a informação referente aos alunos foi facultada pela professora cooperante, através de registos individuais.

No que concerne, à caracterização da sala de aula, foi feita tendo em conta várias observações atentas, durante os três dias de observação, bem como ao longo das semanas que estivemos presentes na sala.

Caraterização do Meio

A instituição educativa em que foi realizado o Estágio na valência do 1º CEB foi na Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar da Ladeira, localizada no concelho do Funchal, mais especificamente no Caminho da Terra Chã, nº17, 9020-124, freguesia de Santo António.

A população que habita nesta área é caracterizada como heterogénea, por existirem vários aspetos que a revela ser dessa forma, nomeadamente, o nível social económico é muito baixo, baixo e médio em que são visíveis algumas situações de pobreza, desintegração social, como por exemplo toxicoddependência, alcoolismo, prostituição e desestruturação familiar.

A referida escola está localizada numa área de grandes diversidades económicas e de serviços, tais como, restaurantes, supermercados, oficinas, centro de formação profissional, infantários, padarias, etc. Para além disso, é uma zona onde há alguma produção agrícola, como por exemplo banana e produtos hortícolas.

No que concerne ao património histórico e turístico existem vários monumentos religiosos tais como a Igreja Paroquial de Santo António, a capela de Santo António, a capela de S. Filipe na Quinta do Leme, a capela de São João de Deus, o mosteiro das Irmãs Clarissas etc.

Para além destes interesses existem outros dignos de interesse como o antigo Cine-Teatro, a estação de rádio da Madeira, a Rádio Televisão Portuguesa (RTP), Quinta dos Cedros, Quinta Josefina, o miradouro do Pico dos Barcelos, o solar de água e mel entre outros.

Nesta mesma zona, há outros estabelecimentos de ensino, a destacar um infantário, dois jardins de infância, onze núcleos de EPE e um de 1º CEB, duas instituições de ensino especial, um centro de formação profissional e ainda a Universidade da Madeira.

Caracterização da Instituição

Seguidamente, será apresentada a caracterização da instituição educativa, em três pontos principais, sendo eles, os espaços interiores, os exteriores e os recursos humanos.

Espaços interiores.

No que concerne aos espaços interiores da instituição esta é dividida em cinco pisos. Assim sendo, piso -2 é constituído por um polivalente que se destina à prática de Educação física e também à realização de épocas festivas. Para além disso existem balneários tanto para as meninas como para os meninos.

O piso -1 é constituído por três salas de pré-escolar, casas de banho para meninos e meninas referente ao pré-escolar, uma sala de expressão plástica que também serve para reuniões de conselho escolar e um gabinete de gestão.

No piso 0 consta duas instalações sanitárias, para os alunos, uma casa de banho destinada aos docentes e não docentes, um refeitório com diversas cadeiras, uma cozinha muito bem equipada e ainda uma sala de apoio.

No piso 1 temos as quatro salas destinadas ao 1º CEB, sendo cada uma destinada a duas turmas em que uma é do turno da tarde e outra do turno da manhã, perfazendo um total de duas turmas de cada ano de escolaridade sendo elas: 1ºA, 1ºB, 2ºA, 2ºB, 3ºA, 3ºB, 4ºA e por fim o 4ºB. Neste piso existe, ainda, uma sala de Teacch referente a crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), duas instalações sanitárias dirigidas ao pessoal docente, em que uma delas é para os professores e a outra para as professoras, uma sala de professores e uma arrecadação.

O último piso é destinado a um sótão que se caracteriza como arquivo.

Espaços exteriores.

Relativamente aos espaços exteriores no piso -2 existe um campo de futebol de grandes dimensões, que se encontra vedado no seu todo. Junto deste campo, mais precisamente no lado direito existe um pequeno terreno destinado a uma horta biológica e no seu lado esquerdo há um parque de estacionamento.

Nestes espaços exteriores podemos verificar um parque infantil dirigido às crianças da EPE e um amplo terreiro para as crianças brincar.

Junto à entrada da escola, ou seja, no piso 0 existe um pequeno jardim e um parque de estacionamento.

Recursos humanos.

Quanto aos recursos humanos, a instituição educativa é constituída por três salas de EPE, onde consta um total de setenta e quatro crianças, oito turmas de 1º CEB, com um total de duzentos e dois alunos. Por sua vez, possuiu a sala Teacch que é destina a oito crianças com NEE e ainda existe vinte e seis alunos no ensino recorrente.

Relativamente ao total de pessoal docente existem seis educadoras, ou seja, duas educadoras em cada da EPE, vinte docentes responsáveis por todas as áreas curriculares e não curriculares e ainda nove docentes responsáveis pelo Ensino Especial.

Quanto ao pessoal não docente existe uma pessoa responsável pelos assuntos administrativos, um técnico, três operárias de cozinha, doze auxiliares de ação educativa e duas trabalhadoras subsidiadas.

Caracterização da Sala

A caracterização da sala do 4ºB será feita tendo em conta vários aspetos, nomeadamente a dimensão da sala, a disposição das mesas, os materiais didáticos

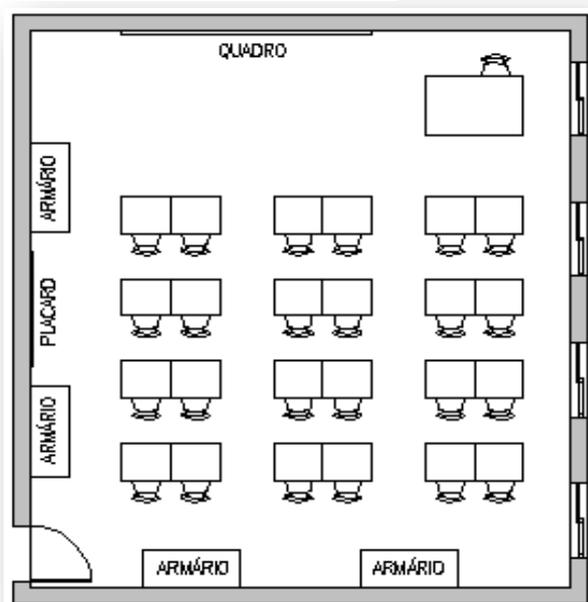
presentes na sala, a estética e o número de adultos na sala. Segundo Richard Arends (1995) cita que o professor no início do ano letivo deve decidir como deve organizar a sala tendo em conta o mobiliário que possui e o espaço da sala.

No que concerne ao espaço da sala, esta não possui grandes larguezas, sendo que as mesas encontram-se um pouco juntas dificultando a circulação tanto dos alunos como dos docentes. No nosso ponto de vista, a sala deveria possuir menos alunos, com o intuito das mesas ficarem com mais espaço, entre si, para que todos os elementos da sala possam permanecer, na mesma, com as melhores condições.

Relativamente às mesas estão dispostas em três filas, de frente para o quadro e para o professor como podemos verificar através da planta da sala (Figura 14). Esta forma de disposição da sala deve-se às funções que o professor pretende desenvolver nas suas aulas. Neste sentido, Arends (1995) refere as três formações mais usadas que são de filas e colunas, círculo e grupos. Mas a formação que mais se adequa a esta sala é a primeira filas e colunas, pelo facto do professor quer a atenção dos alunos aquando o momento de expor um tema ou durante a realização de um trabalho independente.

Para além disso permite que os alunos fiquem mais perto dos seus colegas como do próprio professor. No entanto dificulta a discussão de atividades em grupo.

Figura14 - Planta da sala do 4ºB



Deparamo-nos com este último aspeto, nos momentos que pretendíamos fazer trabalhos de grupo, pois tenhamos de alterar a disposição das mesas para que a atividade fosse realizada.

Ainda sobre o mobiliário existem dois placards e dois armários sendo cada um deles destinado para cada turma.

Quando aos materiais didáticos, à primeira vista são visíveis no placard da turma, unicamente, um cartaz das tabuadas e uma pequena folha onde consta alguns números da numeração romana. No entanto, existem outros, como por exemplo um cartaz, que apresenta a constituição dos ossos e dos músculos do corpo humano, um mapa da Península Ibérica onde representam os reinos cristãos e ainda sólidos geométricos. Importa salientar que na generalidade a sala possui alguns materiais, não em muitas quantidades, pelo facto de também não ter muito espaço para os colocar.

No que concerne à estética da sala, esta apresenta-se como muito aspeto, pelo facto da instituição ter um edifício recente.

Relativamente ao número de adultos que está permanentemente é só a professora titular da turma. Todavia, todas as segundas-feiras está sempre presente uma professora de apoio, em que a sua função é acompanhar um pequeno grupo de alunos, ou seja, os que possuem mais dificuldades de aprendizagem, na resolução dos exercícios que estão a ser realizados durante a aula.

Tendo em conta, este último assunto, no nosso entender a professora de apoio deveria vir mais do que uma vez para a sala, pelo facto de ser uma grande ajuda, para o professor titular pois é muito difícil este auxiliar 23 crianças no mesmo exercício.

Importa salientar que de uma forma geral a sala possui alguns materiais didáticos como também alguns espaços de arrumação, no entanto, como já foi

mencionado a sala tem pouco espaço para circular, talvez pelo facto de muitas mesas ou então porque a sala não esteja organizada da forma indicada

Caracterização da Turma

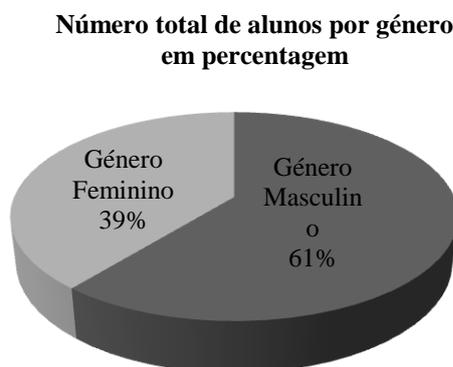
A caracterização da turma é outro ponto importante a ser referido neste relatório e para tal são apresentados, seguidamente, cinco tabelas que visam o número total de alunos por género, idade dos alunos, situação socioeconómica e as habilitações académicas dos pais.

Para além das tabelas, também serão expostos cinco gráficos em que os dois primeiros são circulares e indicam a percentagem, como o intuito de ser mais fácil a leitura. Também a situação socioeconómica e as habilitações académicas dos pais surgem em gráficos de barras com o objetivo de ser mais fácil visualizar cada uma destas situações.

Tabela 5 - Número total de alunos por género

Género Feminino	Género Masculino	Total de alunos
9	14	23

Gráfico 5 - Número total de alunos por género em percentagem



A partir da análise feita à tabela (5) e ao gráfico (5), número total de alunos por género, pudemos constatar que esta turma é constituída por 14 alunos do género masculino 14 que equivale a 61%, enquanto 9 (39%) pertencem ao género feminino.

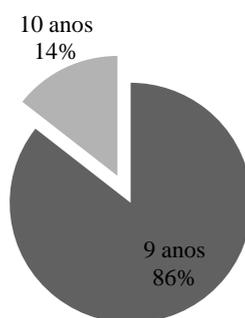
Neste sentido pudemos concluir que o género que mais prevalece na turma é o género masculino.

Tabela 6 - Idade dos alunos

Idades	9	10
Nº de alunos	19	4

Gráfico 6 - Idade dos alunos em percentagem

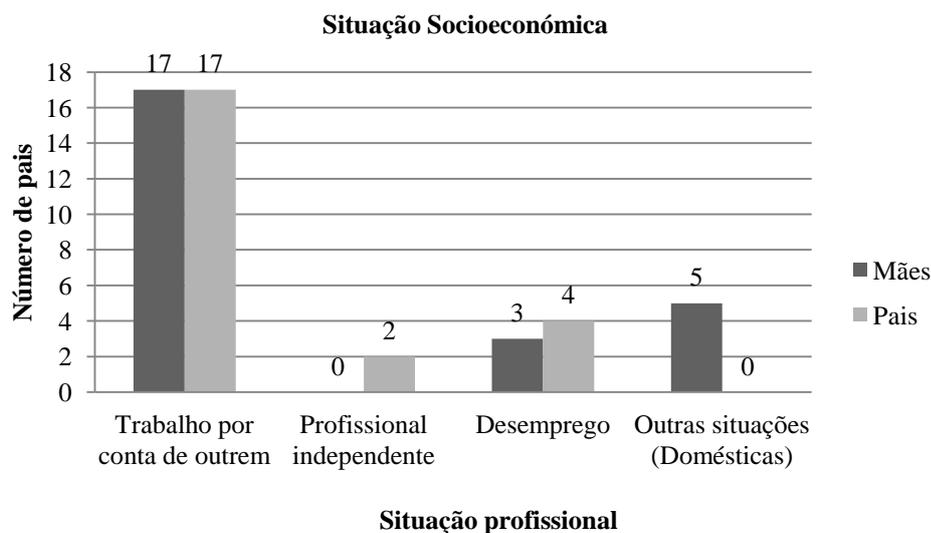
Idade dos alunos em percentagem



Quanto à tabela e gráfico (6) idades dos alunos, é possível verificar que 19 (86%) têm completado 9 anos de idade, enquanto 4 (14%) possuem 10 anos. Perante os resultados obtidos, é possível verificar que 86% da turma está com a idade indicada para estar no 4ºano de escolaridade. Por sua vez 14% revela que estas crianças já reprovaram um ano escolar.

Tabela 7 - Situação socioeconómica e cultural

Situação Profissional	Mães	Pais
Trabalho por conta de outrem	17	17
Profissional independente	0	2
Desemprego	3	4
Outras situações (Domésticas)	5	0

Gráfico 7 - Situação socioeconómica

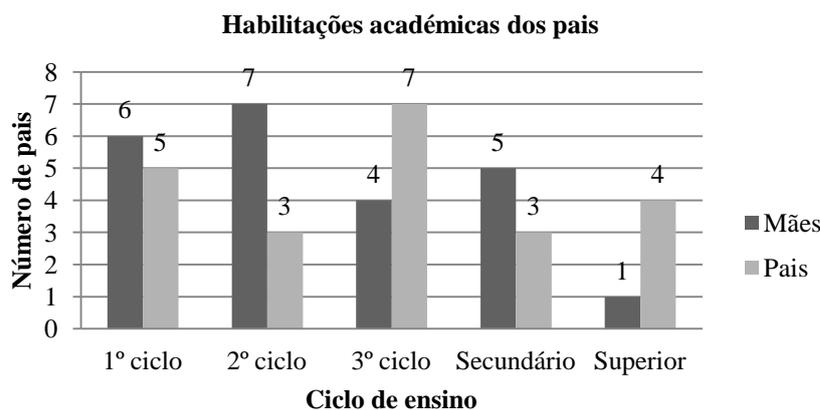
No que concerne à situação socioeconómica das famílias verificamos na tabela (7) e no gráfico (7) que a grande parte destas possuem trabalho, perfazendo um total de 34 pais que trabalham por conta de outrem, comparativamente dois que possuem o seu próprio trabalho.

Relativamente à situação de desemprego existem 7 pais (mãe e pai) que não possuem trabalho.

Quanto a outras situações, neste caso domésticas existem cinco mães que possuem esta profissão, talvez porque não conseguem arranjar trabalho ou por opção própria. Estas pessoas o que fazem é realizar as lides domésticas mas não são remuneradas.

Tabela 8 - Habilitações académicas

Habilitações Académicas	Mães	Pais
Ensino Básico 1º ciclo	6	5
Ensino Básico 2º ciclo	7	3
Ensino Básico 3º ciclo	4	7
Ensino Secundário	5	3
Ensino Superior	1	4

Gráfico 8 - Habilitações académicas dos pais

Quando à situação das habilitações académicas, há uma grande diversidade de níveis de ensino, desde o 1º ciclo ao ensino superior, concluindo deste já que existem nesta turma famílias com vários níveis de ensino. Perante a tabela e o gráfico (8) concluímos que existem dois níveis de ensino que predominam, sendo eles: o 1º Ciclo, como um total de 11 pais (mãe e pai) e o 3º Ciclo também com um total de 11 pais (mãe e pai).

No 2º Ciclo, também há um número bem considerado de pais o que têm, ou seja, 10 pais (mãe e pai) em que 7 mães possuem este nível comparativamente a 4 pais.

Já o Secundários há apenas 8 pais (mãe e pai) que possuem, em que desses 8 são mães e 3 são pais.

Por fim o nível superior, nesta turma existe 5 pais (mãe e pai) sendo 4 pais e 1 mãe que possuem este nível de ensino.

É de salientar que as famílias que fazem parte deste grupo de crianças, de uma forma geral possuem trabalho seja por conta de outrem ou por si próprio. No entanto, existem pais desempregados e domésticos, sendo considerados dois assuntos um pouco preocupantes.

As habilitações académicas são outro ponto a ter em conta pelo facto de verificarmos algumas famílias que possuem o 1º ciclo como também o ensino superior.

Para além da caracterização, anteriormente, mencionada, é importante conhecer o nível de desenvolvimento cognitivo que este grupo se encontra. Como podemos constatar a partir do gráfico intitulado de idades, concluiu-se que estas possuem idades entre os 9 e 10 anos e segundo a teoria do desenvolvimento cognitiva defendida por Jean Piaget, este grupo encontram-se no estágio das operações concretas (dos 7 aos 11 anos).

Este estágio é caracterizado, pelo facto das crianças compreenderem as relações funcionais, porque elas podem ser específicas ou testadas, ou seja, deixam de lado a fantasia das coisas e passam a se preocupar com aquilo que é concreto (Sprinthall & Sprinthall, 1993).

O mesmo autor acrescenta, ainda que o sentido de humor é outro aspeto deste estágio por ser um período em que as crianças se dedicam a usar várias situações para fazerem as suas piadas, como por exemplo quando uma senhora se dirige até uma mercearia e lança a seguinte questão “O senhor tem tomates?”, neste momento as crianças riem-se tanto, pois comparando com o estágio anterior as crianças com esta simples expressão não lhes demonstrava interesse, no entanto neste estágio o humor é mais sofisticado ou mesmo mais atraente.

Todavia, as crianças neste estágio compreendem vários assuntos tendo em conta várias experiências vividas no seu quotidiano, como compreendem que o ponto de vista dos outros é diferente do seu (Sprinthall & Sprinthall, 1993).

Capítulo III - Intervenção Educativa

Fundamentos Metodológicos

Este ponto do relatório diz respeito às metodologias utilizadas na vertente do 1º CEB durante a nossa ação pedagógica na sala do 4ºB da Escola Básica da Ladeira.

Assim sendo, os métodos metodológicos utilizados foram precisamente o Trabalho de texto, a metodologia em trabalho de projeto, o método interrogativo, o ativo e o expositivo.

Para além das metodologias pedagógicas referidas também utilizamos algumas estratégias como por exemplo, trabalho em cooperação, diferenciação pedagógica e a utilização das novas tecnologias de informação.

No que se refere ao Trabalho de texto, este foi realizado tendo em conta os pressupostos defendidos pelo MEM que se caracteriza como sendo um momento de trabalho coletivo, que visa realizar uma revisão, reescrita e desenvolvimento de textos. Essa revisão é feita através da recolha de ideias e sugestões pelos elementos do grupo, para posteriormente melhorar e desenvolver os mesmos, tendo em vista selecionar os recursos gramaticais e a coesão textual mais adequada (Niza, 1998).

Grave-Resendes & Soares, (2002) acrescentam que esta forma de trabalhar textos, é importante, pois permite aos alunos verificarem que um texto é considerado um produto inacabado e sujeito a frequentes alterações. Salienta ainda, que este trabalho beneficia os chamados circuitos de comunicação, em que os alunos através da expressão de opiniões analisam, refletem e decidem como alterar o texto que está a ser analisado.

Para a realização desta metodologia é necessário seguir cinco fases sendo elas: a produção de texto, apresentação do texto à turma, apreciação crítica e sugestões ao autor, aperfeiçoamento do texto em coletivo e a reescrita do mesmo (Niza, 1998).

Para melhor compreender em que consiste as cinco fases desta metodologia, seguidamente, será explicado cada uma delas.

Assim sendo, a produção de texto, refere-se ao momento em que os alunos escrevem o seu texto a partir de um tema ou de uma situação que surgiu, em que este caso partiu de uma sugestão vinda das professoras estagiárias em que, estes teriam de criar um texto a partir da seguinte questão “Imagina que tinhas a oportunidade de ser rei por um dia, o que farias durante esse teu reinado?”. Este tema surgiu pelo facto de interligarmos as duas áreas disciplinares a de Língua Portuguesa e a de Estudo do Meio, pois a temática na última área está relacionada com a História de Portugal.

A segunda fase diz respeito a apresentação do texto selecionado, à turma, através da leitura feita pelo autor. É de salientar que nesta fase toda a turma possui, em mãos, uma cópia do texto selecionado com o qual acompanham a leitura.

Já a terceira fase consiste, no debate crítico e sugestivo ao autor sobre os aspetos positivos e negativos presentes no seu texto com o intuito de melhorá-lo. Ainda nesta fase, os alunos procedem ao preenchimento de uma tabela, dividida em três colunas denominadas, de “Comentários positivos”, “Aspectos a melhorar” e “ Perguntas ao autor”. É importante deixar bem patente que estas colunas são preenchidas tendo em conta o debate realizado com a turma sobre o texto selecionado.

Por sua vez, a quarta fase é caracterizada pelo momento em que se inicia o aperfeiçoamento do texto, em coletivo, utilizando os aspetos mencionados e registados pelos alunos na tabela preenchida na fase anterior de forma a obter uma coerência discursiva mais adequada ao texto.

A última fase desta metodologia define-se ser o momento em que os alunos copiam para o seu caderno diário a versão final do texto alterado, como também procedem à ilustração do mesmo. Além de ser passado para o caderno diário, decidimos

reescrevê-lo em formato digital e posteriormente imprimi-lo, para expor na sala de aula junto com as ilustrações.

No que concerne ao trabalho de projeto, este surgiu pelo facto da turma suscitar interesse em quer saber o significado do cognome dos Reis de Portugal. A partir de então foi sugerido à turma que realizasse um projeto em torno desta temática.

É de salientar que existem vários autores que definem o trabalho de projeto como um meio eficaz de trabalhar de forma a esclarecer vários assuntos e dúvidas. Nesta linha de pensamento, Many & Guimarães (2006) definem trabalho de projeto como uma metodologia de aquisição de saberes através de uma pesquisa orientada. Para além disso, referem que deve ser desenvolvida em grupo através de uma constante procura de informação, seja através de entrevistas, de suporte bibliográfico ou eletrónico, de observações, de conversas informais e ainda em situações de trabalho de campo.

Os mesmos autores mencionam que este tipo de metodologia, ao ser implementada em contexto escolar deve permitir a aquisição de saberes vindos das diferentes áreas curriculares, existindo deste modo uma multiaquisição de saberes e de práticas. Para além disso o professor é caracterizado como sendo um orientador e organizador, na resolução de problemas metodológicos, em situações relacionais, na escolha e referências de fontes de informação entre outros.

Por sua vez, Leite, Milice e Santos (1989) referem a metodologia de projeto como sendo uma “(...) necessidade de articular, através de uma forma coerente e sistemática, um projecto que incorpora a intervenção de um grupo de indivíduos com diferentes formações, diferentes experiências, aptidões, saberes, alimento para o trabalho inter/transdisciplinar” (p.75).

As mesmas autoras apresentam três etapas para desenvolver esta metodologia sendo elas: a identificação/formulação do problema, pesquisa/produção e a apresentação/globalização/avaliação final. Importa salientar que estas etapas caracterizam-se por etapas sem fronteiras definidas, sendo que em cada um delas desenvolve estratégias para abordar melhor o problema.

No que concerne à primeira etapa, identificação/formulação do problema, como o próprio nome indica, é identificado um problema que por sua vez será estudado o seu enquadramento com o intuito de levantar a primeira reflexão sobre todos os assuntos referentes ao problema inicial. Após esta reflexão, o grande grupo é dividido em pequenos grupos, para que cada um se preocupe em resolver um problema, em particular, mas nunca deixar de ter uma visão global de todo o problema. É de salientar, ainda que cada grupo terá de definir uma dinâmica própria com o intuito de dar resposta ao problema.

Quando à segunda etapa pesquisa/produção é definida como o trabalho de campo, em que o grupo recolhe dados, a nível teórico, social, político, cultural etc. Para além disso procedem ao tratamento dos dados de forma a preparar a sua acção para dar resposta ao problema. Depois, da informação estar definida e clara é o momento de passar ao resultado de todo o processo.

Ao longo destas duas etapas é importante existir avaliações sobre todo o percurso e dinâmica, pois são momentos em que se discute vários assuntos positivos ou negativos de todo o percurso percorrido até esse momento.

Por último temos a apresentação/globalização/avaliação final que indica a apresentação do projeto pelos alunos de terminadas formas, tais como, através de cartazes, filmes, vídeos, gravações, etc. Entretanto, os problemas levantados

anteriormente serão neste momento iluminados pela globalização dos resultados os grupos.

No final desta etapa será feita uma pequena avaliação do produto final, que muitas vezes surgem novas questões, novos problemas, concluindo neste sentido que este é um processo aberto, crescente e imparável, ou seja, não existindo um ponto final na resolução de problemas, porque de um poderá surgir outro problema.

Gostaríamos de deixar bem patente que o trabalho de projeto desenvolvido durante a nossa prática baseou-se em, grande parte, nas etapas anteriormente referidas, pelo facto da prática ter decorrer num curto espaço de tempo, dificultando deste modo a concretização total de todos os itens estipulados pela metodologia.

No que diz respeito ao método interrogativo, este consiste no lançamento de questões feitas pelo professor aos alunos, permitindo conhecer as ideias pré-concebidas que os alunos têm acerca de determinados assuntos, como também ajudar o professor a perceber os aspetos errados para posteriormente serem alterados.

Nesta linha de ideias Vieira e Vieira (2005), adianta várias vantagens na utilização deste método como por exemplo, motiva e envolve os alunos na realização de tarefas, foca a atenção do aluno no que deve ser apreendido, promove capacidades de pensamento em que o aluno se torna consciente sobre a forma como domina os assuntos curriculares e do que necessita de estudar no futuro e avalia os conteúdos curriculares.

Relativamente ao método ativo, este pressupõe um envolvimento do aluno na sua própria aprendizagem, e pretende que os alunos desenvolvam diversas potencialidades. De acordo com Fontes (s/d), a utilização deste método traz vantagens, nomeadamente, contribuindo para um aumento na motivação dos alunos na aprendizagem de conteúdos, através da realização de atividades práticas orientadas pelo professor; no desenvolvimento de trabalhos, em grupos, favorecendo a socialização

entre os alunos; por último, o professor deixa de ser visto como o detentor do saber, e passa a ser visto como um facilitador de aprendizagem, o que favorece a ligação entre aluno-professor.

Quanto ao método expositivo, na qual faz parte a utilização das novas tecnologias para a lecionar conteúdos, Ferreira (2001) diz-nos que este método deverá ser aplicado com o objetivo de transmitir o “saber”. Para tal é necessário que o professor conheça a escola no que diz respeito aos equipamentos, para que assim possa recorrer a utilização do computador na sua aula.

Acreditamos, ainda que o método expositivo é uma forma dinâmica e criativa de apresentar conteúdos aos alunos, criando um ambiente de motivação e curiosidade por parte destes. Nas nossas aulas recorreremos ao uso informático, mais propriamente à utilização do PowerPoint para apresentar informações, mapas e imagens. Ao longo da exposição na aula, foi solicitada a participação dos alunos, para ler, expor a suas opiniões com o intuito de estes não sentissem que o professor é o único elemento que possui voz ativa.

Por último, é de salientar a importância da utilização de diversas estratégias e métodos no ensino, para que os alunos se mantenham interessados e motivados pela aprendizagem de conteúdos. Para além disso estas escolhas foram baseadas nas características e nas necessidades dos alunos.

No que concerne às estratégias utilizadas, mais precisamente o trabalho em cooperação em que Niza (1998) define ser um processo que possibilita os alunos trabalharem em pequenos grupos ou a pares, com o intuito de atingirem um objetivo comum, bem como de existir uma relação social em que os elementos do grupo saibam diferenciar os seus pontos de vista. Por sua vez, ME (2004) afirma que este tipo de

trabalho permite aos alunos reconhecerem o valor social do trabalho, o sentido de entreatajuda e de cooperação.

É de salientar que durante a nossa ação educativa, foi utilizada esta estratégia para a realização de trabalhos ou mesmo atividades, como por exemplo os trabalhos de pesquisa referente à área de Língua Portuguesa e de Estudo do Meio ou mesmo trabalhos de Expressão Plástica.

No que diz respeito à diferenciação pedagógica, Visser (1993) citado por Niza (1996), refere ser um processo pelo qual os professores têm de enfrentar a necessidade de uma criança progredir, a nível de um grupo, sendo necessário este desenvolver e selecionar várias estratégias e métodos de aprendizagem.

Neste sentido, esta estratégia foi implementada, nesta sala, pelo facto de pudermos acompanhar algumas crianças que segundo a professora titular da sala, apresentavam mais dificuldades de aprendizagem.

Quanto à forma como procedemos a esta diferenciação foi através de um acompanhamento mais próximo destas crianças, principalmente, nos momentos de resolução de exercícios. Para além disso, na área da Matemática eram apresentados vários materiais, como o “Contador”, palhinhas moedas de cartão etc. para as crianças puderem manusear com o intuito de concretizarem os problemas.

Relativamente às novas tecnologias foram algumas vezes utilizadas principalmente nas áreas da Matemática e no Estudo do Meio, a fim de serem apresentados os conteúdos de maneira mais interativa. Tendo em conta Perrenoud (2000), refere que as novas tecnologias facilitam “(...) a pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens e de estratégias de comunicação.” (p.128).

O mesmo autor acrescenta que a informática assemelha-se como um meio de ensino, mais precisamente um instrumento de trabalho, que ajuda a construir conhecimentos ou competências pelo facto de ser acessível à realização de operações ou mesmo à manipulação de situações impossíveis a nível do papel e do lápis.

Áreas Curriculares Abordadas

Após esta pequena abordagem às metodologias e estratégias desenvolvidas durante o estágio, passaremos, seguidamente a mencionar as atividades, que foram realizadas nas diferentes áreas curriculares disciplinares, as dificuldades sentidas, os obstáculos ultrapassados e as conquistas alcançadas. É de salientar que o relato dos aspetos referidos anteriormente serão expressos somente sobre as semanas que foram dinamizadas pela autora deste trabalho, pois nesta vertente a intervenção educativa decorreu de forma diferente relativamente à vertente da EPE, como já foi mencionado.

As semanas de intervenção educativa foram a 1ª semana (14 a 16 de novembro), em que podemos verificar a planificação das atividades desenvolvidas no (Apêndice K), a 3ª semana (28 a 30 de novembro) que por sua vez, também pudemos verificar as atividades e conteúdos no (Apêndice L) e ainda dois dias da 5ª semana (12 e 13 de Dezembro) onde constam expressas as atividades no (Apêndice M).

No entanto, é de salientar que em algumas destas semanas mencionaremos aspetos referentes às semanas da colega de estágio, como por exemplo o projeto dos Reis e Trabalho de texto, pelo facto de terem sido atividades realizadas em parceria, com o intuito de dar continuidade ao trabalho.

Neste sentido, o relato dos conteúdos e das atividades planeadas, será feito através da seguinte sequência de áreas curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Expressão Plástica.

Área curricular de língua portuguesa.

O CNEB-CE (2007) prevê que cada aluno na área da Língua Portuguesa seja capaz de se expressar oralmente e por escrito através de uma forma confiante, autónoma e criativa. Para além disso, acrescenta que o aluno deve saber comunicar de forma correta e adequada em diversos contextos e com objetivos diversificados.

Nesta linha de ideias, os nossos objetivos a serem desenvolvidos nesta área é essencialmente, a compreensão e expressão oral, a leitura e expressão escrita e ainda o conhecimento explícito da língua (ME, 2007).

Assim sendo, para esta área curricular foram realizadas diversas atividades tendo em conta os conteúdos programáticos expressos no OCP (2004). Os pontos programáticos foram, essencialmente a introdução de dois tipos de textos a poesia e prosa; reescrita de um poema; resumo de um texto; pesquisa bibliográfica e biográfica sobre as autoras Luísa Ducla Soares e Maria Alberta Menéres; produção de texto; conteúdos gramaticais, sinónimos/antónimos, classe dos nomes (comuns, próprios e coletivos) e por fim revisão dos nomes quanto ao género, número e grau.

Neste sentido, logo na primeira semana de intervenção pedagógica, introduzimos o texto poético através da leitura e análise do poema intitulado “D. Gonçalo, a cavalo” da autora Luísa Ducla Soares. Importa salientar que no 4º ano, os alunos têm de ser capazes de reconhecer as diferenças entre os vários tipos de texto, como prosa, poesia, banda desenhada, texto dramático (ME, 2004).

Os principais pontos a serem trabalhados neste tipo de texto foram a leitura, o número de estrofes, de versos e a existência ou não de rimas. É de salientar que para além de serem debatidos os aspetos anteriormente mencionados, também foram abordados os conteúdos do poema, as personagens principais e as secundárias.

Ainda, solicitamos a leitura, em voz alta, em que pudemos constatar que alguns alunos revelam dificuldades na exposição da voz, por ler muito baixinho que mal conseguíamos ouvir. Todavia, outros apresentaram uma ótima expressividade e exposição de voz, pois segundo as Metas de Aprendizagem (MA) referem que os alunos devem usar um tom de voz e expressividades adequadas tanto na narração de histórias ou na recitação de poemas (ME, 2010).

No que concerne, ao reconto do poema verificamos que a grande parte conseguiu recordar as ações do poema, confirmando deste modo que interpretaram bem o poema.

É de salientar que para além da análise e reconto, foi entregue a cada aluno, uma pequena ficha de interpretação escrita. Como era de esperar, os alunos não mostraram dificuldades em nenhuma questão de interpretação. Contudo, na questão nº1 da ficha, a turma apresentou-se um pouco demorada, uma vez que teriam de recorrer ao dicionário e encontrar o significado de algumas palavras um pouco difíceis. De facto, a OCP defende que crianças que frequentam o 4º ano de escolaridade devem treinar tanto a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuário entre outros (ME, 2004).

Tendo em conta a mesma referência no domínio da Comunicação Escrita – Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura o professor deve desenvolver momentos em que os alunos possam recriar textos, através de diversas linguagens, como por exemplo transformar história. Nesta linha de ideias, decidimos entregar, a cada aluno, uma folha com o mesmo poema trabalhado, com lacunas, mais precisamente sem rimas com o intuito de recriarem o seu poema utilizando outras rimas.

No momento da leitura dos poemas criados, vários elementos da turma disponibilizaram-se para os ler, sendo visível imensa criatividade e imaginação nas rimas, apresentando deste modo poemas muito engraçados.

Ainda nesta primeira semana, foi trabalhado do tipo de texto a prosa a partir da leitura do texto intitulado “O cavalo de Tróia” da autora Maria Alberta Menéres. Como é evidente todas as crianças participaram na leitura e no debate realizado ao texto, pelo facto de ser uma turma muito participativa. No entanto, pudemos constatar que o grupo sentiu dificuldades em realizar o reconto do mesmo pois era um texto um pouco extenso e também por apresentar muita informação, deixando os alunos um pouco confusos.

Perante esta situação as perguntas de interpretação do texto foram respondidas de forma oral, para que através das várias opiniões expressas pelos alunos se chegaria a uma única resposta. Assim sendo, a OCP alerta para facto da comunicação oral se caracterizar pelas trocas linguísticas que acontecem através de uma partilha permanente da fala entre as crianças e o adulto (ME, 2004).

Para além da leitura e interpretação do texto, também foi discutido em grupo as diferenças entre os dois tipos de textos trabalhos, ou seja, entre o poema e a prosa. Importa referir que alguns alunos identificaram diferenças tais como: “Este texto não tem rimas, nem quadras” ou “ O texto é constituído por parágrafos e períodos”.

Depois de serem trabalhos os textos referidos foi proposto à turma a elaboração de um trabalho de pesquisa bibliográfica e biográfica sobre as autoras dos textos, com o objetivo de conhecerem um pouco da sua vida e obra como também para começarem a se inteirar como estes tipos de trabalhos. Segundo as MA no subdomínio do gosto literário as crianças nestas idades devem procurar e registar informações sobre autores, através de um contacto direto com o mesmo através de pesquisa em sítios da internet (ME, 2010).

Para melhor realizar este trabalho a turma foi dividida em duas partes em que cada uma delas trabalharia, a pares, uma autora para posteriormente apresentar à turma a informação recolhida. Convém salientar que durante a pesquisa feita em casa ou na

escola, algumas crianças foram trazendo com o intuito de vermos se correspondia o que tinha sido pedido.

Chegado o momento da apresentação dos trabalhos, constatámos que a grande parte do grupo, não cumpriu com as suas responsabilidades em realizar o trabalho por, apresentarem diversos motivos tais como: “Não tinha tinta na impressora”; “Na minha casa não tenho internet”; “Não fiz o trabalho” e ainda “ Eu queria fazer mas o meu colega não quis que eu fizesse”. Perante esta situação é importante referir que a turma terá de ser mais estimulada para a realização deste tipo de trabalho, para que possa compreender como se deve trabalhar em grupo e tomar consciência de ser responsáveis pelas suas tarefas. De facto, a OCP (2004) refere num dos seus três objetivos específicos mais precisamente, no domínio pessoal devem ser criadas condições que permitam “Incentivar o reconhecimento pelo valor social do trabalho em todas as suas formas e promover o sentido de entreaajuda e cooperação” (p.18).

Ainda sobre este assunto, também gostaríamos de referir que alguns dos alunos, ou seja, os que realizaram o trabalho possuem poucas noções de como selecionar a informação mais pertinente sobre o assunto, pois o que se limitaram a fazer foi copiar a informação da página da internet, na sua totalidade. Gostaríamos de deixar bem patente que, no momento da explicação do trabalho, chamámos a atenção para o facto de quando recolherem a informação da internet ou de outro espaço selecionarem apenas o que tinha sido pedido, mas este aspeto não foi cumprido.

Ainda sobre o domínio da Comunicação Escrita, foi proposto a realização de um resumo do texto “ A raposa matreira” de José Moutinho. Assim sendo, para a procedermos ao resumo, foi necessário seguir dez regras expressas no livro de Atividades, que cada aluno possuía, para que estes compreendessem como se fazia um resumo bem estruturado.

Numa primeira fase a turma apresentou-se um pouco confusa, no que se refere à redução do número de palavras, pois tinham tendência em aumentar. Tendo em conta esta situação a turma foi chamada a atenção, para a regra que dizia que um resumo teria de ser mais pequeno que o texto inicial. Depois de insistir, os alunos interiorizaram que teriam de criar uma estratégia que permitisse diminuir o número de palavras e foi isso que sucedeu. É de salientar que depois do resumo estar concluindo, no quadro, os alunos redigiram-no para o caderno diário.

Para além do que já foi referido, sobre o domínio da Comunicação Escrita foi pedido à turma que realizasse um texto a partir da seguinte pergunta “Imagina que tinhas a oportunidade de ser rei por um dia, o que farias durante esse teu reinado?” A partir desta questão e através de pistas, como por exemplo, se eram casados, se tinham filhos e os seus nomes, o nome do sítio onde viviam entre outros aspetos teriam de criar um texto.

Aquando do início da produção do texto, por assim dizer, a turma estava um pouco apreensiva, por não saber como iniciá-lo pois diziam que não estavam a ter muitas ideias. Ao ver tal situação, voltámos a lançar mais algumas sugestões para que a imaginação e a criatividade emergisse, porque sabíamos que as crianças possuíam capacidades para realizar textos muito bons, isto segundo as palavras da professora titular da sala. A partir de então as crianças iniciaram a sua escrita.

Importa referir que esta produção de texto teve três objetivos principais que foram desenvolver a expressão escrita, a criatividade e a imaginação. Para além destes objetivos esta produção de texto é considerada a primeira etapa do Trabalho de Texto defendida pelo MEM como já foi mencionado no ponto Fundamentos metodológicos deste vertente educativa. Convém referir que as restantes etapas foram desenvolvidas na semana seguinte pela minha colega de estágio.

Após a leitura atenta dos textos concluímos que a grande maioria apresentou textos muito criativos e imaginativos, pois muitos deles agarraram das sugestões lançadas entre outras e conseguiram elaborar textos interessantes. Ainda sobre os textos queríamos acrescentar que alguns alunos apresentaram dificuldades na construção frásica, na repetição de vocabulário e na apresentação de erros.

Passando aos conteúdos gramaticais, os primeiros foram os sinónimos e os antónimos. Assim, para que as crianças pudessem recordar as regras que caracterizam estes dois pontos gramaticais, foi pertinente proceder à leitura das páginas do manual de Língua Portuguesa, bem como à resolução de exercícios como forma de consolidação deste ponto gramatical. Tendo em conta o CNEB-CE refere que a familiaridade com o vocabulário e com estruturas gramaticais possibilita que se identifique objetivos comunicativos (ME, 2007).

Por sua vez, Silva (2008) realça que o ensino-aprendizagem da gramática permite que os alunos tenham consciência e sistematizem o conhecimento da língua tendo por base metodologias ativas que permitem a descoberta como a resolução de problemas.

É pertinente salientar que durante a leitura das páginas foi possível verificar que a grande maioria, dos alunos, conseguiu acompanhar a explicação o que facilitou desde já a resolução dos exercícios propostos. Após a resolução dos mesmos passamos à correção que foi realizada de forma oral, mas sempre com um registo posterior das respostas no quadro, caso algum aluno tivesse de corrigir ou confirmar.

Como é de conhecimento geral, a classe dos nomes é composta pelo nome comum, coletivo e próprio. De facto, a OCP mencionada que as crianças destas idades devem saber “Distinguir nomes próprios, comuns e colectivos” (ME, 2004, p.165).

Esta abordagem foi realizada um pouco idêntica ao ponto gramatical anterior, pois procedemos à leitura e discussão sobre as regras de cada nome e ainda à exemplificação de alguns exercícios no quadro, para que os alunos compreendessem com mais precisão a explicação de cada uma.

Para além dos exemplos, também provimos à resolução de uma pequena ficha de exercícios presentes no manual de Língua Portuguesa.

Ainda sobre os conteúdos gramaticais abordamos a classificação dos nomes, mas desta vez quando ao género (masculino/feminino), quanto ao número (singular/plural) e quanto ao grau (aumentativo/ normal/diminutivo) que segunda a referência anterior alerta para o facto de as crianças conseguirem identificar os nomes quanto ao género, ao número e ao grau e ainda reconhecerem a regra geral e as exceções mais usuais do género e do número.

Para que a turma recordar-se a classe dos nomes, foram lembradas as regras, através da leitura das páginas do manual de Língua Portuguesa, pelo facto de estarem muito bem explicadas. Após a leitura e análise das páginas foram apresentados exemplos, no quadro, bem como a resolução dos exercícios do manual acerca deste ponto gramatical. Os exemplos e os exercícios foram realizados com o intuito de verificar se, efetivamente, os alunos compreenderam o que estava a ser trabalhado.

Todavia, no momento da correção dos exercícios referidos foi possível verificar que certos alunos demonstraram dificuldades em diferenciar o género masculino e o feminino de algumas palavras. Perante esta situação, foi necessário alertá-los para o facto de utilizarem o artigo “a” ou “o” antes dos nomes, de forma a puderem verificar o género da palavra.

Na generalidade as aulas referentes a esta área correram bem uma vez que os alunos apresentavam-se muito participativos e interessados em aprender os conteúdos programáticos.

Importa referir que esta disciplina é umas das mais importantes pois permite que as crianças aprendam a leitura, a expressão escrita e a oral, caracterizando-se deste modo a língua o veículo principal para a aquisição de novos conhecimentos (Martí, 1998).

Área curricular de matemática.

Como é de conhecimento geral a área da Matemática faz parte do CNEB-CE e para tal expõe duas finalidades principais que são “(...) proporcionar aos alunos um contacto com as ideias e métodos fundamentais da matemática que lhes permita apreciar o seu valor e a sua natureza ,desenvolver a capacidade e confiança pessoal no uso da matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar.” (ME, 2007, p.44).

No entanto, o mesmo autor esclarece que a Matemática é considerada uma disciplina que se articula com as restantes, o que contribui para um maior desenvolvimento de competências gerais definidas para o ensino básico. Porém, esta disciplina distingue-se das outras, pelo modo como encara a generalização, a demonstração e o trabalho experimental com os raciocínios sejam eles indutivo e dedutivo, fazendo com que exista um contributo na forma de pensar, do conhecimento e de comunicar.

Perante alguns aspetos acabados de mencionar sobre a importância da Matemática no EB, parecemos importante mencionar os pontos desenvolvidos durante o Estágio e as atividades realizadas para abordá-los.

Assim sendo os conteúdos programáticos abordados foram a introdução da centena de milhar; revisões sobre o algoritmo da multiplicação por e por dois números; recordar o milhão; introdução do algoritmo da divisão e estratégias de resolução de problemas.

Para introduzirmos a centena de milhar, achámos por bem realizar uma pequena revisão, oral e escrita acerca das classes dos números, mas precisamente das unidades (unidades, dezenas, centenas) e a classe dos milhares (unidade de milhar, dezena de milhar e centena de milhar). É importante salientar que as revisões foram feitas até a dezena de milhar, uma vez que a centena de milhar seria o novo ponto programático a ser abordado. De facto, a OCP refere que as crianças do 4º ano de escolaridade devem “ Identificar ordens e classes da milésima ao milhão” (ME, 2004, p. 184).

No entanto, as revisões foram realizadas, no quadro, através de um, registo de 1 unidade, 10 unidades = 1 dezena e assim sucessivamente até chegar à centena de milhar que é o mesmo que ter 100 000 unidades. No início das revisões os alunos apresentavam-se um pouco confusos, com o que lhes estava a ser transmitido. Contudo, voltámos a recapitular tudo mas de uma forma um pouco mais calma e mais esquematizada, através da elaboração de um quadro síntese.

Por sua vez, para que tanto as revisões como a introdução da centena de milhar fosse mais dinâmica criámos um instrumento pedagógico de “O Contador”. Este instrumento era composto pelas diferentes classes (Milhões, Milhares e Unidades) que para cada ordem, das referidas classes, era apresentado um círculo numerado de 0 a 9 que podemos observar nas (Figuras 15 e 16).

Figura 15 - Explicação de como explorar o “Contador”**Figura 16** - Exploração do “Contador” pelos alunos

O objetivo deste instrumento era cada aluno manuseá-lo de forma representar números com o intuito de visualizar mais concretamente o (s) algarismo (s) que correspondiam a cada ordem e classe e posteriormente realizar a sua leitura.

No nosso entender este instrumento foi uma mais-valia para toda a turma, pois permitiu que compreendessem melhor as classes dos números, principalmente a leitura por ordens, classes e extenso. Contudo, os alunos com dificuldades foram os que mais usufruíram e tiraram partido dele, pois quando sentiam dificuldades na leitura de um número recorriam ao instrumento e seguidamente conseguiam obter a resposta correta.

Segundo a OCP cabe ao professor organizar, criar meios, ambientes e materiais propícios de modo que a aprendizagem seja dinâmica e desafiadora para os alunos (ME, 2004). Por sua vez, o novo programa de Matemática refere que os materiais devem ser manuseáveis em situações de aprendizagem em que o seu uso seja uma forma de facilitar compreensão de conceitos matemáticos (ME, 2009).

Para além do instrumento mencionado para compreender a centena de milhar, bem como as outras ordens, foram, ainda, realizados vários exercícios de raciocínio e problemas. É de salientar que para resolver certos problemas decidimos levar, para a sala, materiais com a intenção dos alunos puderem concretizar melhor o problema e

chegarem ao resultado final. Esta estratégia revelou-se muito enriquecedora sobretudo para os alunos que apresentam dificuldades de raciocínio, realizando deste modo a diferenciação pedagógica.

Durante a intervenção educativa, foi lembrado o algoritmo da multiplicação por um número com um algarismo e por um número e dois algarismos. Neste sentido, para que a turma pudesse compreender o algoritmo da multiplicação por um número partiu-se de seguinte situação-problema: “Um álbum de fotografias continha 32 páginas e em cada um delas tinha 3 fotografias. Qual é o número total de fotos que o álbum tem? Por sua vez para explicar a multiplicação de um número e dois algarismos também apresentamos a seguinte situação: “ A turma do 4ºB é constituída por 23 alunos e cada um deles possui o manual de Matemática com 80 páginas. Qual é totalidade das páginas dos livros dos 23 alunos?”.

A partir destas situações explicamos aos alunos como deveriam proceder para resolver o algoritmo da multiplicação, porque segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) “As propriedades das operações devem ser consideradas em situações concretas, em especial a propósito do seu uso para facilitar o cálculo.” (p.49)

Importa salientar que para explicar estes dois algoritmos da multiplicação, foi necessário recorrer a algumas regras, como forma de facilitar a resolução da operação, como por exemplo no último algoritmo é importante que os alunos saibam que para além de efetuarem as multiplicações também deverão proceder a uma soma, para que a operação seja válida. Tendo em conta, os autores supramencionados, citam que os alunos para compreenderem as operações devem interiorizar as suas diferenças entre cada uma, como por exemplo que a multiplicação está associada à adição e a divisão associada à subtração.

Note-se que na generalidade a turma compreendeu os passos a seguir para resolver o algoritmo da multiplicação, no entanto apresentam muitas dificuldades nas tabuadas, dificultado deste modo a resolução das operações corretamente.

No que concerne a este último, em conversa com a professora cooperante esta mencionou que já tinha abordado este assunto de várias formas, mas que está sendo complicado estes interiorizarem. O que disse foi para nós não nos preocuparmos com esta situação, porque agora a preocupação estava nas crianças, ou seja, elas têm que se mentalizar que é importante saberem as tabuadas. Tendo em conta as palavras da professora cooperante, a única estratégia que utilizamos foi, despertar nos alunos para a importância destes saberem as tabuadas, pois é uma das operações mais utilizadas no nosso dia a dia.

Para além de explicar os passos do algoritmo da multiplicação, também foi apresentado um outro modelo denominado de método de gelosia. Este método chamou a atenção dos alunos desde o primeiro momento, pois diziam que era mais fácil e divertido que até parecia um jogo. A explicação deste método foi realizada a partir da situação-problema apresentada na fase inicial de revisão deste conteúdo, com o intuito da turma verificar que os resultados dos dois métodos são iguais, concluindo que este novo método pode ser utilizado da mesma forma que o algoritmo da multiplicação.

Como forma de consolidar, os dois métodos anteriormente apreendidos, foram realizados exercícios de consolidação, presentes no manual de fichas de Matemática da turma. Durante a resolução dos exercícios, prontificamos a estar mais perto dos alunos com mais dificuldades, para lhes prestar auxílio na resolução dos exercícios.

Todavia, para ajudar estes alunos a resolverem e a compreenderem os problemas, decidimos elaborar materiais, neste caso, moedas, em cartão, (Figura 17)

pelo facto destes concretizarem o problema, ou seja, manusearem algo em concreto de forma a chegarem à resolução correta dos exercícios.

Figura 17 - Resolução de exercícios utilizando moedas de cartão



Segundo o CNEM-CE afirma que os alunos devem utilizar materiais manipuláveis de diversos tipos, caracterizados como recursos privilegiados para realização de muitas tarefas escolares. Acrescentam ainda que a utilização dos materiais define-se um meio e não como um fim (ME, 2007).

Note-se que para além de estarmos mais junto dos alunos com dificuldades, nunca deixámos de parte a restante turma, pois estes também precisam da nossa atenção, para que se sintam integrados e também para continuem a manter o interesse em aprender.

Na segunda semana de intervenção, propriamente dita, continuamos a resolver exercícios referentes às classes dos números, mais precisamente revisões acerca da classe dos milhões, pelo facto de ter sido o conteúdo introduzido pela colega, na semana anterior.

As revisões ocorreram um pouco diferente, comparativamente, às semanas anteriores, uma vez que os exercícios estavam em suportes informático, nomeadamente,

num CD. De facto, o CNEB-CE revela que a utilização das novas tecnologias na aprendizagem da Matemática é uma oportunidade dos alunos trabalharem com diversos programas educativos que permitem resolver problemas e exercícios (ME, 2007).

O objetivo deste exercício era cada aluno representar um número inteiro através da adição ou subtração de bolas em cada ordem das classes e de seguida proceder à leitura das três formas aprendidas (ordem, classe e extenso).

Desde o momento que foi apresentado, à turma, estes exercícios esta mostrou-se interessada em participar por ser a primeira vez que estava a realizar representações de números desta forma e também por ser uma forma lúdica e diferente de aprender este conteúdo programático. No final da atividade os alunos adoraram, pois até mencionaram que tinha sido uma das atividades mais divertidas.

Passando a outro ponto programático denominado de algoritmo da divisão, decidimos abordá-lo, novamente, a partir de uma situação do quotidiano, com o objetivo da turma compreender que os problemas que, normalmente, são lhes apresentados partem de situações que acontece no nosso dia a dia.

Assim sendo, a nossa situação problema foi a seguinte: “O professor António tinha um saco com 24 rebuçados. Decidiu distribuí-los, igualmente, pelos 6 alunos mais bem comportados. Com quantos rebuçados cada aluno ficou?” Após a leitura, oral, e interpretação do problema, a turma chegou a um consenso dizendo que teriam de realizar uma operação de dividir, pois era necessário saber com quantos rebuçados ficou cada aluno. Segundo o CNEB-CE é importante que os alunos tenham “ A aptidão para dar sentido a problemas numéricos e para reconhecer as operações que são necessárias à sua resolução, assim como para explicar os métodos e o raciocínio que foram usados.” (ME, 2007, p.46).

Novamente, achámos importante apresentar materiais, neste caso em particular, um saco de rebuçados, para os alunos puderem concretizar melhor o problema. Depois de terem chegado à conclusão que eram apenas 4 rebuçados, foi-lhes informado que nem sempre podemos obter as soluções dos problemas desta forma, porque em caso de números maiores teriam de recorrer a uma operação. Neste sentido, apresentámos e explicámos os passos necessários para realizar a divisão.

Para além disso, também legendámos, através de cartões, as partes que a constituem que são: o dividendo, o divisor, o quociente e o resto.

Para a consolidação deste conteúdo, foi elaborada uma ficha, por nós, onde continha vários exercícios e problemas. Saliente-se que alguns dos problemas expostos na ficha apresentavam algumas rasteiras, e para tal os alunos teriam de raciocinar mais um bocadinho, principalmente os que apresentavam mais dificuldades. Importa, deixar bem patente que alguns problemas foram baseados em enunciados de provas de aferição, com o intuito de preparar a turma para este tipo de prova, uma vez que irão realizar no final do ano letivo.

Contudo, para a resolução desta ficha, foram apresentados diversos materiais, como por exemplo, bolas de futebol, em cartão, e palhinhas para ajudar os alunos a resolver os exercícios (Figuras 18 e 19). Novamente, durante a resolução destes exercícios estivemos presentes junto dos alunos que apresentavam mais dificuldades, para que em caso de dúvida lhes pudéssemos auxiliar, através de pequenas explicações. De facto, Arends (1995) defende que o professor tem a responsabilidade de auxiliar os alunos em situações de dúvidas.

Figura 18 - Resolução do exercício com bolas de futebol em cartão



Figura 19 - Resolução do exercício com palhinhas



Relativamente ao último conteúdo, este baseia-se na resolução de problemas, mais concretamente sobre probabilidades. Os exercícios propostos basearam-se na apresentação de vários conjuntos de equipamentos, por exemplo com calções e camisolas, três cores diferentes, em que os alunos teriam de encontrar estratégias de forma a obter o número correto de equipamentos de cores diferentes. Segundo CNEB-CE os alunos devem realizar exercícios de forma a entender e a usar o conceito de probabilidade em casos simples (Figura 20).

Figura 20 – Resolução do exercício relacionado com probabilidades



Como podemos verificar na imagem, apresentamos vários equipamentos, no quadro, com o intuito dos alunos os poderem manusear, a fim de estes concretizarem o problemas e chegarem ao resultado correto. A turma apresentou-se muito bem, a nível de raciocínio pois alguns alunos conseguiram encontrar mais do que uma solução.

No nosso entender, a turma mostrou-se atenta, interessada e participativa na resolução dos exercícios desta índole, pois diziam que eram interessantes que os colocavam a pensar mais do que outros exercícios.

No final destas duas semanas e meia de intervenção educativa com a referida esta turma pudemos constatar que a turma até que se apresenta muito bem a nível de raciocínio, sendo sempre necessário dar mais atenção aos alunos que estão assinalados com dificuldades.

Área curricular de estudo do meio.

O Estudo do Meio é outra área abordado no 1º CEB, que segundo a OCP é a área que os alunos aprofundam conhecimentos a nível da Natureza e da Sociedade, no entanto é da responsabilidade do professor disponibilizar instrumentos e técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada (ME, 2004).

Por sua vez, o CNEB-CE refere que nesta área os alunos observam a realidade e normalmente problematizam e investigam, pesquisam, recolhem e tratam de informações e analisam através de meios e instrumentos com o objetivo de encontrar soluções que apresentam uma resposta ao problema (ME, 2007).

O tema principal abordado durante a nossa intervenção foi a História de Portugal. No entanto os subtemas desenvolvidos por nós foram, rigorosamente os primeiros povos a habitar na Península Ibérica; a Reconquista Cristã; a 2ª Dinastia ou

Dinastia de Avis, a 3ª Dinastia ou Dinastia Filipina e ainda a 4ª Dinastia ou Dinastia de Bragança.

Assim sendo, logo no início da primeira semana debatemos o tema dos primeiros povos a habitar na Península Ibérica em que apresentámos um power point onde constava diversas informações e imagens referentes ao tema. Durante a visualização do power point, a turma era solicitada a participar através da leitura e explicação da informação que estava expressa no diapositivo, de forma a desenvolver uma aula mais dinâmica. Note-se que esta forma de trabalhar um tema vai ao encontro ao método expositivo que foi referido no ponto Fundamentos metodológicos.

Para além da estratégia anterior, também decidimos, elaborar um cronograma (Apêndice N) referente às datas dos povos que surgiam na Península Ibérica, em que por sua vez os alunos teriam de o preencher, indicando o ano e o nome do povo, à medida que a informação surgia nos diapositivos. De facto, a OCP refere que os alunos devem “Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal” (ME, 2004, p. 120).

Quanto ao tema da Reconquista Cristã, iniciámos com uma pequena leitura das páginas do manual de Estudo do Meio, em que explicava a assunto de forma compreensível. A leitura foi proferida pelos alunos e debatida em grande grupo a fim de serem retiradas ilações. Para além disto também foi entregue a cada aluno, um mapa da Península Ibérica, em que os alunos teriam de indicar o local correto de cada reino cristão.

Estas duas formas de registo, foram uma das soluções que encontramos para que os alunos registassem as informações mais importantes sobre estas duas temáticas.

É importante referir que nesta primeira semana foi impossível cumprir com a planificação, pelo facto dos pontos trabalhados possuírem imensa informação. Neste

sentido, o tema “Formação de Portugal” foi trabalhado na semana seguinte pela colega de Estágio, como é possível verificar na planificação.

Relativamente à segunda semana, continuamos a abordar as dinastias mais concretamente a 2ª e a 3ª dinastia, uma vez que a 1ª dinastia tinha sido abordada pela colega de Estágio. Para iniciar a 2ª dinastia foi apresentado um vídeo intitulado a “Batalha de Aljubarrota” por ser um dos pontos fortes desta dinastia. A turma ficou um pouco surpreendida pelo facto de terem participado um pequeno número de homens portugueses, relativamente aos espanhóis e que estes últimos não conseguiram vencer. Tendo em conta o programa para 1º CEB no tema 2 – O passado nacional, os alunos devem conhecer personagens e factos da história nacional como por exemplo as batalha e o local onde ocorreu, os reis que admitiram os forais entre outros aspetos (ME, 2004).

Após a visualização e discussão sobre o vídeo, foi apresentado um power point, intitulado, “ 2ª dinastia ou dinastia de Avis” em que espelhava um pouco a importância e a história dos reis desta dinastia.

Como forma de registo, sobre os aspetos mais importantes, foi entregue a cada aluno uma grelha com a identificação da dinastia, em que esta era dividida em quadrados com mesmo número de reis que compunha a respetiva dinastia (Apêndice O). Por conseguinte, os alunos teriam de redigir os aspetos mais importantes que surgiam no diapositivo (Figura 21).

Figura 21 – Preenchimento a grelha de registo



Por conseguinte, para que a turma consolidasse os conteúdos apreendidos foi-lhes pedido que realizasse uma ficha de consolidação, criada por nós, com o objetivo de recordarem os aspetos mais importantes. Gostaríamos de mencionar que na generalidade os alunos resolveram a ficha sem apresentar muitas dúvidas, pelo facto de terem interiorizado os conceitos transmitidos e ainda porque tinham as folhas de registo, que podiam consultar como forma de reavivar a memória.

Contudo, deparamo-nos com alguns alunos que se apresentavam um pouco perdidos permitindo deste modo orientá-los de forma a responderem às respostas corretamente.

Por sua vez, para abordar a 3ª dinastia, iniciámos através da leitura da página 48 do manual de Estudo do Meio, onde explicava por breves palavras os acontecimentos mais importantes durante este reinado. Além da leitura e análise, utilizámos a mesma estratégia de apresentar um pequeno power point, onde exponha mais informação acerca dos reis, relativamente ao que já tinha sido referido no manual. Também foi entregue uma folha de registo idêntica à da 2ª dinastia, novamente pelo mesmo objetivo dos alunos ficarem com o registo da informação mais importante.

É de salientar que a consolidação desta dinastia só foi realizada depois de ser abordada a 4ª dinastia uma vez que a ficha a ser realizada constava do manual e abrangia as duas dinastias.

O último tema trabalhado foi a 4ª e última dinastia portuguesa. Desta vez, para captar a atenção e o interesse dos alunos colocámos um pequeno vídeo intitulado “Lisboa depois do terramoto”, pelo facto de ser um dos aspetos mais importantes desta dinastia, pois a utilização da tecnologia informática, como internet ou CD-ROM, permite que os alunos acessem à informação histórico-geográfica (ME, 2007).

Após a visualização atenta do vídeo, passámos ao debate sobre o mesmo, em que foram abordados vários assuntos, como por exemplo, o dia em que ocorreu; como ficou Portugal a nível económico, financeiro e político entre outros assuntos.

Para além do vídeo, e para que os alunos pudessem compreender e conhecer outros acontecimentos ocorridos nesta dinastia, foram solicitados, a ler e a debater em voz alta das páginas do manual referentes a esta temática.

Importa referir que esta dinastia foi introduzida de forma superficial, pelo facto de ter ficado acordado com a professora cooperante que seria feito desta forma, uma vez que teria de relembrar os pontos principais no período seguinte, porque no próximo teste, desta disciplina, sairia questões relacionadas com este tema.

Tal como foi expresso no ponto fundamentos metodológico, durante o Estágio, foi realizado um trabalho de projeto denominado “ Os reis de Portugal”. O principal objetivo era os alunos, em grupos, recolherem informação sobre os anos de reinado, o cognome, a explicação do cognome e uma foto do (s) rei (s) que foi indicado para cada grupo, para posteriormente ser elaborado um livro com respetivo nome do projeto.

Este projeto foi orientado durante as semanas de estágio, pelas professoras estagiárias, através da correção feita às pesquisas trazidas pelos alunos, em que apresentávamos a nossa opinião, bem como chamar atenção sobre aspetos que estavam menos bem ou em falta.

A finalização do trabalho de projeto decorreu na última semana de intervenção, em que as informações recolhidas, por cada grupo, sobre os reis foram passadas para folhas individuais, ou seja, a informação referente a cada rei seria redigida pelos alunos em folhas separadas juntamente com a respetiva foto do rei. Para além disso, foram elaborados e decorados vários separadores referentes à 1ª, 2ª, 3ª e 4ª dinastia, bem como a própria capa do livro. De facto o CNEM-CE menciona que os alunos ao longo da

Educação Básica devem ter a oportunidade de experimentar várias atividades de pesquisa tanto individual como em grupo, que por sua vez terá realizado um tratamento de informação, para posteriormente ser apresentada oral e escrita pelos alunos (ME, 2007).

Depois de estar tudo, organizado, foi sugerido à turma que realizasse um pequeno treino, sobre o rei que iria apresentar, uma vez que este trabalho foi apresentado à turma no 4ºA da mesma instituição. É de referir que o treino foi muito importante, pois pudemos chamar a atenção para alguns aspetos que estavam menos bem, nomeadamente na forma como exponham a voz, a postura a articulação das palavras etc.

No que concerne à apresentação, segundo as palavras provenientes da minha colega de estágio, correu bem, pois os alunos expuseram a voz num tom alto e compreensível. Saliente-se, ainda que, a turma (4ºA) também segundo as palavras da colega, gostou de escutar os seus colegas, que até lhes homenagearão pelo trabalho realizado.

Importa mencionar que a apresentação do projeto, não foi unicamente feita, através da exposição oral, mas também de escrita, pois foi entregue a cada aluno da turma do 4ºA, um pequeno livro de registo, onde constava a foto de todos os reis, divididos pelas dinastias, com o intuito destes puderem registar, os anos de reinado e o cognome dos mesmos (Figura 22).

Figura 22 - Registo da informação sobre o projeto “Os Reis de Portugal” pelos alunos do 4ºA



Como é possível verificar na planificação desta semana existe um ponto denominado de atividades lúdicas. As atividades foram realizadas durante a apresentação do livro dos Reis, isto porque a apresentação não foi feita com todos os alunos, do 4ºB ao mesmo tempo, pelo facto da sala do 4ºA e da própria escola não possuir espaço suficiente para os alunos de ambas as turmas pudessem estar juntos.

Neste sentido, os alunos do 4ºB foram aos grupos, tendo em conta a sequência das dinastias. Os restantes alunos ficaram a aguardar pela sua vez na sua sala, e enquanto isso realizavam pequenos jogos lúdicos, tais como sopa de letras, palavras cruzadas, desenhos para colorir alusivos à época natalícia (Figura 23).

Figura 23 - Realização de atividades lúdicas alusivas ao Natal



Em relação à concretização deste projeto queríamos mencionar alguns aspetos que no nosso entender devem ser melhorados, principalmente a forma como os alunos encaram um trabalho de pesquisa, sendo que alguns elementos da turma durante as três semanas apresentaram diversas “desculpas” para não fazer o trabalho pedido. Esta situação revela um grande desinteresse e falta de responsabilidade em realizar o trabalho por parte destes alunos. Neste sentido, a turma deverá ser mais estimulada a realizar

trabalhos desta índole, para que se desenvolva dentro de cada elemento a responsabilidade e o interesse de cumprir com as tarefas que lhes são confiadas.

Outro aspeto que também é urgente ser melhorado é a exposição oral dos alunos, mais precisamente a colocação da voz no momento da apresentação do trabalho, porque existem alguns alunos que colocam a sua voz num tom muito baixinho, dificultando aos ouvintes a compreensão do que está a ser transmitido. Assim sendo, é pertinente promover mais situações deste género para que a turma vá evoluindo gradualmente até conseguir chegar a um patamar em que suas palavras são expressas num tom alto e de fácil compreensão.

Contudo, a turma empenhou-se na concretização deste projeto, principalmente na fase final, pois nós, professoras estagiárias, incentivámos e acompanhámos mais de perto a redação da informação como também nas decorações dos separadores e da capa.

No nosso entender este projeto foi uma mais-valia, tanto para turma que o realizou como para a turma que ouviu porque ambas, ficaram a conhecer mais informações acerca dos reis de Portugal, uma ser um aspeto importante para o seu conhecimento académico e social.

Área curricular de expressão plástica.

Tendo em conta o CNEB-CE a educação artística no EB desenvolve-se em quatro grandes áreas sendo elas, a Expressão Plástica, a Expressão e Educação Musical, a Expressão Dramática/Teatro e a Expressão Físico-Motora/Dança. Adianta ainda que no 1º Ciclo estas áreas são trabalhadas de forma integrada pelo professor titular da turma, e caso este ache necessário poderá solicitar ajuda aos professores especializados (ME, 2007).

Por sua vez a OCP esclarece que esta área possibilita os alunos explorem livremente meios de expressão gráfica e plástica contribuindo deste modo para despertar a imaginação, a criatividade (ME, 2004).

Nesta linha de ideias, foi desenvolvida, uma atividade de expressão plástica interligada com os conteúdos programáticos referentes à área do Estudo do Meio - História de Portugal. A atividade realizada intitulava-se de “Construção de um castelo”. Esta atividade consistia nos alunos, em grupo, construírem uma muralha simbolizando um castelo, com diversos materiais, tanto recicláveis ou não a fim de realizar uma pequena exposição na instituição.

No momento do anúncio do trabalho plástico à turma, esta ficou logo entusiasmada e eufórica, pelo facto de algum tempo não realizarem nenhuma atividade deste género. Após a explicação da atividade foi solicitado a cada aluno que trouxesse da sua casa dois rolos de papel higiénico, pois seriam necessários para a construção das torres da muralha.

Chegado, o dia da construção dos castelos, alguns alunos não trouxeram o material que tinha sido pedido, sendo este aspeto um pouco previsível, tendo em conta os outros trabalhos realizados. Perante esta situação voltámos a chamar a atenção de que teriam de ser mais responsável, porque isso era um ponto, essencial, na avaliação.

Aquando do início da elaboração dos castelos, a turma foi dividida em vários grupos para que pudessem trabalhar em grupo, pois era um dos aspetos que os alunos apresentavam dificuldades em concretizar. Segundo os pressupostos do professor francês Céléstin Freinet citado por Martín (1998) este tipo de trabalho é importante pois apela à cooperação entre todos os alunos nos trabalhos escolares, que por sua vez afasta a competição, a denúncia e o individualismo egoísta em que o seu colega é considerado um adversário e não um colaborador ou amigo.

É de salientar que cada aluno teria de construir uma parede da muralha para posteriormente juntar as partes de todos os elementos do grupo a fim de realizar uma única muralha (Figura 24). Ao longo da construção pudemos observar algumas discussões entre os elementos do grupo, mais precisamente no momento da união entre as várias partes do castelo, pois alguns elementos referiam que a união era feita de uma forma, enquanto outros já diziam que era de outra. Ao verificar esta situação tivemos de intervir e explicar que a melhor solução para terminar a discussão era voltarem a rever os passos expressos no livro de atividades – expressão plástica, sendo este o guia da construção do castelo, para chegarem a um consenso.

Figura 24 - União das paredes da muralha do castelo



No final da construção dos vários castelos, verificámos que de uma forma geral ficaram muito bonitos, pois apresentavam muita criatividade, na decoração das muralhas que até desenharam janelas e portas de diversas formas e utilizaram várias cores.

Como foi mencionado anteriormente, os castelos foram expostos em cima de uma mesa, num dos corredores da instituição (Figura 25) com o intuito da toda a comunidade educativa poder verificar o trabalho elaborado pelos alunos do 4ºB,

relativamente à interligação das áreas de Estudo do Meio e da área de Expressão Plástica.

Figura 25 - Exposição dos Castelos



Também foi ilustrado um pequeno desenho sobre a peça de teatro “O Natal dos animais”, como forma de recordar através do desenho a parte da peça que lhes suscitou mais interesse. Para esta atividade foi-lhes disponibilizado folhas brancas e cores de feltro e de pau.

No final das ilustrações constatámos de a grande parte desenhou as personagens principais sendo elas: o boi, o burro e a ovelha.

Observação das Atividades de Enriquecimento Curricular

Este ponto reflete a observação realizada sobre as atividades de complemento curricular que os alunos frequentam no turno inverso, neste caso turno da manhã, às aulas das áreas curriculares. Tendo em conta o Despacho da Ministra n.º 12591/2006 (2.ª série) refere que as atividades de enriquecimento curricular permitem apoiar os pais, como promovem o sucesso escolar futuro.

Para melhor compreender em que consistem estas atividades a OCP, define ser “Um conjunto de actividades não curriculares que se desenvolvem, predominantemente, para além do tempo lectivo dos alunos e que são de frequência facultativa” (ME, 2004, p.248).

Assim sendo, decidimos realizar uma pequena observação, de uma manhã, neste caso, com a finalidade de conhecermos um pouco melhor o funcionamento destas atividades, mais precisamente compreendermos como funciona e como está organizado este tempo escolar.

As áreas observadas foram o OTL (Ocupação de Tempos Livres), o Estudo Acompanhado e a Biblioteca.

Assim sendo, o OTL é caracterizado pelo tempo em que os alunos estão acompanhados por um docente, em que este os auxilia quer na resolução de exercícios ou no esclarecimento de dúvidas. Para além disso, as crianças realizam desenhos livres, contam adivinhas trazidas pelas próprias, com o intuito de promover debates, a fim de descobrirem a resposta correta sobre a adivinha.

Quanto ao Estudo Acompanhado, os alunos dirigem-se para uma sala, com uma professora em que esta apresentou, no quadro, um pequeno texto de Língua Portuguesa intitulado “Humberto e os abrunhos”, como também perguntas de interpretação e de gramática. Procederam à leitura e análise do texto a fim de os alunos compreenderem melhor para posteriormente responderem às questões colocadas. De facto, o Despacho n.º12591/2006 (2.ªsérie) diz que o tempo de estudo é destinado à realização de trabalhos de casa e de consolidação de aprendizagens.

Relativamente à Biblioteca, foram lembradas várias histórias alusivas à época natalícia que já tinham sido lidas anteriormente. Para que esta atividade fosse possível

foi necessário a professora da respetiva área, solicitar a participação dos alunos, com o intuito destes procederem ao reconto.

Importa referir que a muitos alunos apresentaram-se disponíveis em expor as ideias que ainda tinham sobre as histórias.

É de salientar que estas áreas são muito importantes pois permitem que os alunos possam permanecer ocupados e ao mesmo tempo possa aprender, recordar ou mesmo interiorizar conceitos. No nosso entender, estas disciplinas são importantes para os alunos, pelo facto de cada vez mais estes passarem mais tempo na escola, e para tal é necessário mantê-los ativos e ocupados.

Intervenção Educativa com a Família

Como já foi mencionado anteriormente a família possuiu um papel importante na educação das crianças desde que elas nascem. Neste sentido, não quisemos deixar de parte a colaboração dos pais no decorrer da nossa ação pedagógica,

Importa referir que devido ao pouco tempo que tivemos para efetuar o Estágio, solicitámos a colaboração dos pais, promovendo deste modo a interligação, escola e família.

Anteriormente foi referido que na disciplina de Expressão Plástica, a turma elaborou uma pequena atividade denominada “Os castelos”, em que foi pedido, a cada aluno, dois rolos de papel higiénico, pelo facto de serem necessários para a construção das torres. Neste sentido, os alunos teriam de pedir ajuda aos pais para que estes ajudassem a aguardar os tais rolos. É de salientar que a maioria dos alunos trouxe o material no dia solicitado.

As pesquisas feitas sobre o trabalho de projeto e das autoras dos textos lidos e os trabalhos de casa, também foram maneiras de envolver as famílias na aprendizagem dos

seus filhos sendo que através desta participação podem estar a par das atividades que estão a ser realizadas na escola.

Também foi notória a presença dos pais na festa de Natal, em que tiveram a oportunidade de escutar uma canção alusiva à época natalícia, sendo esta preparada por nós.

Por último, tivemos a ocasião de participar numa pequena reunião entre a professora cooperante e um encarregado de educação em que o assunto debatido era precisamente sobre a avaliação do seu educando que por sua vez adiantámos alguns pormenores acerca da aprendizagem e do comportamento do seu educado.

Assim sendo, os pais e a escola são os grandes pilares da educação das crianças, pois ambos seguem os mesmos objetivos e devem se apoiar mutuamente, atuando de modo coordenado (Martí, 1998). O mesmo autor acrescenta que embora o professor seja muito importante na formação da criança não pode nem deve substituir os pais, mas implicá-los nas tarefas educativas.

Intervenção Educativa com a Comunidade

Tal como na EPE a comunidade é um meio importante de partilha de ideias e de aprendizagens. No 1º CEB esse aspeto não é diferente, pois os alunos ao se relacionem com o meio envolvente através de experiências ou a partir do aproveitamento de informação faz com que aprendam e integram novos conceitos e descobertas (ME, 2004).

Neste sentido, procedemos à realização de uma intervenção educativa, em que permitia envolver toda a comunidade educativa, pais e a própria comunidade escolar. Esta intervenção partiu de um convite feito por uma das professoras da instituição

educativa, uma vez que esta pertence a um grupo de teatro amador sem fins lucrativos denominado “Séniore & Companhia no Teatro!”.

O referido grupo, nesse momento estava a preparar uma peça de teatro alusiva à época natalícia de nome “O Natal dos Animais”. Esta história relata o acontecimento do nascimento do menino Jesus, pelos animais, mais concretamente, o boi, o burro e a ovelha. No entanto, também surgem outras personagens que compõem o presépio como os anjos, o José, a Maria, os pastores e os reis magos.

A nossa participação nesta peça foi encarnar a personagem de uma pastora, mais precisamente, a lavadeira que vinha do alto da serra trazendo a roupa quentinha, fruto do trabalho. A entrada em cena acontecia logo após o nascimento do menino Jesus em que os pastores levavam os seus presentes.

Após vários ensaios chegou o 10 de dezembro, dia da estreia da respetiva peça ao público em geral. Contando com a estreia a peça foi apresentada cinco vezes e de entre essas cinco, duas delas foram dirigidas exclusivamente a todas as crianças e pessoal docente e não docente da Escola da Ladeira. As crianças, juntamente, com o pessoal adulto dirigiram-se até uma infraestrutura denominada de “Juventude Antoniana” que se localiza a cerca de 15 minutos, a pé, da escola.

Constatámos que as crianças, na sua generalidade gostaram muito da peça, devido aos diálogos realizados pelos animais, uma vez que algumas falas eram muito cómicas, fazendo com que as crianças expressassem grandes gargalhadas. Para além das crianças, também foi-nos informado que o público em geral achou muito interessante e humorística a peça.

Além da peça de teatro também preparámos os alunos tanto do 2ºA e do 4ºB, ou seja, as turmas em que as professoras estagiárias participaram na peça de teatro, para

cantarem e coreografarem a canção “A todos um bom Natal” como forma de finalizar a festa de Natal.

No nosso entender estas duas atividades correram muito bem, pois gostamos de participar na peça, como as próprias crianças adoraram a ideia de finalizar a festa de Natal cantado e desejando um bom Natal a todas as pessoas presentes.

Participação em Reuniões da Instituição Educativa

Durante a nossa passagem por esta instituição, tivemos a oportunidade de participar numa reunião de conselho escolar. Importa referir que este tipo de reunião são uma mais-valia, pois permite que todos os docentes das escolas possam estar reunidos à volta de uma mesa e expor os seus problemas e dúvidas de forma que todos juntos cheguem a uma conclusão.

Como acabámos de mencionar nesta reunião participaram todo o pessoal docente como também o diretor da instituição sendo este o elemento dinamizador da reunião.

Os principais pontos debatidos na referida reunião, foram, essencialmente informações referentes ao funcionamento e organização da escola, sobre o programa da festa de Natal e ainda sobre o Projeto Educativo de Escola e Plano Curricular de Turma. É de salientar que os últimos dois pontos referidos, nesta altura ainda se encontravam em fase de construção e para tal era necessário definir vários aspetos com todos os docentes da instituição educativa.

No nosso entender, esta reunião como todas as outras realizadas durante o ano letivo, são pontos de encontro entre os elementos da escola, pois muitas vezes não há outro momento de debate e de troca de ideias e sugestões senão este. Assim sendo, as

reuniões são importantes porque, existem debates sobre vários assuntos que fazem com que ensino escolar atinja níveis de sucesso escolar elevados.

Avaliação

Avaliação da turma.

Tal como aconteceu na EPE, realizámos uma avaliação geral de grupo, para o 1ºCEB também iremos fazê-lo, como sendo uma forma de constatar se realmente a turma alcançou os nossos objetivos.

Esta avaliação foi realizada de três formas sendo elas as fichas formativas que eram entregues no decorrer das aulas, aos respetivos alunos, como forma de consolidar os conteúdos apresentados; as fichas sumativas de Língua Portuguesa (Apêndice P), de Matemática (Apêndice Q) e de Estudo do Meio (Apêndice R) que se realizaram no final do período para verificar se efetivamente os alunos compreenderam os pontos do programa; a participação oral e interação entre professor/aluno e aluno/alunos referente aos temas abordados.

Assim sendo, as fichas formativas disponibilizadas tinham como principal objetivo verificar se os alunos compreenderam os conteúdos desenvolvidos nas três áreas curriculares. Importa deixar claro que estas fichas eram elaboradas por nós ou retiradas dos próprios manuais dos alunos e ainda de outras fontes, tais como manuais do 1º CEB do mesmo ano.

Tendo em conta Cardinet (1993) as fichas formativas caracterizam-se, por ser uma visão feita pelo professor ao aluno sobre o que este sabe no tempo presente, de modo a lhe poder dar uma resposta, com o intuito de o ajudar a corrigir ou ampliar a sua ideia, acerca do que foi estudado.

Por sua vez, o Despacho normativo, n.º1/2005, refere que a avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação no ensino básico e que adota um carácter contínuo e sistemático, visando regular o ensino e a aprendizagem dos alunos.

Passando às fichas sumativas, segundo a perspectiva de Cardinet (1993) dizem respeito à evolução individual, do aluno, no que concerne às aprendizagens adquiridas, como forma de verificar se alcançou os objetivos definidos no programa.

Relativamente, à participação oral foi desenvolvida ao longo das semanas de Estágio, pelo facto do diálogo ser um aspeto muito importante num contexto de ensino-aprendizagem, permite ser um momento que tanto o professor como o aluno se esforçam por compreender os pontos de vista um do outro (Cardinet, 1993).

Tendo em conta os pontos de avaliação referidos, pudemos avaliar na disciplina de Língua Portuguesa alguns aspetos como, a leitura, a escrita, a compreensão, a oralidade e o aproveitamento.

Assim, a nível da leitura verificámos que na generalidade as crianças apresentam dificuldades em proceder a uma leitura contínua, pois não articulam de forma correta as palavras, sendo necessário corrigi-las.

No que se refere à escrita, também têm algumas lacunas no modo como organizam as suas ideias e como redigem, sendo necessário chamar atenção para estes aspetos com o intuito de os melhorar.

Quanto à compreensão a turma apresenta algumas dificuldades, sendo este aspeto visível nos testes de avaliação, como também durante as aulas nos momentos de compreensão escrita. Para além disso também apresentaram lacunas na compreensão de alguns dos textos lidos.

No que concerne à oralidade foi possível apurar que muitas crianças não utilizavam a língua correta nos momentos de se expressarem levando a que nós

tentássemos corrigir através de uma forma discreta, com o intuito das crianças compreenderem que tinham se expressado mal.

Por fim, a nível do aproveitamento, nesta área, foi muito positivo, pois todos os alunos conseguiram alcançar a classificação positiva sendo a mais baixa de 51,15% e a mais alta foi de 93,3%.

Quanto à área da Matemática, também foi avaliado a capacidade de raciocínio, a interpretação de dados, a resolução de problemas e o aproveitamento.

No raciocínio, averiguámos que a grande maioria da turma consegue fazê-lo de forma rápida e correta. No entanto, importa mencionar que existem alunos que necessitam de mais apoio e de estratégias para chegarem ao resultado correto, como por exemplo utilização de materiais de forma a puderem concretizar o problema.

Relativamente à forma como os alunos interpretavam os enunciados tanto das fichas formativas como das fichas sumativas, é importante dizer que alguns alunos necessitam de auxílio para que através de uma leitura e interpretação mais atenta fossem registando os dados para posteriormente procederem à resolução do exercício.

Passando à resolução de problemas, constatámos que a grande maioria dos alunos não sabe as tabuadas, o que permitia a apresentar resultados incorretos. Perante esta situação, a estratégia utilizada foi solicitar que registassem no caderno diário ou na folha dos exercícios as tabuadas, como forma de facilitar a resolução da operação e obter um resultado correto.

No aproveitamento não foi apurado nenhuma negativa, sendo a classificação mais baixa de 53,2% e a mais alta de 100%.

Por fim na área do Estudo do Meio, foi avaliado o interesse, a participação e o conhecimento de alguns acontecimentos do passado nacional.

Importa referir que a turma apresentou-se muito interessada e participativa nas aulas de Estudo do Meio, devido a suscitar-lhes grande curiosidade em conhecer a história do nosso país.

Pudemos verificar em algumas aulas, que existiam alunos com alguns conhecimentos acerca da história, principalmente, uma criança natural do distrito de Leiria em que algumas vezes partilhava conhecimentos e vivências sobre determinados monumentos, como por exemplo o Mosteiro da Batalha, permitindo que as aulas decorressem de uma forma mais interessante e apelativa tanto para as crianças como para nós.

Quanto ao aproveitamento, contabilizamos uma negativa com 44, 595% e o valor mais elevado foi de 90,925%. Para além de ter sido verificado esta negativa as restantes notas, foram razoáveis, concluindo que de uma forma geral a turma também apresentou com bom aproveitamento nesta área.

Para além do que já foi mencionado, sobre esta disciplina, é pertinente referir que a turma até gostou de conhecer um pouco da História de Portugal, principalmente as batalhas que decorreram entre os portugueses e os espanhóis, pois afirmavam que nessa época as discórdias eram resolvidas através de guerras.

Como acabamos de verificar os resultados obtidos nas três áreas, referidas, a turma até que apresentou bons resultados, principalmente, os alunos que possuem dificuldades de aprendizagem, constatando deste modo que o auxílio prestado a cada um deles, durante as aulas, revelou-se positivo. É importante acrescentar que através de uma pequena conversa com a professora cooperante, relativamente à classificação das notas das fichas sumativas que os alunos conseguiram alcançar melhores notas nesta últimas fichas do que nas anteriormente, principalmente nas áreas da Matemática e do Estudo do Meio.

Também gostaríamos de mencionar, ainda que na área de Expressão Plástica, evidenciamos um vasto interesse e vontade de realizar as atividades proferidas, pois aquando do seu anúncio ficaram muito eufóricos que até à sua imaginação e criatividade surgiu de uma forma livre e autónoma, sento este aspeto visível no final das suas produções.

Importa dizer que a nível da forma de trabalharem em grupo, mais concretamente na maneira de exporem a suas ideias e de partilharem materiais, foram observáveis pequenos conflitos pelo facto de ainda não terem interiorizado minimamente algumas regras de trabalhar em grupo.

No que se refere ao manuseamento dos materiais, tais como, a tesoura, cola e cores, conseguem fazê-lo de maneira correta, não sendo necessário chamar a atenção para melhorarem o seu comportamento neste sentido.

Em remate final, a turma é muito participativa e interessada em quer saber mais sobre os conteúdos que estão a ser abordados apresentado questões e dúvidas, fazendo com que a turma muitas vezes ficasse um pouco faladora, dispersando-se um pouco do tema que estava a ser trabalhado.

Tal como foi referido no ponto Intervenção Educativa, a turma de forma geral apresenta-se um pouco dividida, pelo facto de existirem dois grupos, os que possuem um raciocínio e uma compreensão mais rápida, enquanto outros é necessário persistir utilizando estratégias diferentes para que conseguir compreender os conteúdos.

Perante as atividades realizadas no decorrer do Estágio, achamos que as crianças demonstravam mais interesse em realizar exercícios relacionados com a área da Matemática do que propriamente com Estudo do Meio e com a Língua Portuguesa, pois mencionavam que era uma disciplina mais prática, entanto as outras eram um pouco mais teóricas.

Nesta linha de ideias, alterámos um pouco a dinâmica das aulas dessas duas disciplinas, através do desenvolvimento de atividades mais práticas, tais como a criação de um poema a partir de novas rimas, permitindo deste modo desenvolver um o raciocínio; pesquisar sobre as autoras dos textos lidos; a elaboração de um trabalho de projeto referente aos Reis de Portugal e manusear materiais lúdicos-pedagógicos.

Um dos pontos fracos, que podemos verificar e confirmar com a professora cooperante, relativamente à turma é a forma como os alunos trabalham em grupo, pois não sabem respeitar as regras de cooperação, uma vez que não cumprem com as tarefas que lhes são inculcadas e não possuem sentido de responsabilidade. Atendendo a esta situação e quando era conveniente realizávamos atividades deste género para que os alunos interiorizem as regras de como devem trabalhar em grupo.

Contudo, a respetiva turma até se apresenta muito bem a nível de aprendizagem, pois conseguem captar a informação transmitida com alguma facilidade, refletindo deste modo nos resultados alcançados.

Reflexão Final

Como reflexão final da respetiva vertente, gostaríamos de refletir sobre alguns assuntos, mais precisamente acerca das dificuldades sentidas e conquistas alcançadas, durante esta pequena ação pedagógica.

Assim, as dificuldades sentidas durante esta intervenção foram controlar o tempo nos momentos de transmissão dos conhecimentos; encontrar vocabulário adequado para expressar os conteúdos de forma compreensível e ainda algumas dificuldades em escrever no quadro.

No que diz respeito ao controlo do tempo, foi uma das mais dificuldades pelo facto de muitas algumas vezes estarmos em desenvolver atividades ou mesmo a expor

conteúdos em conta relógio, pois o tempo na sala de aula passa muito rápido. Tendo em conta Richard Arends (1995) o tempo no ensino é importante, pois é considerado algumas vezes um recurso crítico que através da combinação de outros recursos produz a aprendizagem dos alunos. Acrescenta que existem formas mais ou menos eficientes e tempos mais ou menos eficazes, isto deve-se ao facto do professor apresentar um tema no tempo mínimo e poder ter sido eficiente, mas por outro lado os alunos não aprenderem e o professor não ter sido eficaz.

Tendo em conta as palavras do autor, um dos nossos lemas era precisamente os alunos compreenderem os conteúdos que estavam a ser tratados, na aula, da melhor forma do que transmiti-los apressadamente e no final os alunos não terem compreendido nada constatando deste modo termos perdido tempo em vez de ganhar.

Esta situação foi visível logo na primeira semana de intervenção devido a não estarmos habitados à turma, às suas rotinas e também por querermos que os alunos compreendessem e interiorizassem os conteúdos que lhes transmitíamos, alongado mais o tempo e não conseguindo deste modo cumprir, na totalidade, com a planificação essa semana.

No que concerne ao vocabulário adequado, importa mencionar que em algumas situações sentimos dificuldades em encontrar as palavras certas para transmitir os conteúdos de forma compreensível, uma vez que alguns vocábulos as crianças não percebiam o que estávamos a dizer. Neste sentido, teríamos de encontrar outros sinónimos mais simples de forma a compreenderem.

No entanto, no que se refere ao assunto mencionado importa adiantar a evidência de que um vocabulário diversificado e rico, transmitido pelo professor, permite que os alunos adquiram e desenvolvam uma sua expressão oral e escrita.

A dificuldade sentida em escrever no quadro deve-se, ao facto de não estarmos acostumados ao giz e ao quadro de ardósia o que dificultava, algumas vezes, apresentar as letras da melhor forma, gerando deste modo questões como: “Que letra é aquela?” ou “Não estou a compreender muito bem aquela palavra?”. Diante, destas situações corrigíamos de maneira a que toda a turma entendesse o que queríamos transmitir.

Passando às conquistas alcançadas, temos por exemplo o interesse e a participação dos alunos e ainda um aproveitamento positivo nos testes.

Assim o interesse e a participação foram dois objetivos muito importantes, pelo facto de toda a nossa intervenção estar baseada nestes aspetos, pois eram a base principal para que esta prática decorresse da melhor forma, porque se os alunos não apresentassem interesse e não participassem tudo o nosso esforço não valia a pena. Contudo, esta situação foi visível pois todas as atividades desenvolvidas, a turma apresentou-se disposta e disponível a participar.

Em suma, toda esta intervenção foi positiva porque fez-nos pensar o quanto é importante a profissão docente, principalmente no que diz respeito aos elementos essenciais defendidos por Maria do Céu Roldão no ponto Profissão docente, em que o docente tem a função de ensinar, tem a obrigação de saber conhecimento mais específico, tem o poder de controlar toda a sua ação e o dever de refletir sobre a sua prática. Estes quatro elementos foram a base de nossa ação, para que esta decorresse da melhor forma.

Conclusão

Ao findar este Relatório de Estágio, podemos concluir que foram duzentas horas de trabalho, de aprendizagens e de experiências diversificadas e enriquecedoras, pelo que participamos e desenvolvemos atividades próprias de um profissional de educação de infância e de um professor de 1º CEB.

Após a leitura atenta a todo o relatório é possível constatar que existiu um grande desempenho e dedicação incondicional para que toda a prática fosse desenvolvida, da melhor forma, com o intuito das crianças pudessem aprender e adquirir conhecimentos, competências e habilidades.

Como foi abordado no presente relatório a intervenção pedagógica destas duas vertentes decorreram um pouco diferente, principalmente, devido à sua organização, sendo que na EPE a grande maioria das atividades foram baseadas tendo em conta um conjunto de orientações implementadas pelo ME, bem como através das necessidades e dos interesses das crianças.

Todavia, no 1º CEB a ação já foi um pouco diferente pelo facto das nossas atividades seguirem um programa delineado pelo mesmo autor que definiu as orientações para a EPE onde consta vários conteúdos que têm de ser lecionado até ao final do ano letivo.

Perante estas diferenças, concluímos que estas valências possuem regras um pouco diferentes, pois enquanto na EPE é apenas seguir orientações, no 1º CEB é necessário seguir com mais rigor, pelo facto de possuírem um programa e terem de o cumprir. Contudo, estes dois níveis de ensino seguem o mesmo rumo sendo que os seus principais objetivos gerais são promover o sucesso escolar e formar cidadãos com conhecimento académico, social e cultural.

Quanto à importância da elaboração deste relatório de Estágio, no nosso ver é uma maneira de espelhar as atividades desenvolvidas, os objetivos, as dificuldades e as conquistas, que foram ultrapassadas e conseguidas através desta longa caminhada. Importa dizer que este percurso, por vezes foi um pouco difícil devido aos obstáculos que nos faziam parar limitando neste sentido a nossa prática. Por outro lado estas dificuldades faziam com que se abrissem novos caminhos permitindo deste modo encontrar novas estratégias para pudermos continuar a desenvolver uma prática com sucesso.

Assim sendo, a grande dificuldade que sentimos, mais precisamente numa fase inicial, foi sermos responsáveis pelo um grupo de crianças em EPE, pois era a primeira vez que este facto acontecia ao longo desta caminhada académica. Contudo, esta experiência foi uma mais-valia, porque pudemos sentir na “pele” a responsabilidade de observámos, de planeámos, de agirmos e de refletirmos sobre tudo o que acontecia com o intuito de realizar uma intervenção com rigor e eficiência, para que posteriormente fosse possível verificar resultados positivos.

Note-se que o 1º CEB, esse medo já não era tão visível, pelo facto de já termos efetuado uma prática um pouco idêntica. No entanto foi a primeira vez que lecionamos um nível escolar tão alto, o 4ºano, o que nos levou a adquirir mais conhecimentos nas respectivas áreas abordadas, pois cada vez mais os alunos têm acesso mais rápido à informação, seja através de diálogos, de documentos e ainda através das novas tecnologias da informação.

Importa referir que alguns dos conhecimentos científicos que nós possuíamos deve-se ao facto de termos tido ótimos docentes durante a Licenciatura como no Mestrado que nos esclareceram e transmitiram boas informações, o que veio facilitar diversas vezes as nossas intervenções. A título de exemplo, na área de Estudo do Meio,

como já foi expresso abordamos o tema “História de Portugal”, o que nos permitia conhecer vários aspetos e situações que estavam ao seu redor do tema. A transmissão do tema foi mais fácil pois nos dois Ciclos de ensino tivemos unidades curriculares, como Estudo do Meio II, III e ainda História de Portugal que nos prepararam, reavivaram, esclareceram vários pontos sobre o nosso passado nacional.

Todavia, existiram momentos positivos, nestas duas valências, nomeadamente, na EPE quando algumas crianças, da sala das estrelinhas, já conseguiam escrever o seu nome sem a utilização do cartão e no 1º CEB em que se verificamos resultados positivos nas fichas sumativas, comparativamente aos resultados anteriormente obtidos. Estas duas situações foram aquelas que mais nos marcaram devido ao nosso trabalho estar a dar frutos muito positivos.

Saliente-se que este relatório para além de relatar os aspetos acabados de referir também tem o objetivo divulgar as atividades a toda a comunidade em geral, e em particular aos profissionais da área de ciências da educação com o intuito de retirarem ideias e sugestões para posteriormente, se for o seu desejo, desenvolvê-las em outros contextos educativos.

Note-se que este Estágio fez-nos pensar o quanto é importante a profissão docente, pois através dela estamos constantemente a aprender tanto com as mudanças que surgem no ensino e também como as próprias crianças e comunidade educativa.

Para além disso, este Estágio foi uma forma de colocar em prática algumas partes da teoria que nos foi transmitida ao longo destes anos académicos, o que nos facilitou em certos aspetos da nossa intervenção pedagógica.

No entanto, tivemos muito pouco tempo para colocar em prática certos assuntos apreendidos, sendo que em diversas ocasiões pensávamos em implementar novas

métodos, mais sentimos um pouco de receio em fazê-lo devido ao tempo limitado e também porque não queríamos alterar a dinâmica ou mesmo as rotinas da sala.

Para finalizar gostaríamos de deixar bem patente que esta intervenção abriu novos horizontes, pelo facto de vivenciarmos várias experiências nos dois níveis de ensino foi nos permite compreender a forte ligação que existe entre ambas.

Referências

Livros

- Abrantes, P. Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Lisboa: Departamento da Educação Básica;
- Alarcão, I (2010). *Professores Reflexivos em uma escola reflexiva*. 7ª edição. Brasil: Cortez.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Editora McGRAW-HILL de Portugal, Lda.
- Bertram, T. & Pascal, C. (2009). *Desenvolvendo a qualidade em parcerias*. Ministério da Educação, Direção de Inovação e de Desenvolvimento Curricular;
- Brazelton, T. & Sparrow, D.(2010). *A criança dos 3 aos 6 anos – o desenvolvimento emocional e do comportamento*. (5ªedição). Lisboa: Editorial Presença;
- Cardinet, J.(1993). *Avaliar é medir? – Coleção Práticas Pedagógicas* (1ª edição). Edições Asa.
- Delors, J., (coord.) (1996). *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Ministério da Educação e Desporto. Porto: Asa
- Evans, R. (1980). *Jean Piaget - O homem e suas ideias*. Rio de Janeiro: Forense Universitária LTDA.
- Fino, C. N. & Sousa, J. M. (2003). *Alterar o currículo: mudar a identidade*. In *Revista de Estudos Curriculares*. 1(2), 233-250. Braga: Universidade do Minho;
- Grave-Resendes, L & J. Soares (2002). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Hohmann, M. & Post, I. (2003). *Educação de Bebés em Infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;

- Hohmann, M. & Weikart, D.(2009). *Educar a Criança*. (5ªedição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Katz, L. & Chard, S. (1997). *A abordagem de projecto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Katz, L. Ruivo, J. Silva, M. & Vasconcelos, T.(1998). *Qualidade e projecto na educação pré-escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar; Disponível em: http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/371/qualidade_projecto.pdf;
- Leite, E. Malpique, M. & Santos, M. (1989). *Trabalho de Projecto*. Porto: Afrontamento;
- Many, E.& Guimarães, S. (2006). *Como abordar... A Metodologia de Trabalho de Projecto*. Porto: Areal;
- Martí, J. (1998). *Programa de formação de educadores*. Lisboa: Oceano-Liarte Editores, S.A;
- Matta, I. (2001). *Psicologia do desenvolvimento e da Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-escolar;
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico 1.ºciclo*. 4ª Edição. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar;
- Ministério da Educação (2007). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica;

- Niza, S. (1996). Necessidades especiais de educação: Da exclusão à inclusão na escola comum. *Inovação*, 9, 139-149;
- Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Inovação*, 11, 77-98;
- Nóvoa, A. (1997). *Os professores e a sua formação*. (3ª edição). Lisboa: Publicações Dom Quixote - Instituto de Inovação Educacional;
- Oliveira-Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia - em – Participação*. Porto: Porto Editora;
- Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed;
- Portugal, G.& Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar*. Porto: Porto Editora;
- Roldão, M.(1999). *Os professores e a Gestão do Currículo*. Porto: Porto Editora;
- Schiller, P. & Rossano, J. (1990). *Guia Curricular*. Lisboa. Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos;
- Serra, C. (2004). *Currículo na educação pré-escolar e articulação curricular com o 1º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora (39-62);
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R.(1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGRAW-HILL de Portugal, Lda;
- Vieira, R. & Vieira, C. (2005). *Estratégias de Ensino/Aprendizagem*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos;

Sites Consultados

- Moita, M., Sousa, A., Marques, A., Batalha, A., Folque, A., Espadinha, A., Duarte, L., Seixas, C., Dias, I., Marques C., Gil, I., Conceição, R., & Vilhena, G. (s.d).

- Carta de princípios dos associados da APEI para a tomada de decisão eticamente situada*. Disponível em <http://apei.no.sapo.pt/CEICOR.pdf>;
- Easton, F. (1997). Educating the Whole Child, “Head, Heart, and Hands”: Learning From the Waldorf Experience. *Theory into Practice*, 36 (2), 87-94. Adquirido em: <http://www.jstor.org/pss/1477378>;
- Ferreira, F. (2001). *Proposta de Fernando Ferreira*. Adquirido em: <http://www.porto.ucp.pt/anpri/anpri-soc/Fora/tecnologia/tec.htm>;
- Fontes, C. (s/d.). *Métodos: Métodos Pedagógicos*. Adquirido em: <http://formar.do.sapo.pt/page4.html>;
- Gomes, A. A. (2008). *VI Congresso português de sociologia - Mundos sociais: saberes e práticas*. Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa. Adquirido em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/590.pdf>;
- High/Scope Educational Research Foundation. (s.d.). *The High/Scope K-3 Curriculum: A Developmentally Appropriate Approach that will Work in Your School*. Adquirido em: <http://www.highscope.org/file/educationalprograms/elementary/k-3factsheet.pdf>;
- Ministério da Educação (2000). *A Educação Pré-Escolar e os Cuidados para a Infância em Portugal*. Lisboa: Departamento da Educação Básica. Disponível em: http://www.oei.es/inicial/articulos/educacao_preescolar_portugal1.pdf;
- Ministério da Educação (2007). *Novo Programa de Matemática do Ensino Básico*. Disponível em: <http://sitio.dgidec.minedu.pt/matematica/Documents/ProgramaMatematica.pdf>
- Ministério da Educação (2010). *Metas da Aprendizagem*. Disponível em: <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/>

Silva, M. (2008). O valor do conhecimento gramatical no ensino-aprendizagem da língua. *Saber (e) educar*, 13, 89-106. Disponível em:
http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/158/SeE_13ValorConhecimen to.pdf?sequence=1

Legislação

Decreto-Lei n.º286/89, de 29 de agosto. (1989). Estrutura Curricular. Disponível em:
<http://www.csdoroteia.edu.pt/legis/sec/dl286-89.pdf>;

Decreto-Lei n.º344/89 de 11 de Outubro. Disponível em:
<http://www.spn.pt/?aba=27&cat=17&doc=380&mid=115>;

Decreto-Lei n.º241/2001 de 30 de agosto. (2001). Estabelece o regime da escolaridade obrigatória para as crianças e jovens que se encontram em idade escolar e consagra a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade. Disponível em:
<http://www.madeiraedu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=hfFQhspkxK0%3D&tabid=1787&language=pt-PT>;

Despacho Normativo n.º 1/2005 de 5 de janeiro. (2005). Disponível em:
<http://www.spn.pt/?aba=27&mid=115&cat=6&doc=729>

Despacho n.º12591/2006 (2.ª série). Disponível em:
http://www.confap.pt/docs/Despacho_12591_2006.pdf;

Despacho n.º32081/2008 de 16 de dezembro. (2008). Disponível em:
<http://www.uma.pt/portal/html/noticias/748/5030850310.pdf>

Lei n.º85/2009 de 27 de agosto. (2009). Disponível em
<http://dre.pt/pdf1s/2009/08/16600/0563505636.pdf>

Lei n.º5/97 de 10 de fevereiro. Lei-Quadro para a Educação Pré-Escolar. (1997).

Disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034a00/06700673.PDF>;

Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto. (2005). Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema

Educativo e primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino

Superior. Disponível em: http://www.utl.pt/admin/docs/69_lei492005.pdf;

Apêndices

Apêndice A – Grelha de planificação do “Corpo Humano”

Centro de Competência de Ciências Sociais
 2º Ciclo – Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
 Estágio
 1º Semestre 2011/2012
Planificação Semanal – 03/10/2011 a 07/10/2011 – “Corpo Humano”

Instituição Educativa: Escola Básica do 1ºciclo com Pré-Escolar da Nazaré

Sala: Estrelinhas

Idades das crianças: 4 a 6 anos

Supervisora Pedagógica: Conceição Sousa

Orientadora Cooperante: Graça Silva

Aluna Estagiária: Sofia Rocha

Áreas de Conteúdo	Competências Específicas	Atividades/Estratégias	Recursos	Observações
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área da expressão e comunicação</p> <p>- Domínio da expressão musical</p> <p>- Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita</p>	<p>A criança é capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar a si e ao outro. - Permanecer atento e em silêncio. - Respeitar as regras do jogo. - Apresentar as suas ideias, sugestões e críticas. <p>- Cantar, ouvir a canção do início ao fim.</p> <p>- Acompanhar a canção com gestos.</p> <p>- Articular corretamente palavras.</p> <p>- Manter um diálogo.</p> <p>- Recordar e expressar situações vividas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Rotinas diárias. - Diálogos individuais e em grupo. - Atribuição de tarefas. - Planificação em conjunto das atividades. - Avaliação /reflexões das atividades. - Resolução de problemas. <p>- Aprendizagem da canção – “Cabeça, ombros, joelhos e pés”.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diálogos em grande grupo sobre temas como o Corpo Humano e as vivências do feriado 5 de Outubro etc. - Discussão sobre os materiais a utilizar na decoração dos puzzles. - Legendar os puzzles, com cartões, (cabeça, ombro, joelho, 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Crianças - Educadora Cooperante - Educadora Estagiária - Assistente Operacional <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - CD, Rádio, lenços de tecido, puzzle (menino/menina), cola UHU, tecidos, olhos de fantoche, lã, papel de lustro, cores de pau, cores de feltro, papel de feltro, papel de seda, arcos, testemunhos, cartões (legenda), pionés, folhas brancas A4, tintas de guache e cotonetes. <p>Físicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sala de atividades. - Pátio da escola. 	<p>As atividades realizadas durante esta semana correram bem, pois o grupo, de uma forma geral, demonstrou-se muito inteirado e participativo, principalmente nas atividades da decoração dos puzzles e na pintura com o cotonete.</p> <p>No meu ponto de vista, o grupo apresentou sugestões muito interessantes para a decoração dos puzzles, como por exemplo colocar baton nos lábios de um menino e depois realizar a carimbagem no local correto.</p> <p>No que se refere à atividade do cotonete, esta não correu da melhor forma, pelo facto de cada criança possuir um cotonete e começar a misturar as cores que se encontravam em recipientes. Para além da mistura das cores também não conseguiram realizar a atividade</p>

<p>- Domínio da expressão plástica</p> <p>- Domínio da matemática</p> <p>- Domínio da expressão motora</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>- Utilizar materiais plásticos corretamente.</p> <p>- Expressar a sua criatividade e imaginação nas suas produções.</p> <p>- Realizar atividades com técnicas diferentes.</p> <p>- Unir as peças e formar os puzzles.</p> <p>- Reconhecer as várias dimensões das peças dos puzzles.</p> <p>-Entregar corretamente, o objeto, ao colega.</p> <p>- Saltar, correr e pular.</p> <p>- Identificar e localizar as diferentes partes do seu corpo e a sua identidade sexual.</p>	<p>pé etc.).</p> <p>- Diálogo e registo sobre as : que gostaram, que não gostaram e o que aprenderam.</p> <p>- Decorar os puzzles utilizando os materiais escolhidos.</p> <p>- Desenho da atividade preferida – utilizar a técnica do cotonete.</p> <p>- Construção de dois puzzles (menino e menina).</p> <p>- Sessão de Relaxamento</p> <p>- Jogos lúdicos: “Jogo do testemunho” e o “Jogo do lenço”.</p> <p>- Construção, decoração e discussão dos puzzles (menino e menina)</p>	<p>pretendia, ou seja, desenhar a atividade preferida, pois o que se limitaram a fazer foi pintar a folha utilizando as várias tintas, concluindo deste modo que as crianças, ainda, se encontram na etapa do desejo explorar e pintar. No que se refere à aprendizagem da canção as crianças memorizaram rápido a letra bem como os seus gestos.</p> <p>Relativamente à construção dos puzzles algumas crianças sentiram dificuldades em unir as peças, sendo necessário prestar-lhes auxílio. Quanto à forma como as crianças comunicam, tanto em grande e pequeno grupo, foram visíveis dificuldades na articulação de algumas palavras.</p> <p>Já nos jogos lúdicos o grupo participou com grande entusiasmo, que até sugeriram novas jogadas.</p>
--	--	--	--

Referências

Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar. Disponível em: <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/>

Música: “Cabeça, ombros, joelhos e pés”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DfDF1bAzD4o>

Centro de Competência de Ciências Sociais
2º Ciclo – Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
Estágio
1º Semestre 2011/2012
Planificação Semanal – 10/10/2011 a 13/10/2011 – “Alimentação”

Instituição Educativa: Escola Básica do 1ºciclo com Pré- Escolar da Nazaré

Sala: Estrelinhas

Idades das crianças: 4 a 6 anos

Supervisora Pedagógica: Conceição Sousa

Orientadora Cooperante: Graça Silva

Aluna Estagiária: Sofia Rocha

Áreas de Conteúdo	Competências Específicas	Atividades/Estratégias	Recursos	Observações
Formação pessoal e social Área da expressão e comunicação -Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita - Domínio da expressão plástica	A criança deve ser capaz de: - Respeitar as regras do tapete. - Tomar decisões, por si próprias. - Ajudar os colegas nas Atividades. - Estarem atentas e em silêncio. - Cumprir as tarefas que lhe são confiadas. - Contar vivências do seu quotidiano. - Manter um diálogo articulando corretamente as palavras. - Narrar os principais acontecimentos ocorridos na história. - Copiar o seu nome. - Desenhar o seu esquema corporal, apresentando elementos que o caracterizam.	- Rotinas diárias. - Discussões individuais e em grupo. - Planificação em conjunto de Atividades a desenvolver – debate e negociação. - Resolução de conflitos. - Diálogos coletivos sobre a temática abordada e vivências do quotidiano. - Conto e reconto da História: “A aventura dos alimentos”. -Construção: “Quadro dos nomes” (autoretrato de cada criança e reprodução do seu nome).	Humanos: - Crianças. -Educadora cooperante. - Educadora estagiária. -Assistente operacional Materiais: -Rádio CD, folhas brancas A4, cores de pau, cores de feltro, cartolina, papel autocolante e velcro (cartaz), história “A aventura dos alimentos”, computador, projetor, moldes de frutas, imagem da roda dos alimentos, pionés, liquidificadora, facas, sumo, taças, copos e colheres. Físicos: Sala de Atividades	O grupo continua a apresentar dificuldades na articulação de palavras e na construção de frases. No que concerne à leitura da história, o grupo estava muito irrequieto demonstrando falta de atenção. No que concerne à ilustração do autoretrato, verifiquei que algumas crianças já conseguem desenhar o seu corpo com alguns pormenores, como por exemplo sobranceiras. No entanto ainda existem crianças que continuam a apresentar lacunas em representar os membros superiores nos locais corretos. Já na escrita do seu nome, existem crianças que têm muitas dificuldades em copiar, não sendo compreensível o seu nome após a cópia. Já na confeção do batido de

<p>- Domínio da expressão musical</p> <p>- Domínio da matemática</p> <p>Conhecimento do mundo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pegar corretamente no lápis. - Pintar os frutos com a cor correspondente. - Manusear adequadamente os materiais plásticos. - Memorizar a letra da canção. - Acompanhar a canção com gestos. - Contar a quantidade necessária de cada ingrediente. - Conhecer diferentes frutas. - Identificar os alimentos necessários para a confecção de uma salada de fruta e de um batido de banana. 	<ul style="list-style-type: none"> - Contorno e pintura da fruta preferida (moldes de várias frutas). - Aprendizagem da canção dos bons dias “É dia de novo outra vez”. - Batimentos rítmicos. - Confeção do Batido de Banana e da Salada de Fruta. - Contactar directamente com frutas. - Confecionar o Batido de Banana e a Salada de Fruta. 		<p>banana e da salada de fruta é importante salientar que todos os pais participaram na entrega de uma peça de fruta. Para além dos pais, também o grupo demonstrou-se inteirado em cortar e picar as frutas. Relativamente ao comportamento há crianças que não conseguem cumprir as regras estabelecidas.</p>
<p>Nota: Para a confecção do batido de banana e da salada de fruta será solicitado a colaboração, dos encarregados de educação, na entrega de uma peça de fruta.</p>				

Referências

- Faria, C. Oliveira, R. Esmeraldo, T. São Marcos. T (2004). *A Aventura dos Alimentos*. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais - Direção Regional de Planeamento e Saúde Pública.
- Schiller, P. & Rossano, J. (1990). *Guia Curricular*. Lisboa. Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos.

Música: CD – Cantarolando faixa 1.

Vídeo: Fernandes, D. (2011). “Roda dos Alimentos”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LQCHTV8Wkyc&feature=related>

Receita do Batido de Banana: (s/a). (s/d). “Batido de banana”. Disponível em: <http://batidos.blogspot.com/>

Apêndice C – Grelha de planificação da “Alimentação e Outono”

Centro de Competência de Ciências Sociais
 2º Ciclo – Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
 Estágio
 1º Semestre 2011/2012
Planificação Semanal – 17/10/2011 a 21/10/2011 – “Alimentação e Outono”

Instituição Educativa: Escola Básica do 1º ciclo com Pré- Escolar da Nazaré

Sala: Estrelinhas

Idades das crianças: 4 a 6 anos

Supervisora Pedagógica: Conceição Sousa

Orientadora Cooperante: Graça Silva

Aluna Estagiária: Sofia Rocha

Área de Conteúdo	Competências específicas	Atividades/Estratégias	Recursos	Observações
Formação Pessoal e Social Área da expressão e comunicação -Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita - Domínio da expressão plástica	A criança deve ser capaz de: - Estarem atentas e em silêncio. - Respeitarem-se e aos outros. - Cumprir as tarefas que lhe são confiadas. - Tomar decisões por si próprias e em grupo. - Prestar cuidados aos animais. - Partilhar frutas. -Utilizar vocabulário diversificado, durante os diálogos. -Partilhar informações através de frases coerentes. -Distinguir letras de números. - Utilizar corretamente a cola e o pincel na colagem das imagens.	- Rotinas diárias. - Diálogos individuais e coletivos. - Atribuição de tarefas. - Confronto de opiniões e resolução de conflitos. - Planificação, em conjunto, de atividades a desenvolver. - Partilha das frutas com a “Sala das Borboletas”. - Diálogos Coletivos e individuais sobre os alimentos e o outono. - Registo do Batido de Banana e Salada de Fruta. - Construção da roda dos alimentos – utilizar imagens. -Elaboração do pequeno-almoço - utilizar imagens.	Recursos Humanos: - Crianças. - Educadora cooperante. - Educadora estagiária. - Assistente operacional Recursos Materiais: -Frutas, Rádio CD, cores de pau, cores de feltro, cartolina de registo das receitas, cartolina de registo das ideias das crianças sobre o outono, revistas, tesouras, papel de cenário, castanhas, nozes, pero e respetivos galhos, romã, dióspiro, mango, imagem de um cesto, papel de lustro, tecido, cola, pionés, cartolina, poema.	O grupo aceitou partilhar as restantes frutas com a sala ao lado, não apresentando qualquer contradição. A grande maioria não conhecia a roda dos alimentos demonstrando assim algumas dificuldades em a compreender e interiorizar alguns grupos. Quanto à construção do pequeno-almoço, todos o elaboraram. Contudo algumas crianças foram “enganadas”, pelo facto de terem sido colocados alimentos intrusos, como por exemplo o sumo e carne e as crianças não prestaram atenção e colocaram. No manuseamento de materiais algumas crianças possuem dificuldades em utilizar corretamente a tesoura e a cola nas atividades. O grupo apresenta lacunas na organização e na concentração dos jogos, sendo necessário estar a chamar a atenção para ouvirem as explicações.

VIII

<p>- Domínio da expressão musical.</p> <p>- Domínio da expressão motora</p> <p>- Domínio da expressão dramática</p> <p>- Domínio da matemática</p> <p>Conhecimento do Mundo</p>	<p>- Decorar corretamente as frutas. - Manusear adequadamente diversos materiais. - Criativas e imaginativas nas suas produções.</p> <p>- Memorizar a letra a cantá-la. - Ouvir e acompanhar com gestos e batimentos.</p> <p>- Levantar, correr, saltar e pular.</p> <p>- Mimar os elementos da natureza e outros.</p> <p>- Identificar o número de grupos que constitui a roda dos alimentos.</p> <p>- Reconhecer a estação do ano e as suas alterações. - Conhecer as outras estações do ano. - Reconhecer os frutos da época. - Contacto direto com a Natureza.</p>	<p>- Construção do Cesto de frutas do outono (decoreção do cesto e de frutas).</p> <p>- Aprendizagem da canção “Quando chega o outono”. - Movimentos rítmicos.</p> <p>- Jogo “Salada de Fruta”.</p> <p>- Jogo de Movimentos – mimar uma semente, vento, chuva etc.</p> <p>- Divisão dos grupos da roda dos alimentos.</p> <p>- Conhecer as ideias das crianças sobre o outono. - Apresentação das árvores e frutos do outono através de imagens e galhos das respetivas árvores.</p>	<p>Contudo conseguiram correr, saltar e mimar vários elementos da natureza entre outros.</p> <p>Quando à coordenação dos movimentos rítmicos não conseguem repeti-los apresentando-se descoordenados.</p> <p>As suas ideias prévias sobre o outono estão bem adquiridas, pois expressam as principais mudanças que ocorrem nesta época.</p> <p>Aquando da apresentação dos frutos da época, o grupo não conseguiu identificar a romã nem o dióspiro.</p> <p>No que se refere às regras de comportamento, algumas crianças possuem péssimos comportamentos no tapete e no comboio, sendo obrigadas a mudar de sítio.</p>
--	--	--	---

Referências

Roda dos alimentos. (s.a). (s.d).Disponível em: http://www.gastronomias.com/roda-alimentos/roda_Alimentos.pdf

Música: CD – Estações do ano - faixa

Apêndice D – Grelha de planificação o “Continuação do Outono”

Centro de Competência de Ciências Sociais
2º Ciclo – Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
Estágio
1º Semestre 2011/2012

Planificação Semanal – 24/10/2011 a 27/10/2011 – “ Continuação do Outono”

Instituição Educativa: Escola Básica do 1ºciclo com Pré- Escolar da Nazaré

Sala: Estrelinhas

Idades das crianças: 4 a 6 anos

Supervisora Pedagógica: Conceição Sousa

Orientadora Cooperante: Graça Silva

Aluna Estagiária: Sofia Rocha

Área de Conteúdo	Competências Específicas	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>Formação Pessoal e Social</p> <p>A criança deve ser capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar a si e aos outros. - Cumprir as regras de comportamento. - Tomar decisões por si próprio e em grupo. - Prestar cuidados aos animais. - Sair ao exterior e respeitar as regras expressas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Manter um diálogo e articular, correctamente, as palavras. - Expressar o principal assunto do poema. - Descrever imagens. 	<ul style="list-style-type: none"> - Rotinas diárias. - Diálogos colectivos e individuais. - Resolução de conflitos. - Planificação, de atividades em conjunto. - Atribuição de tarefas. 	<p>Recursos Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Crianças. - Educadora cooperante. - Educadora estagiária. - Assistente operacional - PSP (polícias) <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Poema “ O outono chegou”, folhas diversas, imagem de uma árvore, tecido, cartolina branca, cores de pau, cores filtro, cola, tesouras, pionés, lápis, folhas A4 e imagens de polícia. <p>Físicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sala de atividades - Exterior da escola. - PSP 	<p>A recolha das folhas ao exterior da sala não foi possível devido às péssimas condições climáticas que se fazia sentir.</p> <p>As crianças concluíram que as folhas não são todas iguais, quer na forma, na cor e no tamanho.</p> <p>Na decoração da janela do outono, foram colocadas imensas folhas pelas crianças sendo folhas grandes, médias, pequenas e de várias cores.</p> <p>Relativamente ao momento de diálogo sobre a polícia, constatei que algumas crianças já possuem algumas ideias das funções dos polícias como por exemplo matar e prender pessoas.</p> <p>A visita de estudo correu bem, o grupo apresentou-se muito</p>
<p>Área da expressão e comunicação</p> <p>-Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p>		<ul style="list-style-type: none"> -Conversas coletivas e individuais. -Leitura e discussão do poema: “O outono chegou”. - Registo das ideias das crianças sobre os polícias. -Apresentação e discussão de imagens referentes aos polícias. -Registo de uma frase sobre a polícia. 		

<p>- Domínio da expressão plástica</p> <p>Conhecimento do Mundo</p>	<p>- Utilizar a cor correta para identificar elementos da natureza.</p> <p>- Pegar corretamente nos materiais plásticos.</p> <p>- Desenhar o que expressa a frase.</p> <p>- Desenhar o polícia de forma a apresentar algum aspeto que o caracterize.</p> <p>- Observar as características das folhas.</p> <p>- Reconhecer o polícia como agente de segurança.</p> <p>- Conhecer elementos que caracterizem a polícia, como chapéu, farda, pistola, etc.</p>	<p>-Construção e decoração da janela do outono – folhas e árvore.</p> <p>-Ilustração sobre as ideias, das crianças, sobre o outono.</p> <p>-Ilustração de um desenho sobre o polícia.</p> <p>Nota: Os desenhos juntamente com a frase expressa pelas crianças sobre a polícia, serão colocados numa capa devidamente identificada. É de referir que para além dos desenhos desta respetiva sala também se juntaram os desenhos realizados pela Sala das Borboletas.</p> <p>-Recolha de folhas no exterior da escola.</p> <p>-Apresentação de várias folhas.</p> <p>-Visita de estudo ao Comando da Polícia de Segurança Pública.</p>		<p>contente em conhecer as instalações bem como instrumentos utilizados pelos polícias.</p>
<p>Nota: Nesta semana será entregue, a cada encarregado de educação, uma castanha com o intuito de a decorarem. Após a decoração das mesmas será realizada, na sala de atividades, uma pequena exposição.</p>				

Referências

Poema: Sofia & Daniela (s.a). *O Outono chegou*. Disponível em: <http://web.educom.pt/pr1305/outono05.htm>.

Apêndice E – Grelha de planificação do “Halloween”

Centro de Competência de Ciências Sociais 2º Ciclo – Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico Estágio 1º Semestre 2011/2012 Planificação Semanal – 31/10/2011 a 03/11/2011 – “Halloween ”		
Instituição Educativa: Escola Básica do 1ºciclo com Pré- Escolar da Nazaré	Sala: Estrelinhas	Idades das crianças: 4 a 6 anos
Supervisora Pedagógica: Conceição Sousa	Orientadora Cooperante: Graça Silva	Aluna Estagiária: Sofia Rocha

Áreas de Conteúdo	Competências Específicas	Atividades/Estratégias	Recursos	Observações
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área da expressão e comunicação</p> <p>- Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>- Domínio da expressão dramática</p>	<p>A criança deve ser capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar-se e ao outro. - Permanecer atento e em silêncio. - Respeitar as regras da sala. - Apresentar as suas ideias, sugestões e críticas. <p>- Articular corretamente palavras.</p> <p>- Manter um diálogo.</p> <p>- Recordar e expressar situações vividas.</p> <p>- Narrar os vários acontecimentos da história.</p> <p>- Representar a personagem atribuída.</p> <p>- Improvisar situações que não</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Rotinas diárias. -Diálogos coletivos e individuais. - Atribuição de tarefas. -Resolução de conflitos e problemas. -Avaliação/reflexão das atividades. <p>-Diálogos coletivos sobre o Halloween”</p> <p>-Leitura e reconto da História - “Um jantar de arrepiar”- Luísa Ducla Soares.</p> <p>-Dramatização da história.</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Crianças - Educadora Cooperante - Educadora Estagiária - Assistente Operacional <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - História – “Um jantar de arrepiar”, uma abóbora, vela, vestido de bruxa, xaile, lenço, chapéu de bruxa, lençóis, disfarces diversos, molho de tomate, salsichas, sumo de frutos vermelhos, luva, panela, cama, tinta de guache, esponjas, folhas A4 brancas e cores de feltro. <p>Físicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sala de atividades. 	<p>O grupo apresentou-se muito participativo em comunicar conhecimentos e vivências sobre o Halloween.</p> <p>Quanto ao momento da leitura da história, o grupo permaneceu um pouco irrequieto, sendo necessário chamar a atenção para que se mantivessem concentrados.</p> <p>No que se refere à decoração das abóboras o grupo demonstrou-se interessado e participativo. No entanto apresentaram algumas dificuldades em controlar a quantidade de tinta na esponja.</p> <p>Relativamente ao desenho realizado sobre a história, foi possível verificar que a grande maioria conseguiu ilustrar as personagens principais da história, bem como alguns acessórios, nomeadamente,</p>

<p>- Domínio da expressão plástica.</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>estejam descritas na história.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Manusear as esponjas e tintas corretamente. - Expressar a sua criatividade e imaginação nas suas produções - Realizar atividades com técnicas diferentes. - Desenhar uma parte da história. <p>- Reconhecer a temática festiva e suas tradições.</p> <p>- Contacto com elementos tradicionais da época.</p>	<p>-Decoração de abóboras – Técnica de esponjas.</p> <p>-Desenho sobre a história.</p> <p>Nota: será elaborado uma capa onde serão colocados os desenhos realizados pelas crianças bem como o guião da história e as fotos da dramatização.</p> <p>- Apresentação e decoração de uma abóbora real.</p>		<p>as abóboras e a luva.</p> <p>O grupo de uma forma geral demonstrou grande interesse em realizar a dramatização da história. Para que a dramatização fosse possível ficou acordado, em grupo, a colaboração de algumas crianças em trazer, alguns adereços para a representar algumas personagens da história. Contudo, essa colaboração não foi visível, pois as crianças não trouxeram os adereços combinados. Ainda sobre a dramatização, o grupo apresentou algumas dificuldades em representar as personagens da história.</p>
---	--	---	--	---

Referências:

Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar. Disponível em: <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/>

Soares, L. (2010). *O Livro das datas*. 3ª edição. Porto. Civilização Editora.

Apêndice F – Grelha de avaliação da criança 1ª semana

Avaliação Individual
<p>Nome da criança: “Luísa”</p> <p>Idade: 5 anos</p> <p style="text-align: center;">1ª Semana: 03-10-2011 a 07-10-2011</p>
Área de Formação Pessoal e Social
<p>A “Luísa” é uma criança sociável, meiga, responsável e autónoma. Já consegue reconhecer a sua identidade sexual bem como algumas partes do seu corpo, cabeça, mão, dedo e pé. Apresenta algumas dificuldades em assumir e cumprir as regras estipuladas. É uma criança que tem um bom relacionamento com os adultos e com os seus pares. É de salientar que algumas vezes deixa-se influenciar por atitudes menos corretas dos amigos, levando-a a distrair-se durante as atividades. Não demonstra dificuldades em partilhar materiais com os seus colegas.</p>
Área de Expressão e Comunicação
<p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita: A criança apresenta dificuldades na articulação e pronúncia de palavras e na construção de frases. Nos diálogos, em grande grupo, às vezes participa expondo as suas ideias e sugestões. Não sabe escrever o seu nome.</p> <p>Domínio da expressão plástica: Gosta muito de realizar atividades plásticas, pelo facto de demonstrar interesse desde o primeiro momento. Quanto ao recorte de materiais possui algumas dificuldades no manuseamento da tesoura. Relativamente à colagem já tem noções da dosagem que deve utilizar. Possui poucas dificuldades em utilizar o cotonete nas suas produções. Na pintura apresenta lacunas em pintar na mesma direção.</p> <p>Domínio da expressão motora: Gosta de correr, saltar e pular tanto no recreio como nos jogos realizados. Consegue segurar nos objetos ao mesmo tempo que corre. É uma criança que participa com agrado nos jogos propostos. Apresenta dificuldades em identificar direita/esquerda.</p> <p>Domínio da expressão musical: Consegue memorizar a canção, contudo demonstra dificuldades em realizar gestos ao mesmo tempo que canta. Mostra interesse em se baloiçar ao som da música.</p> <p>Domínio da matemática: A criança demonstra dificuldades em unir as peças de forma a obter</p>

o puzzle correto. Consegue reconhecer algumas cores e associa-as a objetos, como por exemplo diz que a cor rosa representa a cor da pele do ser humano. Já consegue contar até o número 12. É capaz de distinguir em cima, em baixo, dentro e fora.

Conhecimento do Mundo

A criança revela pouco interesse em querer saber mais sobre o tema abordado ou mesmo sobre outros temas. Apresenta dificuldades em memorizar alguns conceitos transmitidos. Revela dificuldades em reconhecer o dia da semana, o mês e o ano. Reconhece que o corpo humano é constituído por várias partes, e não sabe dizer o nome de algumas partes.

Observações: A “Luísa” é uma criança muito risonha. De uma forma geral comporta-se bem tanto no tapete como no recreio. É um pouco tímida, principalmente nos momentos de grande grupo e por esse facto é solicitada a intervir, de forma a expor as suas ideias e sugestões.

Apêndice G – Grelha de avaliação da criança 2ª semana

Avaliação Individual
<p>Nome da criança: “Luísa”</p> <p>Idade: 5 anos</p> <p style="text-align: center;">2ª Semana: 10-10-2011 a 13-10-2011</p>
Área de Formação Pessoal e Social
<p>A “Luísa” é uma criança sociável, meiga, responsável e autónoma. Apresenta algumas dificuldades em assumir e cumprir as regras estipuladas, principalmente no tapete. É uma criança que tem um bom relacionamento com os adultos e com os seus pares. É de salientar que algumas vezes deixa-se influenciar pelas atitudes menos corretas dos amigos levando-a a distrair-se durante as atividades. Não possui dificuldades em partilhar materiais com os outros colegas. Já tem noção das rotinas diárias da sala. Consegue desempenhar bem o papel de chefe da sala. É uma criança pouco conflituosa.</p>
Área de Expressão e Comunicação
<p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita: A criança apresenta dificuldades na articulação e pronúncia de palavras e na construção de frases. Nos diálogos em grande grupo participa, às vezes, expondo as suas ideias e sugestões. Gosta de ouvir histórias mais releva dificuldades em recontá-las. Já consegue copiar, minimamente, o seu primeiro nome.</p> <p>Domínio da expressão plástica: Gosta muito de realizar atividades plásticas. Já consegue representar o esquema corporal apresentando pormenores. Revela lacunas no contorno das frutas, pelo facto de não conseguir movimentar o lápis ao mesmo tempo que segura no molde das mesmas. Relativamente à pintura apresenta dificuldades em pintar na mesma direção e dentro da linha de contorno.</p> <p>Domínio da expressão motora: Gosta de correr, saltar e pular no recreio. Consegue segurar nos objetos ao mesmo tempo que anda. Apresenta dificuldades em identificar direita/esquerda. No momento do almoço não utiliza adequadamente a faca.</p> <p>Domínio da expressão musical: Consegue memorizar a canção, contudo demonstra dificuldades em realizar os gestos ao mesmo tempo que canta a canção. Mostra interesse em se baloiçar ao som da música. Tem dificuldades em reproduzir batimentos rítmicos.</p>

Domínio da Expressão Dramática: Gosta muito de brincar na área do faz-de-conta onde realiza pequenas dramatizações, utilizando a mímica e diálogos.

Domínio da matemática: Consegue reconhecer algumas cores e associá-las aos objetos, como por exemplo diz que a cor amarela é a cor da pera. É capaz de distinguir em cima, em baixo, dentro e fora. É capaz de contabilizar as quantidades dos ingredientes, necessárias, para a confeção do batido de banana.

Conhecimento do Mundo

A criança revela pouco interesse em querer saber mais sobre o tema abordado ou sobre outros que surjam. Contínua a ter dificuldades em reconhecer o dia da semana, o mês e o ano. Apresenta dificuldades em memorizar alguns conceitos transmitidos. Reconhece algumas frutas, bem como as cores que as correspondem. Reconhece alguns ingredientes necessários para a confeção do batido de banana e para a confeção da salada de fruta.

Observações: Esta semana a criança apresentou-se chorosa, principalmente no momento do acolhimento, pelo facto de não quer comer as refeições na sua totalidade, ficando algum tempo agarrada à sua mãe. Contínua a ser pouco comunicativa, nos diálogos em grande grupo, sendo muitas vezes solicitada a intervir de forma a expor as suas ideias e sugestões.

Apêndice H – Grelha de avaliação da criança 3ª semana

Avaliação Individual
<p>Nome da criança: “Luísa”</p> <p>Idade: 5 anos</p> <p style="text-align: center;">3ª Semana: 17-10-2011 a 21-10-2011</p>
Área de Formação Pessoal e Social
<p>A “Luísa” é uma criança sociável, meiga, responsável e autónoma. Apresenta algumas dificuldades em assumir e cumprir as regras estipuladas, principalmente no tapete. É uma criança que tem um bom relacionamento com os adultos e com os seus pares. É de salientar que algumas vezes deixa-se influenciar pelas atitudes menos corretas dos amigos levando-a a distrair-se durante as atividades. Não possui dificuldades em partilhar materiais e frutos com os outros colegas. Já tem presente as rotinas diárias. Toma decisões do si própria e ajuda os colegas quando estes necessitam.</p>
Área de Expressão e Comunicação
<p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita: A criança contínua a apresentar dificuldades em articular e pronunciar corretamente palavras, bem como construir frases. O seu vocabulário apresenta-se pobre e pouco diversificado. Nos diálogos, em grande grupo, participa poucas vezes. Já começa a copiar a seu nome, todavia há letras que, ainda, tem dificuldade em reproduzir.</p> <p>Domínio da expressão plástica: Gosta muito de realizar atividades plásticas, pelo facto de demonstrar interesse em participar desde o primeiro momento. Na pintura apresenta dificuldades em pintar na mesma direção. Consegue corresponder a cor correta ao fruto. No recorte, releva alguma facilidade em manusear a tesoura. Quanto à colagem já tem interiorizado a dosagem correta a utilizar. Utiliza os materiais com muito cuidado.</p> <p>Domínio da expressão motora: Gosta de correr, saltar e pular no recreio. Consegue segurar nos objetos ao mesmo tempo que anda. Apresenta dificuldades em identificar direita/esquerda. No momento do almoço contínua a não utilizar, adequadamente os talheres.</p> <p>Domínio da expressão musical: Consegue memorizar a canção e começa a revelar facilidade em realizar os gestos ao mesmo tempo que canta a canção. Mostra interesse em baloiçar ao som da música. Participa em pequenas coreografias.</p>

Domínio da matemática: Não é capaz de identificar quantos grupos é constituída a roda dos alimentos. É capaz de distinguir em cima, em baixo, dentro e fora.

Domínio da Expressão Dramática: Tem facilidade mimar elementos quer sejam da natureza ou não. Gosta de brincar ao faz-de-conta na área da casinha.

Conhecimento do Mundo

A criança revela pouco interesse em quer saber mais sobre o tema abordado ou sobre outros que possam surgir. Continua a revelar dificuldades em reconhecer o dia da semana, o mês e o ano. Apresenta dificuldades em memorizar alguns conceitos transmitidos. Conhece algumas frutas e alimentos, bem como as cores correspondentes. Reconhece os alimentos que costuma consumir ao pequeno-almoço. Não tem conhecimento sobre a existência da roda dos alimentos. Identifica a água e vários alimentos como bens essenciais para a sobrevivência humana. Releva poucos conhecimentos, relativamente, à estação do ano, o outono, bem como as alterações que esta apresenta.

Observações: Continua a ser pouco comunicativa, nos diálogos realizados em grande grupo, sendo muitas vezes solicitada a intervir de forma a expor as suas ideias e sugestões. Todavia esta semana apresentou-se um pouco faladora com os colegas nos momentos do tapete. Colaborou com uma peça de fruta, para a confeção do batido de banana e salada de fruta.

Apêndice I – Grelha de avaliação da criança 4ª semana

Avaliação Individual
<p>Nome da criança: “Luísa”</p> <p>Idade: 5 anos</p> <p style="text-align: center;">4ª Semana: 24-10-2011 a 27-10-2011</p>
Área de Formação Pessoal e Social
<p>A “Luísa” é uma criança sociável, meiga, responsável e autónoma. Apresenta algumas dificuldades em assumir e cumprir as regras estipuladas, principalmente no tapete. É uma criança que tem um bom relacionamento com os adultos e com os seus pares. É de salientar que algumas vezes deixa-se influenciar pelas atitudes menos corretas dos amigos levando-a a distrair-se durante as atividades. Não possui dificuldades em partilhar materiais e alimentos com os outros colegas (Sala das Borboletas). Já tem presente as rotinas diárias. Toma decisões por si própria e sabe se comportar fora da instituição educativa (no autocarro, na rua e no Comando da Polícia). A criança não é conflituosa.</p>
Área de Expressão e Comunicação
<p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita: A criança continua a apresentar dificuldades em articular e pronunciar palavras bem como construir frases oralmente. O seu vocabulário apresenta-se pobre e pouco diversificado. Nos diálogos, em grande grupo, às vezes participa pouco. Gosta de ouvir poemas, mas no momento de relatar o seu conteúdo apresenta dificuldades. Já consegue copiar o seu nome de forma correta.</p> <p>Domínio da expressão plástica: Gosta muito de realizar atividades plásticas, pelo facto de demonstrar interesse em participar desde o primeiro momento. Na pintura apresenta dificuldades em pintar na mesma direção. Consegue pintar a cor correta dos frutos. Quanto ao recorte de materiais, releva facilidade em manusear a tesoura. Na colagem a criança já tem interiorizado a dosagem adequada a utilizar. Consegue desenhar o polícia, apresentando aspetos que o caracterizam, como por exemplo o chapéu e a farda de cor azul.</p> <p>Domínio da expressão motora: Gosta de correr, saltar e pular no recreio. No momento do almoço continua a não utilizar adequadamente os talheres.</p> <p>Domínio da expressão musical: Consegue memorizar a canção e realizar os gestos ao mesmo</p>

tempo que canta a canção. Mostra interesse em baloiçar ao som da música. Apresenta lacunas em realizar batimentos rítmicos. Participa em pequenas coreografias.

Domínio da Expressão Dramática: Tem facilidade em mimar elementos da natureza ou outros. Gosta de brincar ao faz-de-conta na área da casinha.

Conhecimento do Mundo

A criança revela pouco interesse em querer saber mais sobre o tema abordado ou sobre outros que possam surgir. Continua a revelar dificuldades em reconhecer o dia da semana, o mês e o ano. Apresenta dificuldades em memorizar alguns conceitos transmitidos. Reconhece que as folhas das árvores possuem várias cores e formas. Releva poucos conhecimentos sobre as funções da polícia.

Observações: Continua a ser pouco comunicativa, em diálogos de grande grupo, sendo muitas vezes solicitada a intervir de forma a expor as suas ideias e sugestões. Apresenta pouca capacidade de atenção e concentração principalmente nos momentos do tapete. Gosta de realizar desenhos livres.

Apêndice J – Grelha de avaliação da criança 5ª semana

Avaliação Individual
<p>Nome da criança: “Luísa”</p> <p>Idade: 5 anos</p> <p style="text-align: center;">5ª Semana: 31-10-2011 a 03-11-2011</p>
Área de Formação Pessoal e Social
<p>A “Luísa” é uma criança sociável, meiga, responsável e autónoma. Apresenta algumas dificuldades em assumir e cumprir as regras estipuladas, principalmente no tapete. É uma criança que tem um bom relacionamento com os adultos e com os seus pares. É de salientar que algumas vezes deixa-se influenciar pelas atitudes menos corretas dos amigos levando-a a distrair-se durante as atividades. Não possui dificuldades em partilhar materiais com os outros colegas. Já tem presente as rotinas diárias. Toma decisões por si própria e sabe se comportar fora da instituição educativa (nos espaços comerciais e em outras instituições educativas).</p>
Área de Expressão e Comunicação
<p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita: A criança contínua a apresenta dificuldades em articular e pronunciar palavras, bem como construir frases oralmente. O seu vocabulário apresenta-se pobre e pouco diversificado. Nos diálogos em grande grupo, às vezes, participa expondo as suas ideias e sugestões. Gosta de ouvir histórias, mas no momento do reconto não consegue fazer corretamente. Já copia o seu nome na perfeição, iniciando-o com letra maiúscula.</p> <p>Domínio da expressão plástica: Gosta muito de realizar atividades plásticas, pelo facto de demonstrar interesse em participar desde o primeiro momento. No recorte, releva facilidade em manusear os materiais. Demonstra pouca dificuldade em realizar atividades utilizando novas técnicas como a esponja. Consegue associar a cor correta ao alimento, neste caso a abóbora. Quanto ao desenho sobre a história: “ Um jantar de arrepiar”, ilustrou as personagens principais da história.</p> <p>Domínio da expressão motora: Gosta de correr, saltar e pular no recreio. Consegue segurar nos objetos ao mesmo tempo que anda.</p> <p>Domínio da expressão musical: Consegue memorizar a canção e realizar gestos ao mesmo</p>

tempo que canta a canção. Mostra interesse em baloiçar ao som da música.

Domínio da Expressão Dramática: Gosta de realizar dramatizações, no entanto demonstra dificuldades em representar a personagem atribuída. A sua área de eleição é a da casinha.

Conhecimento do Mundo

A criança revela pouco interesse em quer saber mais sobre o tema abordado ou sobre outros que possam surgir. Continua a revelar dificuldades em reconhecer o dia da semana, o mês e o ano. Apresenta dificuldades em memorizar alguns conceitos transmitidos. Revela pouco conhecimento sobre a época festiva, uma vez que não expõe vivências do seu quotidiano.

Observações: Nesta semana participou mais vezes expondo as suas sugestões, ideias e vivências. Apresenta pouca capacidade de atenção e concentração principalmente no momento conto e no reconto da história. Apresenta-se autónoma em realizar desenhos livres.

Apêndice K – Grelha de planificação da 1ª semana de intervenção no 1º CEB

<p>Roteiro de planificação semanal</p> <p>Escola B1/PE Ladeira</p> <p>Professora Cooperante: Elisabete Salazar Semana de: 14/11/11 a 16/11/11</p> <p>Professora Estagiária: Sofia Rocha Número: 2028407</p>

Dias da semana	Áreas curriculares/ Conteúdos programáticos	Procedimentos/Estratégias	Recursos	Aspetos a refletir
segunda-feira	<p>Língua Portuguesa: Leitura e análise do Poema “D. Gonçalo, a cavalo”</p> <p>Criação de um novo poema</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Rotinas diárias (eleição do chefe da turma, dos responsáveis pela limpeza da sala e pela distribuição dos materiais). - Registo no quadro do sumário¹ dos conteúdos a serem desenvolvidos durante o dia. - Leitura e análise do poema “D. Gonçalo, a cavalo”. <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo com a turma sobre: o tipo de texto, o número de estrofes, de versos, a identificação das rimas e o conteúdo da história. - Resolução e correção da ficha de interpretação do poema “D. Gonçalo, a cavalo”. - Criação de um poema a partir poema “D. Gonçalo, a cavalo” em são apresentadas lacunas, de forma aos alunos apresentarem novas 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professora cooperante. - Professoras estagiárias. - Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quadro de ardósia, giz e apagador. - Poema “D. Gonçalo, a cavalo”, de Luísa Ducla Soares; - Texto “O cavalo de Tróia”, de Maria Alberta Menéres. -Manual de Matemática, de Estudo do Meio, de Português e Fichas de Trabalho. - Fichas de interpretação 	<ul style="list-style-type: none"> - Na leitura do poema “D. Gonçalo, a cavalo” verificou-se a existência de algumas crianças com dificuldades na leitura, e por esse facto, solicitou-se mais vezes a leitura desses alunos ao longo da semana. - Na recriação do poema “D. Gonçalo, a cavalo, realizado, individualmente, os alunos mostraram-se criativos na elaboração de novas rimas. - Relativamente ao texto “O cavalo de Tróia”, a turma demonstrou algumas dificuldades na compreensão do texto, o

¹ O sumário será registado todos os dias, no quadro, para que os alunos tomem conhecimento da sequência dos conteúdos programáticos a serem abordados.

	<p>Introdução do conteúdo gramatical: Sinónimos/Antónimos</p> <p>Trabalho de investigação: Recolha de informação bibliográfica sobre as autoras Luísa Ducla Soares e Maria Alberta Menéres”.</p> <p>Matemática: Introdução do conteúdo programático: Centena de Milhar</p>	<p>alternativas de rimas e um novo título.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura da página 42 do manual. - Resolução e correção de uma ficha de exercícios gramaticais (sinónimos/antónimos, dígrafos e área vocabular). - Proposta de um trabalho, a pares, sobre a vida e obra da autora do texto trabalhado Luísa Ducla Soares e de Maria Alberta Menéres, autora do texto “ Cavalo de Tróia” que será trabalhado na terça-feira. - Revisão da classe das unidades (unidades, dezenas e centenas) e da classe dos milhares unidades de milhar e dezenas de milhar). - Introdução da Centena de milhar: <ul style="list-style-type: none"> - Registo no quadro de: <p>1 unidade 10 unidades = 1 dezena 100 unidades = 1 centena ou 10 dezenas 1000 unidades = 1 unidade de milhar ou 10 centenas 10.000 unidades = 1 dezena de milhar ou 10 unidades de milhar 100.000 unidades = 1 centena de milhar ou 10 dezenas de milhar</p> - Distribuição de uma ficha com ábacos, para preencher com vários exercícios propostos pelo professor. 	<p>escrita e de exercícios gramaticais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ficha de exercícios de matemática. - Ábacos. - Instrumento pedagógico “Contador”. - Ficha de consolidação de conhecimentos (Estudo do Meio). - Cronograma. - Álbum de Fotografias. - Moedas em cartão. - Cd áudio, intitulado de “ Séc.XII, Nasce uma Nação”. 	<p>que poderá ter resultado do facto de o texto ser um pouco longo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - No que concerne ao trabalho de investigação em torno das autoras Luísa Ducla Soares e de Alberta Menéres, apurou-se que existem crianças que não demonstram espírito de trabalho em grupo, não cumprindo com a sua parte do trabalho. - Na apresentação da investigação das autoras, verificou-se que, muitos alunos recolheram poemas e excertos de textos que por sua vez os leram à turma. - No que se refere aos conteúdos gramaticais, a maioria da turma já domina os sinónimos e os antónimos. O mesmo se verificou relativamente às classes dos nomes. - Durante as revisões feitas às ordens das classes das unidades e dos milhares, o grupo demonstrou algumas dificuldades, sendo necessário apresentar objetos presentes na sala
--	---	--	--	--

terça-feira	<p>Estudo do Meio: “Personagens e factos da história: Os primeiros povos”.</p> <p>Língua Portuguesa: Leitura e análise do texto “O cavalo de Tróia”, da página 46 do manual</p> <p>Introdução do conteúdo gramatical: Classe dos nomes (próprios, comuns e coletivos).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Distribuição do instrumento pedagógico o “Contador”. É constituído por 9 círculos numerados de 0 a 9 que correspondem às classes das unidades, dos milhares e dos milhões - Exploração do instrumento pedagógico “Contador”², propondo à turma vários exercícios. - Apresentação de um power point sobre os primeiros povos a habitar na Península Ibérica. <ul style="list-style-type: none"> -Diálogo sobre os conteúdos apresentados no power point. - Distribuição de um cronograma, intitulado de “Os primeiros povos”. -Preenchimento pelos alunos do cronograma. - Leitura e análise do texto “O cavalo de Tróia”, da página 46 do manual: <ul style="list-style-type: none"> - Discussão, em grande grupo, sobre o conteúdo da história. - Resolução e correção da ficha de interpretação do texto “O cavalo de Tróia” da pág. 47. - Leitura da página 52 do manual. - Resolução e correção da ficha de exercícios gramaticais da pág.53 do manual. 	<p>para que os alunos compreendessem melhor, por exemplo: um lápis representa uma unidade.</p> <p>-A exploração do instrumento pedagógico “Contador” revelou-se um ótimo meio de aprendizagem, permitindo aos alunos com dificuldades concretizar, de forma mais clara, a representação dos números.</p> <p>- No que se refere ao conteúdo programático “ Multiplicação”, foi possível verificar que os alunos já se encontram familiarizados com o procedimento dos cálculos, contudo, revelam dificuldades nas tabuadas.</p> <p>- O grupo demonstrou entusiasmo pela aprendizagem do Método de Gelsia como alternativa ao algoritmo da multiplicação, permitindo-os contactar com outras estratégias de realizar cálculos.</p>
-------------	---	--	--

² O instrumento “Contador” tem como objectivo facilitar a compreensão de três crianças com mais dificuldades de aprendizagem, garantindo-se assim, uma diferenciação pedagógica.

quarta-feira	<p>Matemática: Conteúdo programático: Centena de Milhar</p> <p>Estudo do Meio: “A reconquista cristã”</p> <p>Língua Portuguesa “Recolha de informação bibliográfica e biográfica sobre as autoras Luísa Ducla Soares e Maria Alberta Menéres”.</p> <p>Matemática: Algoritmo da multiplicação por um número com um algarismos e algoritmo da multiplicação por um número e dois algarismos.</p>	<p>- Realização e correção da ficha de trabalho nº 8 das págs. 17 e 18, com o recurso a materiais didáticos³.</p> <p>- Leitura da página 40 do manual. - Distribuição de um mapa da Península Ibérica, em que as crianças terão de legendar os reinos cristãos: Leão, Castela, Navarra e Aragão e pintar o território pertencente ao povo muçulmano.</p> <p>- Apresentação, a pares, da pesquisa efetuada. - Leitura e análise de algumas obras das autoras recolhidas pelos alunos.</p> <p>- Revisão do Algoritmo da multiplicação por um número com um algarismo. - Situação problema: Apresentar um álbum com 32 páginas e 3 fotografias em cada página. - Pedir que calculem nos seus cadernos diários a totalidade de fotos existentes no álbum.</p> <p>- Introdução do Algoritmo da multiplicação por um número com dois algarismos: - Situação-problema: Apresentar o manual de Matemática que contém 80 páginas e pedir aos</p>	<p>- Quanto à temática “Os primeiros povos” e pelo facto desta envolver muitas datas, optou-se pela utilização de um cronograma a ser completado pelos alunos durante o momento da apresentação do power piont. É de salientar que o cronograma é um ótimo meio de registo de informação, pois os alunos interiorizaram muito bem a sequência dos primeiros povos a habitar a Península Ibérica.</p> <p>- Para consolidar o conteúdo “ Reconquista Cristã”, os alunos legendaram num mapa referente à Península Ibérica os reinos cristãos e pintaram o território dos muçulmanos. A partir daí tornou-se mais fácil para a turma assimilar que o objetivo dos cristãos seria reconquistar a parte pintada, neste caso, o Sul da Península Ibérica.</p>
--------------	--	--	---

³ Para as crianças com mais dificuldades em realizar cálculos foram distribuídas moedas em cartão, para melhor concretizarem os problemas propostos na ficha de exercícios.

	<p style="text-align: center;">Estudo do Meio: “A formação de Portugal”</p>	<p>alunos que calculem nos seus cadernos diários a totalidade das páginas dos livros dos 23 alunos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pedir aos alunos que resolvam a mesma situação- problema, mas desta vez utilizando o método de gelosia. - Resolução e correção da ficha 9, das págs. 19 e 20. <ul style="list-style-type: none"> - Escuta de um cd áudio, intitulado de “ Séc.XII, Nasce uma Nação”, de Bárbara Guimarães. - Diálogo com a turma sobre os vários acontecimentos narrados ao longo da história. -Registo no quadro de algumas afirmações referentes ao tema “A formação de Portugal” e pedir aos alunos que respondam com V (Verdadeiro) ou F (Falso), justificando as falsas. 		<ul style="list-style-type: none"> -É de salientar que não foi possível concluir na totalidade o que tinha sido planeado para a área de Estudo do Meio, ficando por abordar o conteúdo “ A formação de Portugal”. O mesmo será abordado na semana seguinte. - Nos momentos de diálogo e de expor a sua opinião, alguns alunos têm tendência a permanecer mais agitados, sendo necessário alertá-los para a regra de falar à vez.
--	--	---	--	--

Referências

Lopes, C. (1989). *História cronológica de Portugal*. Porto: Porto Editora.

Ducla Soares, Luísa. (1999). *Poemas da Verdade e da Mentira*. Lisboa: Livros Horizonte.

Oom, Ana. (2010). *Séc. XII Nasce uma Nação*. Editora zero a oito.

Apêndice L – Grelha de planificação da 2ª semana de intervenção no 1º CEB

<p>Roteiro de planificação semanal</p> <p>Escola B1/PE Ladeira</p> <p>Professora Cooperante: Elisabete Salazar Semana de: 28/11/11 a 30/11/11</p> <p>Professora Estagiária: Sofia Rocha Número: 2028407</p>

Dias da semana	Áreas curriculares/ Conteúdos programáticos	Procedimentos/Estratégias	Recursos	Aspetos a refletir
segunda-feira	<p>Língua Portuguesa: Leitura e interpretação escrita de um texto</p> <p>Gramática: Revisões sobre os nomes, quanto ao género, número e</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Rotinas diárias (eleição do chefe da turma, dos responsáveis pela limpeza da sala e pela distribuição dos materiais). - Leitura, do texto “ A raposa matreira”, pág. 22 do livro de fichas. - Seleção de alguns alunos para lerem o texto. - Discussão sobre o tipo de texto, as personagens principais e os acontecimentos decorrentes na ação. - Resolução e correção da ficha de interpretação escrita p.23 do livro de fichas. - Introdução do conteúdo gramatical, através da leitura da pág. 60 do manual. - Resolução e correção dos exercícios, da pág. 61 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professora cooperante. - Professoras estagiárias. - Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quadro de ardósia, giz e apagador. - Computador. -Tela. -Projeter. - Texto “A raposa matreira”, de José Moutinho. -Manual de Matemática, de Estudo do Meio e de Língua Portuguesa. 	<ul style="list-style-type: none"> - A grande maioria dos alunos foi capaz de interpretar os acontecimentos narrados no texto. - Relativamente aos conteúdos gramaticais foram visíveis algumas dificuldades em diferenciar o género masculino e o feminino de algumas palavras. Nesta situação, foi necessário alertá-los para o facto de deverem utilizar o artigo “a” ou “o” antes dos nomes. - A turma mostrou-se interessada na exploração

<p>terça-feira</p>	<p>grau.</p> <p>Matemática: Recordar o valor posicional dos algarismos: o milhão</p> <p>Estudo do Meio: Revisões da 1ª dinastia</p> <p>O passado nacional “2ª dinastia”</p> <p>Língua Portuguesa:</p>	<p>do manual.</p> <p>-Recordar, o conteúdo abordado na aula anterior “o milhão”, registando no quadro: 1 milhão = 1.000 000 unidades ou 10 centenas de milhar.</p> <p>- Exploração de um cd, intitulado por Mundo da Carochinha”, onde serão propostos à turma alguns exercícios com ábacos.</p> <p>- Correção da ficha nº10, da pág.22.</p> <p>- Relembrar, oralmente, os conteúdos abordados sobre a 1ª dinastia.</p> <p>- Visualização e discussão de um vídeo intitulado “A batalha de Aljubarrota”.</p> <p>- Apresentação de um power point com os acontecimentos mais importantes sobre a 2ª dinastia, tais como a crise de 1383-1385, os descobrimentos e o problema da sucessão de D. Sebastião.</p> <p>- Distribuição, pelos alunos, de uma ficha de registo, onde serão retirados apontamentos sobre o tema abordado.</p> <p>- Relembrar o texto trabalhado no dia anterior “ A</p>	<p>- Cartões (dividendo, divisor, quociente e resto).</p> <p>- Imagens de bolas de futebol.</p> <p>- Palhinhas.</p> <p>- Rebuçados.</p> <p>- Ficha de exercícios de Matemática.</p> <p>- Ficha de consolidação de Estudo do meio.</p> <p>- CD áudio, intitulado de “ O Mundo da Carochinha- 4º ano”.</p> <p>- Power- point , intitulado de “ Dinastia de Avis e Dinastia Filipina”.</p>	<p>do CD sobre os abáculos. Durante a realização dos exercícios propostos verificou-se que os alunos já se encontram familiarizados com a representação dos números.</p> <p>- Após a visualização do vídeo os alunos conseguiram identificar os aspetos mais importantes sobre a “ Batalha de Aljubarrota”.</p> <p>- A folha de registo revelou-se um ótimo meio para que os alunos acompanhem os conteúdos abordados e interiorizem melhor a informação.</p> <p>- Numa fase inicial do resumo a turma teve tendência em acrescentar mais palavras ao texto, sendo necessário relembrar que o objetivo seria diminuir o número de palavras. A partir desta chamada de atenção a turma entou encontrar as</p>
--------------------	--	---	---	--

	<p>Resumo</p> <p>Matemática: Algoritmo da divisão</p> <p>Propriedade fundamental da divisão inteira</p>	<p>raposa mãeira”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura da pág.6 do livro de atividades sobre as regras que devem seguir para fazer um resumo de um texto. - Realização, no quadro, do resumo do texto e posterior registo no caderno dos alunos. - Introduzir o algoritmo da divisão através da seguinte situação problema: O professor António tinha um saco com 24 rebuçados. Decidiu distribuí-los, igualmente, pelos 6 alunos mais bem comportados. Com quantos rebuçados cada aluno ficou? - Resolução da operação utilizando um saco com rebuçados. - Identificar, na operação, os números que representam o dividendo, o divisor, o quociente e o resto, através de cartões. - Explicação, aos alunos, de um método a ser utilizado para confirmar se uma divisão está correta ou não. $\text{Dividendo} = \text{quociente} \times \text{divisor} + \text{resto}$ - Resolução de uma ficha de trabalho⁴ sobre a divisão. 	<p>melhores estratégias para ultrapassar esta situação.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quanto à situação-problema apresentada à turma, de uma forma geral, os alunos conseguiram chegar ao resultado, respeitando todos os passos referentes à divisão. No entanto, apresentaram algumas dúvidas em identificar corretamente, os números que representam o dividendo e os que representam o divisor. - O grupo mostrou-se interessado pela aprendizagem da propriedade fundamental da divisão inteira, colocando-a sempre em prática após a resolução de uma divisão. - Aquando da resolução da ficha de trabalho alguns alunos apresentaram dificuldades em interpretar
--	--	--	---

⁴ Na realização desta ficha de trabalho serão disponibilizados vários recursos materiais, tais como palhinhas e imagens de bolas de futebol para as crianças com mais dificuldades de aprendizagem.

quarta-feira	<p>Estudo do Meio: “Revisões da 2ª Dinastia”</p> <p>Expressão Plástica “Construção de um castelo”</p> <p>Língua Portuguesa: “Produção escrita”</p> <p>Matemática: “Revisões sobre o algoritmo da divisão”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Lembrar, oralmente, os conteúdos abordados na aula anterior sobre a 2ª dinastia. - Resolução e correção de uma ficha de consolidação da pág.47 do manual. - Início da construção de um castelo, em grupo, recorrendo às indicações expressas no livro de atividades – expressão plástica pág.2. - Cada grupo de cinco ou três elementos elaborará um castelo, recorrendo a materiais plásticos. - Diálogo, com a turma, sobre a estrutura de um texto (introdução, desenvolvimento e conclusão). - Apresentação da imagem de um rei e propor aos alunos que realizem, individualmente, uma produção escrita, onde descrevam o que fariam se estivessem no papel de rei por um dia. - Distribuição de uma folha onde farão esse registo. - Recordar o algoritmo da divisão, através de um pequeno exercício no quadro, em que serão indicados, novamente, o dividendo, o divisor, o quociente e o resto. - Correção da ficha de trabalho. 	<p>os problemas. Concluiu-se que a turma necessita de praticar com maior regularidade situações problemáticas, tendo em vista desenvolver o seu sentido de compreensão.</p> <p>- Na resolução da ficha de consolidação sobre a 2ª dinastia, alguns alunos revelaram-se confusos em descrever a sequência dos acontecimentos. É nesta linha de ideias que se torna necessário realizar uma revisão diária sobre os conteúdos que vão sendo leccionados.</p> <p>- No que se refere à produção escrita, verificou-se que apesar de ter sido apresentada a imagem de um rei, a turma necessitou, ainda, de mais algumas pistas que servissem de inspiração. Tal facto revela a pertinência de envolver os alunos antes da realização de qualquer tarefa.</p>
--------------	---	--	--

	<p>Estudo do Meio: O passado nacional “3ª Dinastia”</p> <p>Expressão Plástica: “Conclusão do castelo”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução ao conteúdo programático, através da leitura e discussão da pág. 48 do manual de Estudo do Meio. - Apresentação de um power point em que serão expostas informações complementares às expressas no manual. - Registo da informação do power point numa folha distribuída. - Resolução e correção de uma ficha de consolidação. - Conclusão e apresentação dos castelos construídos pela turma. - Exposição dos palácios na entrada da instituição. 	<ul style="list-style-type: none"> - Durante a construção do castelo, a turma demonstrou-se participativa, pelo facto de ser uma atividade de cariz prático. Contudo, a turma releva algumas dificuldades em cooperar em grupo, nomeadamente na partilha de materiais, na interação com os elementos e na partilha de ideias e sugestões. - Quanto ao comportamento nas aulas, a turma apresenta dificuldades em respeitar a regra de falar à vez.
--	---	--	--

Referências

Letra, C. & Freire, F. (2011). *O Mundo da Carochinha-4º ano*. Gailivro.

Lopes, C. (1989). *História cronológica de Portugal*. Porto: Porto Editora.

Oliveira, A. (2009). A Batalha de Aljubarrota. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=x8V7y3tvJVk&feature=related>.

Apêndice M – Grelha de planificação 3ª semana de intervenção no 1º CEB

<p>Roteiro de planificação semanal</p> <p>Escola B1/PE Ladeira</p> <p>Professora Cooperante: Elisabete Salazar Semana de: 12/12/11 a 15/12/11</p> <p>Professora Estagiária: Sofia Rocha e Karina Jesus Número: 2028407 e 2053907</p>
--

Dias da semana	Áreas curriculares/ Conteúdos programáticos	Procedimentos/Estratégias	Recursos	Aspetos a refletir
segunda-feira	<p>Matemática: Estratégias de resolução de problemas</p> <p>Estudo do Meio: 4ª dinastia</p> <p>Orientação do livro: “Os reis de Portugal”</p> <p>Sensibilização à peça de teatro</p>	<p>- Realização da ficha nº 12 do manual das fichas de trabalho e do exercício 4, da pág.51 do manual.</p> <p>- Utilização de diversos materiais didáticos para auxiliar os alunos na resolução dos exercícios.</p> <p>- Correção dos exercícios no quadro.</p> <p>- Leitura e análise das páginas 49 e 50 do manual.</p> <p>- Visualização de um vídeo intitulado de “Lisboa depois do terramoto” e posterior discussão sobre o mesmo.</p> <p>- Finalização do livro “Os reis de Portugal” e preparação dos alunos para a apresentação a ser realizada à turma do 4º A.</p> <p>- Diálogo com os alunos sobre a peça de teatro à qual irão assistir, o respetivo local e o horário da atuação.</p>	<p>Humanos:</p> <p>- Professora cooperante.</p> <p>- Professoras estagiárias.</p> <p>- Alunos.</p> <p>Materiais:</p> <p>- Quadro de ardósia, giz e apagador.</p> <p>- Manual de Matemática, de Língua Portuguesa e de Estudo do Meio.</p> <p>- Computador.</p> <p>- Projetor.</p> <p>- Vídeo “ Lisboa depois do terramoto”.</p> <p>- Moldes de postais.</p> <p>- Marcadores brilhantes.</p> <p>- Estrelas em cartão.</p> <p>- Cores de pau.</p> <p>- Cores de filtro.</p>	<p>- Cerca de metade dos alunos revela capacidade em aplicar diferentes estratégias de resolução de problemas. Já os restantes carecem do suporte de materiais didáticos para melhor concretizar o seu raciocínio.</p> <p>- Relativamente ao tema da “quarta dinastia” abordada na área de Estudo do Meio foi possível apurar que grande parte dos alunos se interessa pelos fatos da história. A visualização do vídeo sobre o terramoto em Lisboa despertou a atenção dos alunos, que levantaram diversas questões sobre o</p>
terça-feira	<p>Peça de teatro:</p>	<p>- Visualização da peça de teatro “O Natal dos</p>		

<p>quarta-feira</p>	<p>“O Natal dos Animais”.</p> <p>Estudo do Meio: Apresentação do livro à turma da sala ao lado “Os Reis de Portugal”.</p> <p>Atividades lúdicas: Relacionadas com a época festiva: o Natal</p> <p>Matemática: “Resolução de problemas que envolvem estimativas</p>	<p>Animais”⁵.</p> <p>- Ilustração relativa à peça de teatro assistida.</p> <p>- Distribuição de um pequeno livro aos alunos da sala visitada, onde poderão registar o cognome dos reis e a respetiva duração dos seus reinados.</p> <p>- Apresentação⁶ do livro “Os reis de Portugal”, resultante das pesquisas efetuadas pela turma.</p> <p>- Realização de algumas atividades lúdicas, tais como: sopa de letras, palavras cruzadas e desenhos para colorir.</p> <p>- Situação-problema: Mostrar vários talões de compras e pedir aos alunos que apresentem as suas estimativas quanto ao total da fatura.</p> <p>- Registo no quadro das várias estimativas e posterior comparação com os valores exatos.</p> <p>- Resolução e correção no quadro da ficha nº 56 e nº 57 do manual.</p>	<p>- Livro “Os Reis de Portugal”.</p> <p>- Ficha de registo.</p> <p>- Talões de compras.</p> <p>- Sopa de letras.</p> <p>- Desenhos para colorir.</p> <p>- Lãs.</p> <p>- Papel celofane.</p> <p>- Papel crepe.</p> <p>- Esferovite.</p> <p>- Imagens alusivas ao inverno.</p>	<p>tema.</p> <p>- No debate realizado em torno da peça de teatro “O Natal dos Animais”, os alunos foram participativos na descrição dos vários acontecimentos. Para não deixar passar em branco este dia os alunos realizaram, ainda, uma pequena ilustração sobre a peça.</p> <p>- A apresentação do livro “Os reis de Portugal” revelou-se enriquecedora pela partilha de conhecimentos que houve entre as duas turmas.</p> <p>- Na temática “estimativas” abordada na área de Matemática, os alunos aderiram com entusiasmo ao lançamento de estimativas quanto ao valor total das faturas. Pudemos verificar que alguns alunos não sabem realizar estimativas. Foi necessário alertá-los para a estratégia</p>
<p>quinta-feira</p>	<p>Expressão Plástica: Construção de um postal de Natal e decoração da sala com algumas imagens alusivas à presente estação do ano</p>	<p>- Dobragem de um postal de Natal com a forma de um pinheiro e posterior decoração com diversos materiais.</p> <p>- Decoração de algumas figuras alusivas à estação do ano “inverno” para afixar nas janelas da sala.</p>		

⁵ É de salientar que a peça “O Natal dos Animais” contará com a participação das professoras estagiárias na interpretação de algumas personagens.

⁶ A apresentação do livro “Reis de Portugal” será feita à turma do 4ºA, sendo esta a última etapa da metodologia de Trabalho de Projeto, em que os alunos dão a conhecer o resultado final do seu trabalho à comunidade educativa.

				de deverem arredondar os valores, de forma a facilitar o seu raciocínio. - Para comemorar a época natalícia, os alunos elaboraram postais e participaram na decoração das janelas da sala com a janela.
--	--	--	--	--

Referências

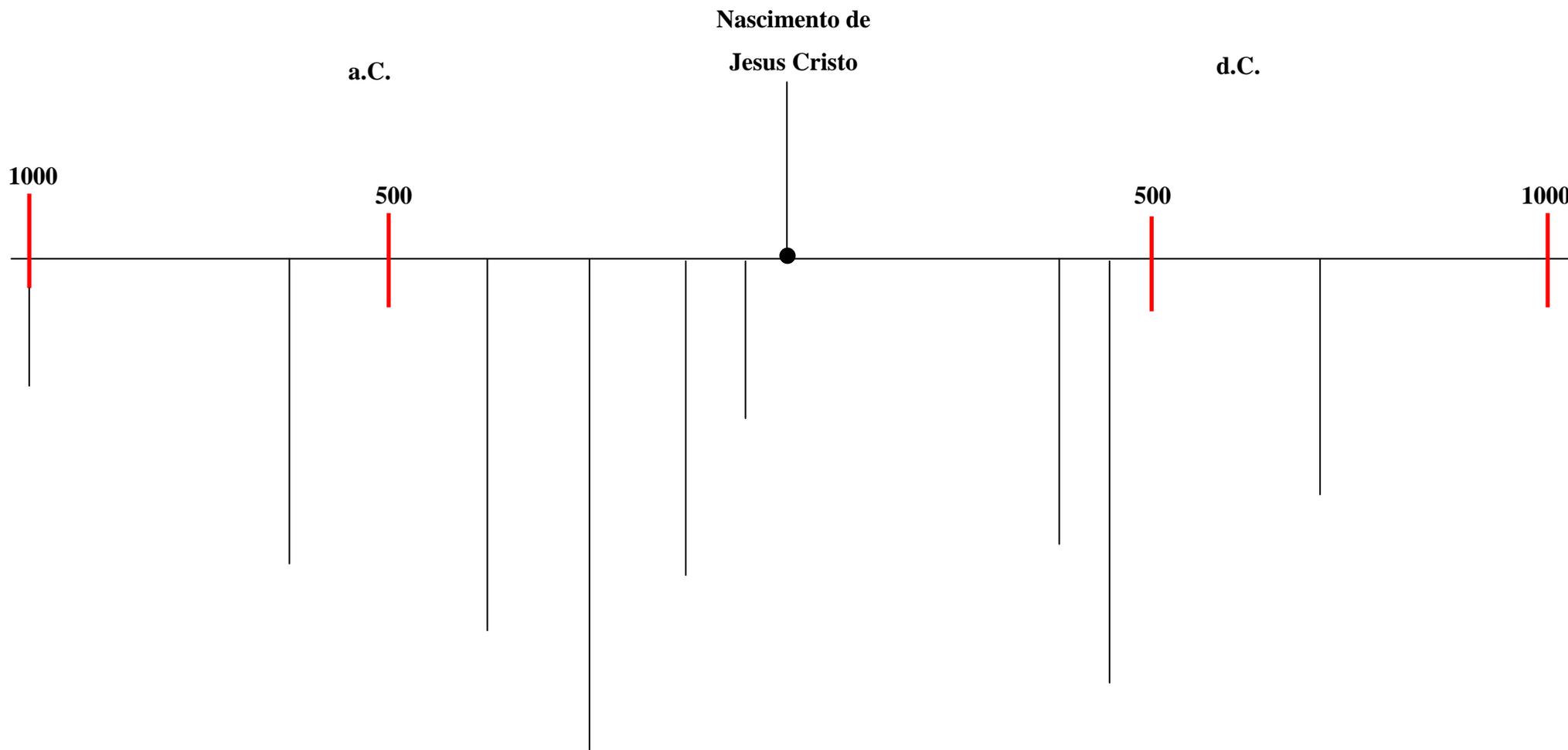
Documentário Rtp 1 (2010). *Lisboa depois do terramoto*. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=P0HvxKQhB1U&feature=related>;

Many, Eric. & Guimarães, S. (2010) *Como abordar... A Metodologia de Trabalho de Projecto*. Areal Editores;

Lopes, C. (1989). *História cronológica de Portugal*. Porto: Porto Editora.

Apêndice N – Cronograma dos primeiros povos a habitar na Península Ibérica

Estudo do Meio
Cronograma dos Primeiros Povos da Península Ibérica



Apêndice O – Grelha de registo da 2ª Dinastia**Grelha de registo**

2ª Dinastia ou Dinastia de Avis

D. João I

D. Infante Henrique

Anos	Descobrimentos

D. Duarte

D. Afonso V

D. João II

D. Manuel I

D. João III

D. Sebastião

Cardeal Henrique

D. António – Prior do Crato

Apêndice P – Ficha de avaliação de Língua Portuguesa

Língua Portuguesa

Ficha de Avaliação Trimestral- Dezembro

Nome: _____ Data: ____/____/____

Mosteiro da Batalha

Quando se fala de «Batalha», Portugal recorda um momento glorioso da sua História. Em 1385 o rei D. João prometeu dedicar um mosteiro a Nossa Senhora caso esta o auxiliasse no campo de batalha de Aljubarrota. E os Portugueses venceram!

Diligentes arquitetos projetaram uma construção sumptuosa que lembrasse ao mundo para sempre a vitória militar sobre Espanha.

Mas o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, conhecido apenas por Mosteiro da Batalha, permaneceu em obras até meados do século XVI. A falta de dinheiro, a peste e a guerra atrasaram o progresso da construção... Trabalhou aqui mais de uma dúzia de arquitetos, às ordens de seis reis diferentes...

D. João II perdeu o entusiasmo pela promessa do avô: estava mais interessado na descoberta do caminho marítimo para a Índia, no ouro de África e nos escravos negros. Mas, o seu sucessor, D. Manuel I, voltou a empenhar-se na continuação das obras. Com um grande número de símbolos marítimos, o novo estilo de construção português, documenta a descoberta do mundo durante esse século. Sempre presentes, a esfera armilar, a cruz de Cristo e a flor-de-lis marcam a importância mundial ocupada por Portugal.

D. João III continuou a obra do pai, mas depois deixou-a incompleta: as Capelas Imperfeitas são exemplo disso.

Já no século XX foi erguido, no adro do Mosteiro, uma estátua de D. Nuno Álvares Pereira, triunfante comandante das tropas portuguesas nesta tão famosa batalha «Batalha».

in *Património da Humanidade 2*, UNESCO, Círculo de Leitores.

**Vocabulário**

1. Relaciona o vocabulário novo.

triunfante
 peste
 sucessor
 progresso
 sumptuosa

deslumbrante
 herdei
 doença
 desenvolvimento
 vencedor

Compreensão

1. O que prometeu fazer D. João I, se os portugueses vencessem os espanhóis na Batalha de Aljubarrota?

2. Por que nomes é conhecido este monumento?

Mosteiro da Batalha Mosteiro da Aljubarrota

Estátua Álvares Pereira Mosteiro da Nossa Senhora

Mosteiro de Santa Maria Vitória

3. Retira uma frase do texto que expresse os motivos que atrasaram o progresso da sua construção?

4. Que outros interesses teve D. João II?

5. “Mas, o seu **sucessor**, D. Manuel I, voltou a empenhar-se na continuação das obras.” A palavra **sucessor** refere-se ao

Nuno Álvares Pereira D. João II D. João III

6. Que obra deixou incompleta D. João III?

7. «Já no século XX foi erguida, no adro do Mosteiro, uma estátua de D. Nuno Álvares Pereira...». Na tua opinião, porque razão mereceu este senhor a construção de uma estátua?

Gramática

1. Rodeia os ditongos nas palavras.

ouro muito mosteiro permaneceu são deixou voltou auxiliasse prometeu

2. Lê a seguinte frase e transcreve os dígrafos encontrados.

O Mosteiro da Batalha é um monumento conhecido pelas suas belíssimas torres pontiagudas.

3. Rodeia as sílabas tónicas e sublinha as sílabas átonas das seguintes palavras:

marítimos caminho vitória entusiasmo
dinheiro incompletas erguido continuou

4. Classifica as palavras quanto à acentuação (agudas, graves e esdrúxulas).

<i>Palavra</i>	<i>Divisão silábica</i>	<i>Classificação quanto à acentuação</i>
Vitória		
arquitetos		
São		
Estátua		

5. Escreve a palavra primitiva de:

glorioso

marítimos

mundial

6. Completa a família de palavras de: *flor*

Apêndice Q – Ficha de avaliação de Matemática

Nome: _____ Data: ____/____/____

Matemática

Ficha de Avaliação Trimestral

1- No quadro estão representados os números de 1 a 50.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50

1.1 – Indica os múltiplos de 2.

1.2 – Pinta na tabela os divisores de 5.

2- Na casa da Mariana bebe-se por mês, uma determinada quantidade de leite.

Observada a tabela e responde atentamente às seguintes questões.

Cada  = 10 pacotes

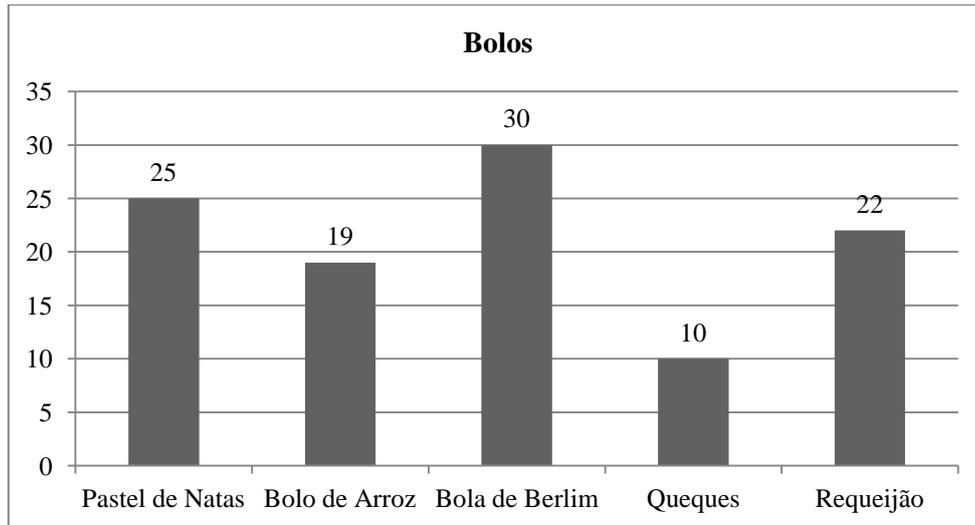
Setembro	
Outubro	
Novembro	

2.1- Qual foi o mês, em que na casa da Mariana se bebeu mais leite?

2.2- Quantos pacotes de leite se beberam no mês de Outubro?

2.3- Qual é a diferença entre o mês de maior e menor consumo de leite?

3- A mãe do Eduardo tem uma pastelaria, onde vende diversos bolos. O gráfico seguinte regista a quantidade de bolos vendidos durante um dia.



3.1- Quantos pastéis de natas foram vendidos durante esse dia?

3.2 – Qual é a moda dos bolos vendidos?

3.3 – Assinala com um **X** a totalidade dos bolos vendidos.

- 123
 106
 100
 89

4- Lê a escrita por extenso, de três números, e assinala com **X** a opção que corresponde ao número 89 450.

- Oito mil, novecentas e quatrocentas e cinco unidades.
 Oitenta e nove mil, quatrocentas e cinquenta
 Oitocentas e noventa e quatro mil e quarenta e cinco unidades.

5- Resolva as seguintes operações:

a) $1345 + 569 =$ _____ b) $2345 - 567 =$ _____ c) $634 \times 23 =$ _____

d) $772 : 3 =$ _____

Problemas

1- A Ana levou 10 euros para o campo de férias, onde esteve durante uma semana. Em cada um dos dias em que esteve no campo, a Ana gastou 50 cêntimos. Quanto dinheiro lhe sobrou?

R: _____

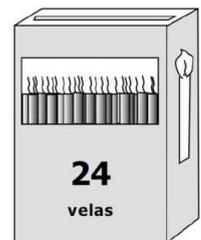
2- O João vai distribuir 560 marcadores por carteiras de plástico. Ele vai colocar 5 marcadores em cada uma. De quantas carteiras vai necessitar?

R: _____

2.1- Vai sobrar algum marcador?

R: _____

3- O Raul e o Rui são irmãos gémeos. Na próxima quinta-feira, vão fazer 9 anos. O seu avô faz 70 anos no mesmo dia. A mãe dos gémeos já fez 3 bolos, um para cada um dos aniversariantes. Quantas caixas de velas, como a da figura, é preciso comprar para enfeitar os 3 bolos, usando uma vela para cada ano?

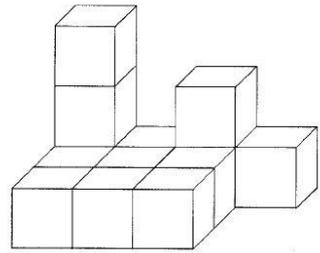


R: _____

XLVI

- 4- Com cubinhos todos iguais, o Luís fez a construção desenhada na figura seguinte.

Quantos cubinhos é que o Luís utilizou na sua construção?



R: _____

Apêndice R – Ficha de avaliação de Estudo do Meio

Estudo do Meio

Ficha de Avaliação Trimestral - Dezembro

Nome: _____ Data: ____/____/____

1. Como sabes os acidentes podem ocorrer em diferentes situações do nosso quotidiano. Para sabermos como actuar nessas situações devemos conhecer algumas regras de segurança.

1.1- Assinala com V ou F as seguintes afirmações.

Para tratar de uma queimadura, devo:

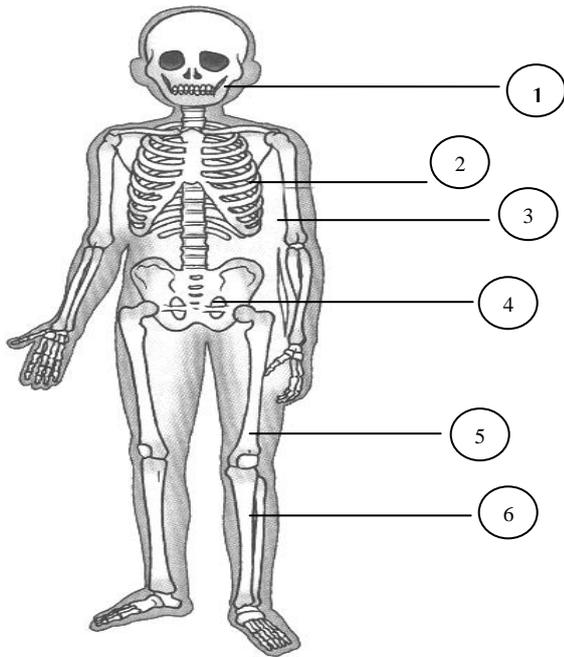
- Utilizar pressas de água quente, para aliviar a dor.
- Devo dar à vítima pouca quantidade de líquidos.
- Não preciso de recorrer ao médico no caso de queimaduras graves.
- Devo aplicar um creme para queimaduras e nunca gorduras.

1.2- Assinala com uma X as regras de prevenção dos incêndios em casa.

- Não guardar produtos inflamáveis
- Apagar os fósforos antes de deitar ao lixo
- Colocar roupa a secar sobre aquecedores
- Ligar vários aparelhos numa só tomada

2. Distingue os músculos voluntários dos músculos involuntários.

2.1-Dá três exemplos de músculos involuntários.



- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____
- 6- _____

4- Faz a correspondência correta entre as duas colunas.

- | | | | |
|---------------|-----------------------|-----------------------|---|
| Vestígios | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Estudam as fontes históricas |
| Arqueólogos | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Objectos artísticos e utensílios do passado |
| Historiadores | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Descobrem vestígios da actividade humana |

5- Completa com as palavras destacadas.

Os primeiros povos que habitaram a Península _____ foram os _____.
 Seguiram-se os _____.

O principal chefe dos Lusitanos na luta contra os romanos foi _____.

Os romanos fixaram-se na Península e deixaram-nos alguns _____,
 como: _____, _____, _____, etc.

Os habitantes da Península Ibérica praticaram a religião _____ e os Muçulmanos
 praticaram a religião _____.

- | | |
|---------|-----------|
| moeda | língua |
| celtas | cristã |
| iberos | Ibérica |
| Viriato | islâmica |
| pontes | vestígios |

6- Faz a legenda do mapa com o nome dos reinos cristãos assinalados. Pinta a região ocupada pelos muçulmanos

- A- _____
 B- _____
 C- _____
 D- _____



7- Quem foi o primeiro rei de Portugal? _____ .

8- Em que tratado ficou reconhecido como rei?

Tratado de Ourique

Tratado de Alcanises

Tratado de Zamora

9- A Batalha de Aljubarrota deu-se em 1385, indica o século _____ .

9.1- Que países estiveram envolvidos nesta batalha?

10- Dá dois exemplos de territórios conquistados pelos portugueses durante a expansão marítima.
